BIBLIOTECA HISTÓRICA PAULISTA

SEGUNDA TIRAGEM DA EDIÇÃO COMEMORATIVA DO IV CENTENÁRIO DA FUNDAÇÃO DE SÃO PAULO

RELATOS SERTANISTAS

BIBLIOTECA HISTÓRICA PAULISTA

DIREÇÃO DE AFONSO DE E. TAUNAY

VII

RELATOS SERTANISTAS

Coletânea, introdução e notas de

AFONSO DE E. TAUNAY

LIVRARIA MARTINS EDITORA S. A.

Documentos sobre as primeiras descobertas do ouro em Minas Gerais

Disse-me várias vezes Félix Pacheco com a cordialidade extraordinária que sempre me demonstrou: "quando você chegar com a sua **História das Bandeiras** à fase do ouro de Minas Gerais, peça-me uma contribuição que eu lha porei à disposição, certo de que não a desdenhará, de todo", sublinhava malicioso.

E sorria quando eu lhe retrucava que me "deixasse dar uma espiadela" ao que me afirmava não ser desdenhável e eu piamente acreditava dever ser a mais fina das papas. Bem sabia o que eram os conhecimentos desse amigo, tão eminente conhecedor da bibliografia brasileira quanto avaliador argutíssimo dos valores das peças documentais, como tanto demonstrou na monumental monografia das **Duas Charadas Bibliográficas.**

Mas não ocorreu a oportunidade com que me acenava Félix Pacheco. Correram os anos e a **História das Bandeiras** caminhou tardamente. Ainda me achava assaz longe de subir a garganta do Embau, cortar o sertão do Angaí e do Rio das Mortes — a cuja margem encontraria a minerar o meu sexto avô Antônio Vieira de Moraes, filho de São Paulo (ou de Taubaté, talvez) — e tomar o rumo do Tripuí, nas Minas Gerais do Ouro-Preto e do Ribeirão do Carmo e um pouco mais ao norte as viceiras do Sabará.

Em todo o caso jamais me esqueci de coligir elementos para tal viagem e nunca deixei de ter bem presente à memória a promessa amiga de Félix Pacheco. E assim, examinando os seus manuscritos na Biblioteca Municipal de São Paulo tive o ensejo de deitar os olhos a um papel colecionado pelo inesquecível amigo, que me proporcionou verdadeiro sobressalto.

Outrora pertencente ao Conde do Ameal, cuja livraria magnífica se dispersou em leilão, viera parar às mãos de Félix Pacheco e intitula-se simplesmente **Notícias dos primeiros descobridores das primeiras minas de ouro pertencentes a estas Minas Gerais. Pessoas mais assinaladas**

nestas empresas e dos mais memoráveis casos acontecidos desde os seus princípios.

Ao ler o derramado título acudiu-me à memória certa afirmação do velho e bom Desembargador José João Teixeira Coelho em sua **Instrução para o governo da Capitania de Minas Gerais** (1780).

"Não me cansarei em mostrar quais foram os primeiros descobridores de minas tanto porque faltam os monumentos autênticos e individuais deste descobrimento, reduzindo-se a maior parte deles a relações manuscritas que conservam alguns particulares, como porque nenhum interesse resulta ao Estado (sic) de semelhantes averiguações que unicamente podem servir de glórias aos descendentes dos mesmos descobridores. Questionem eles sobre esta matéria, enquanto eu, desprezando as suas caprichosas contendas, me ocupo na exposição daqueles fatos que são essenciais ao fim a que se encaminha esta obra, qual é o interesse público" (cf. "Rev. do Inst. Hist. Bras." XV, 318).

Duas reflexões nos traz a leitura deste tópico. Apregoava-se o Desembargador nimiamente imediatista condenando o tradicionalismo e denunciava que no tempo em que escrevia já se preocupavam os mineiros em desvendar a nebulosidade dos primeiros anos das descobertas auríferas em suas terras. E ainda que corriam, de mão em mão, diversas relações manuscritas sobre estes descobrimentos.

Servem as palavras de Teixeira Coelho de comprovação ao feitio de espírito que anima o famoso **Fundamento Histórico** do poema "Vila Rica", de Cláudio Manuel da Costa.

Sabe-se aliás que este "Fundamento Histórico" deveu-o o poeta inconfidente ao "Coronel das três vilas", Bento Fernandes Furtado de Mendonça, falecido em 1765 e filho de um dos mais notáveis bandeirantes dos primeiros anos das Minas: Salvador Fernandes Furtado de Mendonça, taubateano, e de sua mulher Maria Cardoso de Siqueira (cf. Pedro Taques: "Nobiliarquia Paulistana", ed. nossa 2, 203).

Quanto a este Bento Fernandes faleceu em Serro Frio, em Minas Gerais, onde morava havia 60 anos. Casara-se com Bárbara Moreira de Castilho, neta de Carlos Pedroso da Silveira, de tão assinalado renome na história primeva das Minas (cf. Silva Leme Gen. Paul, 5, 432). Assim pois encontrara Bento Fernandes nas tradições de família farto manancial informativo.

Um relato de sua lavra apareceu impresso, mas não no original, e sim resumido, na "Revista do Arquivo Público Mineiro" (IV, pp. 83-98), devendo-se tal resumo a M. J. P. da Silva Pontes, evidentemente

Manuel José Pires da Silva Pontes "sócio correspondente do Instituto Histórico Brasileiro".

Seria talvez parente do ilustre geógrafo e astrônomo, nascido em Mariana e falecido no Rio de Janeiro a 21 de abril de 1805 a quem se deve o grande mapa chamado da **Nova Lusitânia**: Antônio Pires da Silva Pontes Leme, o grande amigo e companheiro de Lacerda de Almeida e Ricardo Franco, nas operações da Demarcação.

Deste Manuel Pires da Silva Pontes falecido em 1850 pouco disse Manuel de Araujo Pôrto Alegre em brevíssimo necrológio: "guarda-mor das minas, naturalista e literato, nos deixou além de alguns escritos etnográficos, uma tradução da **História do Brasil** de Southey ornada de preciosas notas e comentários".

Colaborou na "Revista" do Instituto desde os primeiros números publicando **Coleções das memórias arquivadas pelas Câmaras de Sabará e Pitanguí** e **Extratos de uma viagem feita ao Espírito Santo** de que aliás ocupou a presidência de 1832 a 1835, assim como também foi deputado provincial em Minas Gerais.

Sacramento Blake não lhe menciona a filiação relatando-nos que possuia uma propriedade em Santa Bárbara onde faleceu muito avançado em anos.

Conta-nos o erudito bibliógrafo que deixou inéditas umas **Memórias Históricas da Província de Minas Gerais** que certo parente, Cesário Augusto da Gama, se propunha a publicar em 1851, não constando porém que jamais o houvesse feito.

Deve ter sido versado em matéria das antiguidades de Minas Gerais e farejador de velhas notícias. Foi o que com certeza, o pôs em contacto com a memória de Bento Fernandes.

Não sei por que motivo não a copiou. Resumiu-a porém larga e fielmente, reduzindo-a talvez à metade do que era. Foi este papel parar no Arquivo Mineiro em cuja "Revista" apareceu, sem comentárics, em 1899.

Causou real sensação tal aparecimento. Já em 1901, na primorosa memória: **Os primeiros descobrimentos de ouro em Minas Gerais** ("Rev. do Inst. Hist. de S. Paulo", 5, pp. 240-278), lastimava o ilustre e infeliz geólogo, e benemérito servidor da Ciência e do Brasil, Orville Adalberto Derby: "Pena é que a Memória de Bento Fernandes publicada seja um resumo e não a transcrição fiel deste importantíssimo documento".

Recorda Derby que o escrito de Bento Fernandes se acha em perfeita concordância com o **Fundamento Histórico** de Cláudio Manuel, poema terminado, segundo parece, em 1773, e a **Memória** atribuida a José Joaquim da Rocha, mas de cuja autoria se pode duvidar pelo meneio da frase. E a discordância no modo de contar as longitudes com o mapa de 1778, publicado em 1852, pela "Revista do Instituto Histórico Brasileiro", como obra de anônimo quando há no Arquivo do Ministério da Guerra o original de tal carta assinado por José Joaquim da Rocha.

Julga Derby que o autor deste relato é simplesmente Cláudio Manuel da Costa.

As observações do ilustre geólogo, que aqui seguem, parece-me muito procedentes: "o estilo da memória atribuida ao Coronel Bento Fernandes acusa antes um literato do que um sertanejo e tendo em vista as relações conhecidas entre o velho mineiro e o poeta é de suspeitar que a redação deste documento fosse também de Cláudio Manuel".

Pensamos que assim deve ter sido. Não parece nada provável que um homem rústico como Bento Fernandes haja sido capaz de escrever tão escorreita e, por vezes, tão elegantemente quanto se nos deparam as páginas de seu relato.

Declara o autor de "Vila Rica" ter-se valido muito da contribuição que lhe remeteu Pedro Taques cuja erudição apregoa e encarece. Foi o linhagista quem lhe mandou o texto do Poema de Diogo Garção Tinoco sôbre os feitos de Fernão Dias Paes e do qual transcreveu quatro oitavas, como é sobejamente sabido.

E como os seus manuscritos desapareceram na voragem de seqüestro da Inconfidência assim como os de Pedro Taques, graças à ignorancia e à má vontade de seus sucessores imediatos para com as coisas espirituais, perdeu-se o resto deste interessante epos, o primeiro que se compôs no Brasil, pois data do século XVII.

Desde muito se sabia quanto deveu Cláudio Manuel da Costa e Pedro Taques, como aliás o próprio poeta declara.

Agora muito mais se afirma esta opinião depois da publicação de uma carta inédita do linhagista ao infeliz inconfidente que tive o ensejo de revelar mercê da gentileza do prezado e distinto amigo João B. de Campos Aguirra.

Por esta muito curiosa missiva, datada de S. Paulo e de setembro de 1771, verifica-se que nesta época eram os conhecimentos do poeta, em matéria de história do Brasil e da própria história de Minas Gerais, muito elementares.

Mas é fora de dúvida pelo contexto do **Fundamento** e do próprio poema que Cláudio Manuel da Costa deve ter conhecido o relato de Bento Fernandes provavelmente na íntegra.

Depois de notar a coincidência extraordinária dos informes de Bento Fernandes, Cláudio Manuel, Rocha e Pedro Taques, comenta Orville Derby: "Assume a **Memória** de Bento Fernandes interesse histórico extraordinário. Conforme a própria narração o autor estava em 1702 em idade de se pôr à testa de uma exploração, e portanto as suas recordações desde então em diante (ou um pouco mais cedo) são as de um assistente.

As de data anterior devem ser informações recebidas provavelmente de seu pai, Salvador Fernandes Furtado de Mendonça e a circunstância de que estas, como no caso dos incidentes da expedição de Fernão Dias, não estão em pleno acordo com outros documentos conhecidos, não destrói o valor das que são propriamente pessoais ou de família".

Nada mais judicioso nem mais exato do que o final desta nota arguta.

"Circunstância que aumenta o valor histórico deste documento é a ausência de tentativas de engrandecer a importância de sua própria família como teria sido fácil nos incidentes da transmissão da primeira amostra do ouro por intermédio de seu pai Salvador Fernandes".

E realmente assim é. Fala o filho, discretamente, dos feitios paternos que no entanto grande destaque tiveram nos primeiros anos das descobertas mineiras e com sinceridade que abona a veracidade e a honradez geral do documento a ele atribuido.

Chama Derby a atenção para a cronologia da **Memória** lembrando que não nos devemos esquecer de que ela encerra as recordações de velho escritor muitos anos depois dos acontecimentos narrados.

Não sabemos que idade teria Bento Fernandes em 1702. Poderia ser adolescente, de seus quinze anos.

O segundo Anhanguera aos doze anos de idade achava-se com seu pai no centro de Goiaz.

Se Bento contava quinze anos, teria falecido aos 79 anos de idade, o que não é nada extraordinário.

Contasse 20 anos como é mais provável, para um encarregado de descobertas no sertão, o seu falecimento teria ocorrido aos 84 anos, o que também não é excepcional.

Segundo certo tópico do manuscrito depreende-se que foi composto sob o reinado de Dom José I, portanto após 1750, e após a posse do primeiro bispo de Mariana Dom Frei Manuel da Cruz que faleceu a 3 de janeiro de 1764.

Como acima afirmei, o resumo de Silva Pontes se adapta maravilhosamente ao apógrafo que pertenceu a Félix Pacheco, embora haja por vezes inversão de assuntos, o que em nada prejudica a fidelidade do transsunto.

É bem possível aliás que o erudito mineiro se haja valido de outro apógrafo, dado o que nos relata Teixeira Coelho acerca da existência de múltiplas cópias.

Muito difícil será dizer-se qual seja o autêntico manuscrito de Bento Fernandes.

Documento de alta valia para a história dos primeiros anos mineiros é a "Notícia". **Terceira Prática que dá ao R. Pe. Diogo Soares o mestre de Campo José Rebelo Perdigão sobre os primeiros descobrimentos das Minas Gerais do ouro.**

Imprimiu-se no tomo 69, da "Revista do Instituto Histórico Brasileiro", em 1908.

Escrevendo sete anos antes deste milésimo provavelmente dela não teve Derby conhecimento.

Tal depoimento assume grande importância por dois motivos: por provir do secretário de Artur de Sá e Menezes, na sua famosa viagem às Minas e por mais antigo do que o de Bento Fernandes.

A Provisão do Secretário da Repartição do Sul, passada a 16 de Setembro de 1697 a Perdigão, e publicada por Basílio de Magalhães (**Coleção Governadores do Rio de Janeiro,** do Arquivo Nacional (L. IV, fls. 188), encarece os méritos deste funcionário em quem Artur de Sá reconhecia pessoa de sua inteligência, confiança e condições precisas para assistir como seu secretário, numa missão para a qual partia por especial ordem de Sua Majestade.

E não eram só esses os ineptos do nomeado. Possuia todos os mais que se requeriam das pessoas de grande capacidade e cabais merecimentos.

Curioso é que Perdigão não passava de simples praça de pré. Servira na guarnição de Lisboa e na do Rio de Janeiro. Basílio de Magalhães chama-lhe Rabelo de acordo com a provisão divulgada, mas o relato ao Padre Diogo Soares está assinado Rebelo.

"Tudo faz crer, comenta este autor, que Perdigão, subscritor dos últimos atos administrativos de Artur de Sá antes da volta deste ao Reino (para onde regressara riquíssimo, lembremo-lo entre parentesis), obteve do grande amigo e poderoso protetor, direta ou indiretamente, uma data de terras auríferas no Ribeirão do Carmo, deixando então o lugar de secretário para constituir-se lavador de ouro".

E realmente o sucessor de Artur de Sá em 1702 tomou novo secretário.

Nos fastos mineiros, acrescenta Basílio de Magalhães, figura em diversas ocasiões o nome de Perdigão. Foi a confiança de seu compatriota Manuel Nunes Viana que o fez o superintendente das minas do Ribeirão do Carmo.

Em sua monumental monografia: **As Minas do Brasil** (1, p. 64), expende Calógeras a opinião de que a exposição do secretário de Artur de Sá e o relato de Bento Fernandes se confirmam mutuamente. Declara achar integralmente aceitável o que o velho paulista narrou sobre a primeira fase da mineração.

Recorda Basílio de Magalhães que existe certa incoerência entre este juízo e outro emitido na mesma obra do ilustre homem do estado-historiador, um pouco mais adiante (lb. p. 70).

"A atribuição dos descobrimentos aos sertanistas não pode ser considerada como definitiva tão poucos os elementos divulgados para dar a esta fase da nossa história sua feição real.

As tentativas feitas, reminiscências de Bento Fernandes compiladas por Silva Pontes, biografias elevadas de tendências pessoais, da **Nobiliarquia Paulistana,** esboços traçados em dias contemporâneos por Derby, Antônio Olinto, Diogo de Vasconcelos, ou em épocas mais remotas como ainda Cláudio Manuel da Costa no **Fundamento Histórico,** do Poema "Vila Rica", José Joaquim da Rocha (**Memória Histórica da Capitania de Minas Gerais**), Teixeira Coelho (**Instrução para o Governo da Capitania de Minas Gerais**), e outros, ressentem-se todos dos mesmos defeitos: a escassez de dados verificados e a serem, quanto a informações, remissivas umas às outras".

Não poderá modificar-se esta situação, enquanto se não divulgarem os documentos essenciais para trabalho deste gênero, os registos dos guardas-mores e de seus substitutos. Então sim, do exame destes atos administrativos, do cotejo com as tradições e as **Memórias** surgirá a história definitiva.

Esqueceu-se o ilustre autor, porém, da terrível realidade, vulgar nos acervos documentais do Brasil de antanho: o desbarato dos arquivos de toda a espécie, a dispersão dos papéis, a queima frequentíssima dos cartórios seculares e eclesiásticos e repartições de registros, ocasional ou proposital.

A cada passo se documenta esta destruição dos acervos históricos. Como diretor do Museu Paulista tive o ensejo de verificá-lo numerosas vezes.

Certa ocasião, aí por 1925, apareceu-me um indivíduo com uma canastrinha repleta de documentos antigos de diversas procedências mineiras, mas na maioria da Comarca do Rio das Mortes.

Vendia cada papel a mil réis apenas! Naquele consideravel acervo de muitas centenas de documentos, de várias procedências, encontrei cadernos de assentos e registros de guardas-mores das Minas, muitos outros papéis oficiais de envolta com verdadeira multidão de nomeações civis e militares, eclesiásticas e seculares referentes a oficiais de ordenanças, empregados forenses, Vigários e Conegos, etc., etc..

Com enorme e gratíssima surpresa apareceu-me o registro das datas auríferas, num afluente do Rio das Mortes e no Rio Grande, concedidas a meus trisavós o Sargento-Mor José Leite Ribeiro (1723-1801) e o Capitão Francisco José Teixeira (1740-1788), vindo então a saber que se haviam associado para uma mineração no primeiro daqueles rios, coisa que totalmente ignorava. Por ínfima quantia adquiri estes autos para o meu arquivo particular, assaz truncados, e muito estragados pelo ataque da cevandija devoradora dos papéis.

Assim pois a hipótese de Calógeras parece-me pouco fundamentada e duvido muito que, a não ser em um ou outro caso, os acervos arquivais existentes possam vir a corrigir e completar depoimentos tradicionais.

Indaguei com todo o empenho de diversos eruditos e sabedores das coisas de Minas Gerais se acaso conheciam alguma publicação integral do relato de Bento Fernandes.

A pedido meu, ilustre amigo, dr. Luiz Camilo de Oliveira Neto, tratou de informar-se a tal respeito na fonte a mais autorizada, no próprio Arquivo Público Mineiro, e lá obteve resposta negativa e curioso pormenor: reputa esta instituição de tão alto valor o original do resumo de Manuel Pires da Silva Pontes que o traz fechado no cofre do Arquivo.

Com o maior cuidado eu e o sr. Luiz Costa, digno funcionário do Museu Paulista, copiamos e conferimos o original do papel que pertenceu à livraria do Conde de Ameal e Félix Pacheco adquiriu. Apenas lhe tiramos as abreviaturas numerosas, de facílima interpretação aliás, e lhe modernizamos a ortografia.

Consultando o eminente amigo dr. Salomão de Vasconcelos, digno continuador da grande tradição de família notabilizada por homens da valia de Bernardo e dos dois Diogos de Vasconcelos, pedi-lhe que me dissesse o que sabia acerca do original do famoso manuscrito de Bento Fernandes.

Escreveu-me o douto autor do excelente volume há pouco publicado **Bandeirismo** — onde tanta pesquisa erudita e novidades de real valia se divulgam: "A cópia do Arquivo de Minas é autêntica, com bom talho de letra e devidamente consertado com entrelinhas, melhor acomodação literária e acréscimos do próprio punho de Silva Pontes". Assim esta informação parece indicar que não foi Silva Pontes quem resumiu o relato de Bento Fernandes, tendo-se valido de trabalho feito por outrem, o que aumenta a ancianidade e a autenticidade do papel.

"No fim, continua Salomão de Vasconcelos, aparece ainda esta nota que convence ainda mais".

"Seguindo-se logo na cópia desta Memória a notícia dos pormenores da Guerra dos Partidos; infelizmente perderam-se as folhas que continham esta notícia".

"Vê-se por aí que a cópia foi realmente calcada no trabalho original de Bento Fernandes", conclui o douto presidente do Instituto Histórico de Minas Gerais.

O apógrafo da livraria do Conde do Ameal finaliza com estas palavras: "Seguem-se as notícias das causas e motivos que houveram para o geral levantamento e sublevação (?) universal dos naturais do Reino de Portugal contra os paulistas e naturais de toda a serra acima".

Deve tratar-se portanto de variante do texto que serviu de base ao excelente resumo de Silva Pontes.

Monografia valiosa sobre a Guerra dos Emboabas publicou em 1929 o Prof. J. Soares de Melo. Nela há muitas novidades reveladas por numerosos documentos inéditos que o autor descobriu nos arquivos portugueses.

Refere-se o Prof. Soares de Melo mais de uma vez ao relato de Bento Fernandes "compilado e completado pelo Capitão-Mor Silva Pontes". Tal título nunca o mencionam os biógrafos dos compilados nem

aparece nos cabeçalhos das suas contribuições à "Revista do Instituto Histórico Brasileiro" como as notícias compiladas sobre a fundação de Sabará e Pitangui.

Não haverá aí um lapso do erudito autor, capitão-mor por guarda-mor?

Com a maior satisfação publiquei nas colunas do "Jornal do Comércio", o apógrafo de Bento Fernandes e mais alguns documentos do preciosíssimo códice, que pertenceram a Félix Pacheco, inesquecível amigo, insigne bibliófilo e sabedor das nossas coisas.

Reuno agora estes papéis que deram precioso documentário, certo de que aos estudiosos ofereço notável contribuição, esclarecedora dos mais velhos fastos do grande ciclo do ouro brasileiro, nas Minas Gerais, devido às bandeiras de São Paulo.

Afonso de E. Taunay

RELATOS SERTANISTAS

I

Notícias dos primeiros descobridores das primeiras minas de ouro pertencentes a Estas Minas Gerais — Pessoas mais assinaladas nestas empresas e dos mais memoráveis casos acontecidos des dos seus princípios.

Na época de 1693 veio Antônio Roiz de Arzão, natural da Vila hoje cidade de S. Paulo, homem sertanejo conquistador do Gentio dos sertões da Casa da Casca, com outros muitos naturais das outras vilas de Serra acima, em cuja paragem esteve aquartelado alguns anos, onde faziam entradas e assaltos ao gentio mais para o centro do sertão.

E vendo por aquelas veredas alguns ribeiros com disposição de ter ouro, pela experiência que tinha das primeiras minas, que se tinham descoberto em S. Paulo, Curitiba e Paranaguá, que ainda hoje existem, dando suas faisqueiras e aumentada povoação com Ministros de Justiça e estendida Comarca de Ouvidoria, fez algumas experiências, com uns pratos de pau ou de estanho, e foi ajuntando algumas faíscas, que pôde apanhar com aqueles débeis instrumentos com que podia fazer, sem ferramenta alguma de minerar.

E juntou três oitavas de ouro, em tempo acossado do Gentio que o combatia com muita fúria, e maior falta de mantimentos, rompeu o sertão para a parte da Capitania do Espírito Santo, aonde chegou escapando de grandes perigos do Gentio, fomes e esterilidade com cinqüenta e tantas pessoas que o acompanhavam entre brancos e carijós domésticos de sua administração

e dos mais companheiros, nus e esfarrapados, sem pólvora nem chumbo que é o único remédio com que os sertanistas socorrem as faltas de víveres, com a grande inteligência e trabalho que aplicam caçando as aves e féras do sertão para se sustentarem.

A Câmara da dita Vila que tinha, como mais portos de mar, ordem de Sua Majestade de que semelhantes conquistadores e diligentes de descobrimento de haveres fossem socorridos de todo necessário de que carecessem razão porque a Câmara daquela Vila lhes assistiu com todo o vestuário e provimento para se reformarem com toda a grandeza em satisfação das ordens de Sua Majestade que naquele tempo muito favorecia aos vassalos que o serviam em semelhantes empregos.

Fez patente Antônio Roiz de Arzão as três oitavas de ouro que levava ao Capitão-Mór regente e delas mandaram fazer duas memórias que uma ficou ao dito Capitão-Mór e outra ao dito Arzão. E querendo este, ainda que enfermo e maltratado dos trabalhos passados do sertão tornar a entrar pelo mesmo caminho por onde saiu a conquistar o Gentio e a estabelecer as minas com mais reforçadas diligências, o não pôde fazer por não achar naquela Vila quem quisesse acompanhá-lo para reforçar o poder de que carecia, se resolveu a passar por mar ao Rio de Janeiro e daí para São Paulo.

Chegado que fosse se lhe alterou a enfermidade de sorte que o pôs em perigo de morte, que se lhe seguiu desesperado da empresa, já não poderia conseguir deu conta dela a um cunhado seu chamado Bartolomeu Bueno que se acha banido por haver perdido todo o seu cabedal a jogos de parar, ágil para semelhantes diligências e interessado a melhorar de fortuna mais pelo trabalho do que pelo jogo se armou e dispôs para a empresa convocando mais companheiros poderosos que foram Miguel de Almeida, Antônio de Almeida e outros, de que não há lembrança, na era de 1697, encaminhando a sua jornada para a dita Casa da Casca que até hoje está para descobrir por dois motivos: o primeiro porque esta diligência teve outro efeito como adiante diremos, o segundo porque está povoado de bravos

e orgulhosíssimos gentios, que têm impedido várias diligências que se lhe têm feito por outros bandeirantes.

Estes, como dizíamos, indo na mesma diligência descobrir a Casa da Casca, acharam mostras de ouro na povoação que hoje é chamada Itaverava, e já então assim a denominava o gentio; é vocábulo de língua brasílica que quer dizer: Pedra luzente.

Fizeram seu arraial naquele lugar e uma pequena planta de um alqueire de milho que era com que se achavam e vendo que o sertão da Casa da Casca era mui agro, e falto de víveres silvestres por serem tudo matos e aspérrimas brenhas e falto do mais favorável gênero de caças, como veados, antas, emas, porcos monteses e mais gêneros de animais, e mel silvestre, que pelos campos gerais eram mais abundantes do que pelos sertões de matas incultas montanhosas e penhascosas, se resolveram a passar a tropa para a parte do Rio das Velhas, onde podiam passar a montaria com mais descanso e menos trabalho enquanto vinham as novidades do triste alqueire de milho que haviam plantado com alguns legumes.

Chegado que fosse o tempo em que consideravam os mantimentos em termo de suprir para fazerem mais experiências no mesmo lugar e continuar a diligência principal, que era a da Casa da Casca; e chegados que fossem de volta ao lugar da Itaverava, depois de passados seis meses de montaria, já no ano de 1698, colhendo os mantimentos fizeram mais reforçadas experiências no mesmo lugar e achando ouro com mais conta, fizeram novas roças, e avisaram seus parentes e amigos a São Paulo e as Vilas para que viessem para estabelecerem minas e ampliarem os descobrimentos e continuando com as diligências de socavar e lavrar alguns bocados.

A este tempo saía o Coronel Salvador Fernandes Furtado de Mendonça, o Capitão Manuel Garcia Velho, e outros sertanistas, conquistadores dos mesmos gentios e povoadores das vilas seguintes da de São Paulo para o Leste desta parte pela mesma paragem da Itaverava onde os descobridores estavam com bas-

tante gentios que haviam conquistado de outras partes do mesmo sertão do Caetê e Rio Doce (Caetê quer dizer: Mato verdadeiro e sem mescla de campo algum) em largueza de muitos centos de léguas até a costa do mar que corre do Rio de Janeiro até a Bahia.

E topando estes sertanistas com estes novos mineiros quis o sobre-dito Miguel de Almeida melhorar das armas inferiores que trazia, cometendo troca delas com as que trazia o Coronel Salvador Fernandes Furtado e lhe prometeu de volta por uma Cravina e uma Catâna todo o ouro que se houvesse tirado entre os da sua comitiva.

Conveio o dito Coronel do trato não pôr interessado no negócio se não por socorrer a quem ficava entregue a mais perigos com melhores armas.

Deu-se a busca ao ouro que havia a pouca experiência e menos agilidade daquele tempo extraido entre os intervalos do divertimento da caça, e outros empregos necessários aos sertanejos para o aumento e conservação da vida; e se não achou senão doze oitavas de ouro, que recebeu o dito Coronel, de volta das armas, que deixava ao satisfeito mineiro e continuando para a Vila de Taubaté, sua pátria, Comarca de São Paulo, com os gentios que levavam já domésticos com os mais da companhia do dito Capitão Manuel Garcia Velho, o qual ambicionando o querer ser ele o primeiro possuidor do ouro que daquelas minas se tirava cometeu o dito Coronel dar-lhes pelas ditas doze oitavas de ouro, duas índias das mais formosas que, à sua escolha, no seu lote se achasse. E com efeito escolheu o dito Coronel uma mocetona de vinte e quatro anos, pouco mais ou menos, com uma filha de 11 para 12, que catequizadas se batizaram, a mãe com o nome de Auróra e a filha com o de Célia, que há poucos anos morreu na vila do Pitanguí em casa de uma filha do dito Coronel a quem transferiu a sua administração.

Chegados que foram estes sertanejos à vila de Taubaté donde eram naturais, entre outros parentes e amigos e mora-

dores os veio visitar Carlos Pedroso da Silveira, homem principal daquela vila, de boa nota, engenho e capacidade para todo o emprego de negócios de maior porte das Repúblicas.

E achando a novidade do novo descobrimento de ouro da Itaverava e havendo as ditas doze oitavas que se achavam nas mãos do sobre-dito Manuel Garcia Velho marchou, com elas, para o Rio de Janeiro, e dando conta delas e do novo descobrimento do ouro ao Governador que então era o antecessor de Artur de Sá Menezes foi bem recebido do Governador e premiado com uma patente de Capitão-Mor da dita vila de Taubaté e com provisão de provedor dos quintos com ordem para assentar casas de fundição na mesma vila por ser das primeiras em que desembocada, digo, o caminho que vinha do sertão da situação das minas, tempo, em que com o aviso que havia enviado o descobridor com Bartolomeu Bueno a seus parentes e amigos como fica dito, haviam estes e muitos de todas as mais vilas concorrido para as novas minas. E já concorria ouro para a casa da fundição, havendo-se provido também a Garcia Rodrigues Velho, por Guarda-Mor das repartições dos ribeiros e datas e ao dito Coronel Salvador Fernandes Furtado por escrivão geral das mesmas repartições e ribeiros descobertos.

E como com a muita gente que concorria de todas aquelas vilas e costas do mar circunvizinhos se não podiam acomodar todos os mineiros nos poucos descobertos que haviam, por força houveram entre eles desuniões, razão por que competindo emulações uns com os outros, se transmontaram por vários rumos animados com as esperanças de que cada um podia descobrir minas, de que se aproveitassem com o trabalho próprio, deixando a Divina Providência ao desvelo daqueles animosos vassalos da Coroa Portuguesa que pretendiam enriquecer com os haveres ocultos por aquelas largas e aspérrimas montanhas que a poder de perigo, fome, sedes e trabalhos, romperam aqueles fragosos montes, e incultas brenhas, não só para utilidade deles como também para o grande aumento da Monarquia Portuguesa, foi servido guiá-los e deparar-lhes os haveres que se encobriam

em tão dilatado mapa como é a grande extensão de sertão tão dilatado da povoação destas minas.

O primeiro que deu a público ou ao manifesto o seu descobrimento foi Miguel Garcia, taubateano, que se repartiu pela maior parte de seus paisanos pelo dito Coronel Salvador Fernandes com a assistência do Guarda-Mor, de cujo nome ficou denominado o Rio chamado Miguel Garcia, que continuando sua corrente recebendo mais braços com continuadas faisqueiras, não aumentou só as conveniências (?) senão também as suas águas até encontrar-se fazendo barra no ribeirão do Carmo, levando sempre faisqueiras de ouro a unir-se com aquela corrente mais rica de que em seu lugar se dará notícia.

Logo no mesmo tempo saiu à luz Antônio Dias, natural também da vila de Taubaté, com o descobrimento do Ouro Preto e Antônio Dias; lugares ambos em que se acha situada Vila Rica que compreendendo Antônio Dias, denominação que lhe ficou de seu próprio descobridor, que se partiram pelo Coronel Salvador Fernandes Furtado, escrivão geral, como está dito, com comissão do Guarda-Mor, que por ser paulista e fazer pundonor de não assitir em descobrimentos ter já notícias de outros que os seus patrícios haviam feito, o fez por interposta pessoa do seu escrivão, como por ser homem de boa nota na prudência, por evitar algum distúrbio podia haver entre os descobridores pelas razões que adiante diremos.

Ao mesmo tempo, na vizinhança destes riquíssimos córregos, descobriu o Rev. Padre João de Faria Fialho, natural da vila de São Sebastião, que tinha vindo por capelão das tropas taubateanas, o cônego chamado Padre Faria, denominação derivada do seu próprio nome, a qual situação compreende a extensão de Vila Rica.

E tanto este descoberto como os mais sobreditos foram riquíssimas pintas que se repartiram pelos ditos taubateanos, quase excluindo aos paulistas, que poucos por amizade entraram nas repartições que entre estes e aqueles havia uma quase

adversão simpática procedida de serem os de São Paulo de Vila maior e composta de homens ricaços de elevados pundonores e aqueles de vila mais pequena e menos poderosos; dotados porém de alentados e superabundantes brios razão por que não querendo utilizar-se dos descobrimentos dos paulistas, se arrojaram com todo o empenho a fazer este e não gostar de que aqueles lograssem dos seus; mas aqueles, levados dos seus brios e pundonores fizeram o mesmo com não menos capricho e empenho e fizeram os descobrimentos que se seguem.

Outro Francisco Bueno da Silva, primo do primeiro explorante descobridor de Itaverava, que ficou desprezado, e deixado por aquele tempo, porque a grandeza dos novos descobrimentos havia convidado os homens com maiores conveniências subindo a grande Serra chamada hoje o Morro de Vila Rica e muito tempo o de Pascoal da Silva, mãe e fonte donde nasceram estes ricos córregos já descobertos, e voltando-o ao Poente que já eram vertentes do Rio das Velhas, cabeceiras do Rio de São Francisco que desemboca na Bahia caudaloso com muitas léguas de foz, e aqueles córregos cabeceiras do Rio Doce que deságua na Capitania do Espírito Santo, não menos agigantado nas suas correntes, descobriu o dito Bueno Segundo o córrego chamado Ouro Bueno e o do Rio das Pedras, de grandiosas e avultadas pintas que convidando seus amigos e parentes paulistas lavraram o pouco que puderam, deixando o mais e mais rico para os vindouros como o tempo mostrou nos muitos que enriqueceram naqueles ribeiros, e ainda hoje continuam neles faisqueiras ocupando mineiros.

Ao mesmo tempo que o dito Bueno descobriu estes ribeiros e convidou os amigos e parentes, como está dito, e entre estes convidou ao alcaide-mor Joseph de Camargo Pimentel para lavrar de meias uma grandiosa pinta que tinha nas datas que lhe coube; entre os quais Bueno e Camargo sucedeu um caso digno de memória em abono da liberalidade de um e mais avareza do outro. É o caso: (ainda que cause digressão o fio da história).

A tempo que o dito Camargo, e Bueno estavam lavando à bateia sua cata em que assitia o Bueno a mandar tirar cascalho em grande fora se èstava vendo luzir o ouro, e o Camargo na lavagem afastado trinta ou quarenta passos do sócio, com um tacho ao pé de si onde os lavradores lançavam o ouro que nas bateias apuravam e num tanque de água que para isto estava preparado, chegou uma mulher, pobre com uma menina orfã, a pedir uma esmola por amor de Deus.

O Camargo que era homem poderoso, liberal e de generosos lanços, governado por muito bom juízo e entendimento de que era muito bem dotado meteu a mão no tacho e quanto pôde abraçar com as grandes manoplas que tinha do ouro que estava já no tacho, mandando estender a manga da camisa a mulher lançou nela o ouro que pôde caber na manopla.

O sócio que estava notando aquela liberalidade do precioso metal em que ele também tinha igual parte estranhando-lhe a ação lhe disse: devagar que isto também é nosso.

Respondeu o liberalíssimo Camargo: é verdade que faltava lá também o seu quinhão e metendo segunda vez a manopla com mais empenho de tirar mais o lançou na manga receptáculo da primeira liberalidade em forma que levou a mendincante mais de dois arratéis de ouro para o socorro de sua pobreza, nas manoplas da liberalidade Camarguesa.

E é muito justo que antes que passemos a dar notícia dos mais descobridores e seus operários dêmos do que fez este famoso paulista em tudo generoso e com fim glorioso e venturoso por sua morte.

Desde lugar donde tiraram grosso cabedal se recolheram para São Paulo a suas casas, fugindo das graves fomes que padeciam por falta de mantimentos que chegou algum pouco que houve de milho pelos poucos que no passado ano haviam plantado para sustentar os muitos que haviam concorrido à fama que retumbava das grandezas de ouro que se tinha descoberto, a 30 e 40 oitavas o alqueire de milho e o do feijão a setenta e oitenta.

E os campos e montanhas já estéreis de caça e víveres silvestres que o muito povo que por todas as partes penetrava tinha destruido e consumido.

De sorte que na distância de 30 e 40 dias de jornada que havia das Minas a São Paulo, partia sem provimento algum e muitos acabaram de fome sem remédio. E houve tal que matou ao seu companheiro por lhe tomar com a sua tenaz de pau uma pipoca de milho que do seu borralho saltou para o do outro dos poucos grãos que cada um tinha para alimentar a vida naquele dia, aprovando-se por este caso como realidade o provérbio comum de que a fome não tem lei.

Deste perigo inevitável se retirou o nosso Alcaide-Mor Camargo para São Paulo no ano de 1700 (verdadeiramente nesta terra a era dourada; e para Portugal a de maior felicidade), com a sua comitiva e escravatura, como faziam os mais ministros que não tomavam a resolução de se transmontarem pelo Sertão dentro e Campos Gerais, a procurar os lugares mais desertos, menos combatidos e mais férteis de víveres silvestres, na entrada do ano de 1700.

E no princípio do verão deste mesmo ano voltaram outra vez os retirados para São Paulo e os refugiados nas montanhas a tempo que já os mantimentos plantados no de 99 estavam capazes de socorrer no de 1700.

Entre estes veio o nosso Alcaide-Mor prevenido para fazer também diligência de descobrimentos.

E, com efeito passando a mesma serra, que da parte do Poente, vertente do Rio das Velhas, havia dado a primeira grandeza, que com o Bueno haviam tirado para a parte do nascente seguindo a mesma serra, a vista dela, que vai fazer na sua ponta a situação das Catas Altas, em meio de sua distância descobriu um ribeirão chamado o Camargo, herdando do seu descobridor o seu glorioso apelido, dando em satisfação de sua generosa diligência, haveres de ouro que ainda hoje duram conservando povo bastante que forma uma freguesia e bom rendimento eclesiástico.

Depois de dar a partilhas este descobrimento e lavrar as suas datas pelo modo daquele tempo, aproveitando só o fácil, deixando o melhor e mais custoso para os vindouros, continuou a penetrar o sertão a parte oriental seguindo o Rio Piracicaba que é o mesmo que dizer lugar onde o peixe chega vindo das barras do mar e dali não passa a subir para cima, por impedido das cachoeiras mui altas que não podem avançar; pelo qual Rio foi vendo algumas faisqueiras limitadas até chegar ao lugar onde se descobriu um ribeiro pequeno, braço do mesmo Piracicaba que corre da parte esquerda da sua corrente de umas assinaladas serras, que de muito longe um altivo Pico que levanta ao céu serve de sinal daquele lugar como padrão que Deus quis pôr para ser buscado e achado pelo tão Padrão, como boas e grandiosas pintas, onde se assituou e fez capela com a invocação de São Miguel e se administraram os sacramentos por um capelão que consigo trazia.

Neste lugar viveu alguns anos bastantes, acompanhado de dois filhos homens. Como a sua idade e a providência do Altissimo já o chamavam para o descanso prometido aos bons lhe destinou uma enfermidade que logo o ameaçou com perigo de vida.

Neste tempo se empenhava o capelão que fizesse seu testamento, não uma só mas muitas vezes a que ele respondia com alguma paixão, dizendo não carecia de testamento porque o que ele possuia era para pagar o que devesse e o que sobrasse era de sua mulher e filhos; os quais estavam presentes e eram capazes de sua administração, razão por que lhe rogava o não amofinasse com tal testamento e não agravasse mais a sua enfermidade a qual sem embargo que ia em crescimento cada vez mais, o capelão ainda que pouco satisfeito de recusar o doente seu testamento continuou a admoestá-lo para se confessar e sacramentar-se; ao que repugnou muitas vezes dizendo: não era ainda tempo e quando fosse ele teria o cuidado de o chamar; com cuja resposta se afligiu e desconsolou muito o capelão

supondo ao enfermo impenitente ou remitente, vendo a doença em crescimento cada vez mais.

O tempo porém, ou o sucesso mostrou o contrário com evidência de mistério superior, merecido talvez de alguma devoção particular da Rainha dos Anjos Maria Santíssima e foi o caso:

Chegando um dia, de sábado, muito antes que rompesse o dia, se pôs a pé, e se vestiu com um dos melhores vestidos, que tinha, e pôs cabeleira, e o espadim à cinta (e não cause isto maravilha para aquele tempo em que todos os mais homens se trajavam parcamente com os vestuários sertanistas, e este sempre vestido como na Corte, com vestidos ricos) e mandou dizer ao capelão ao romper do dia, que era tempo de ouvir confessar, e sacramentar.

O que ouviu o capelão com júbilos de alegria, vindo prontamente e o confessou, percebendo com toda a perfeição, juízo e talento de Corte, como senão estivesse tanto tempo enfermo; e mandou armar altar no mesmo aposento, onde disse missa, e a ouviu o enfermo de joelhos, e recebeu o Sacramento.

Acabando o ato se despediu e deitando-se na cama, pediu ao capelão lhe assistisse com cuidado, que era chegado o tempo da sua partida; e entrou na agonia acabando a vida com graves demonstrações de predestinado, que sem dúvida seria; pois era homem caritativo, de bom ânimo, liberal, e de bem fazer, isento de soberanias, a que inclina a riqueza, e respeito que sempre logrou em sua vida.

II

Continua-se com as notícias dos mais descobridores, que foram ampliando os descobrimentos e das pessoas mais assinaladas neste exercício para tanto bem comum, e aumento de toda a Monarquia Portuguesa.

No mesmo ano de 1700, Tomaz Lopes de Camargo, parente contíguo do Alcaide Mor Joseph de Camargo Pimentel, descobriu ouro em o morro da Vila Rica, que ao depois senhoreou

a ambição do Mestre de Campo Pascoal da Silva, cujo nome ficou suposto naquele; e a este exemplo se foi estendendo o povo por ele, e até hoje está povoado, e tem dado consideráveis milhões de cabedal, e muitas capelas fundadas nele.

Seguindo o mesmo Morro a margem pela parte oriental; mais chegado porém à Serra, caminhou Bento Roiz, taubateano, e descobriu o lugar também hoje chamado Bento Rodrigues, havido de seu próprio descobridor, distante de Ouro Preto apenas 5 léguas, que deu grosso cabedal; e ainda hoje está dando com povoação de uma famosa capela, continuando seus haveres pela mesma Serra, onde hoje há várias lavras, como as do Coronel João Gonçalves Fraga, do Capitão João Favacho, transferida ao Capm. Caetano Ferreira Fialho, por venda, que lhe fez, por 50 mil cruzados; e outros vários, que estão descarvando os Montes, minando penhascos, e cortejando o coração da terra para haver os seus haveres.

Segundo este mesmo ruro (?) (palavra ininteligível) à margem da mesma Serra, o Capm. Salvador de Faria e Albernaz, natural da Vila de Taubaté, homem dos principais dela, e de boa nota, fervoroso em obras de caridade com suficiente luz da medicina, que socorria naqueles desertos a muitos pobres, e enfermos carecidos de remédios, de que ele andava sempre bem provido além das ervas, e raízes para vários achaques da natureza humana, queria esta misteriosa terra, de que ele tinha conhecimento e na sua companhia com grande despesa da sua fazenda sustentava muitos reinóis, que desamparados pareciam entregues à miséria e necessidades daquele tempo, tratando, curando deles com a maior e mais bem ordenada caridade em suas enfermidades, até sararem aqueles, a quem Deus queria estender a vida, e dar fim aos que completavam o decretado dela. E adiante duas léguas do lugar do Camargo já referido, descobriu dois córregos ricos, chamados Passa Dez e Inficionado, que hoje é uma famosa povoação com rendosa vigararia e tem continuado com os rendimentos de seus haveres, profundando

ao centro da terra; e pelos morros dando ouro o mais sólido em quilates de todos os ouros de outras partes.

Correndo os tempos em 1709 para 1710 houve o pernicioso levantamento de que em seu lugar daremos notícia dos ingratos filhos da Europa contra os famosos descobridores destes haveres, para remédio de tantos desválidos Europeus, e contra os paulistas, não menos empregados nos mesmos descobrimentos e benefícios aos mesmos ingratos; nome este de paulistas odioso entre aqueles, que os não puderam imitar, nem deixar de receber destes os favores, que os constituiram ingratos; próprias ações a que arroja a inveja, em quem não permanecem merecimentos e sobra a ambição de senhorear o alheio por meios violentos, ou mesmo razoáveis.

Este bom homem Salvador de Faria era possuidor de boas lavras, e datas de terras minerais, como descobridor, além de estar imenso povo acomodado por aqueles Ribeiros seus Descobertos desde o tempo das partilhas. Havia muitos reinóis, que invejosos apeteciam o logro daquelas lavras, tendo ocasião do geral levantamento que fulminaram contra os paulistas, tiveram próxima ocasião de lograr o seu intento; porque este era natural de Taubaté, Comarca de São Paulo; e geralmente os naturais de Serra-acima reputados por paulistas, emprego do venenoso harpão do ódio, e ambição, arguiram culpas fantásticas a este bom homem, e o prenderam, remetendo-o para o Rio de Janeiro onde dando-lhe as bexigas, morreu delas em casa própria, onde as justiças lhe deram homenagem por não levar culpa formada. E com a sua ausência, lhe tiraram as datas por devolutas, corando o roubo com capa de justiça, logrando por este modo o ódio o seu emprego, e a ambição o seu desejo.

Suposto, entre muitos ingratos se assinalaram outros piedosamente agradecidos.

No ano de 1702, correndo a mesma margem da Serra, duas léguas adiante, para a mesma parte oriental, onde faz ponta a Serra, nos Córregos que dela nascem, descobria o licenciado Domingos Borges, natural de São Paulo, ouro com muita conta,

que foi repartido pelos mineiros desacomodados; e ficou povoado abundantemente que hoje é o famoso arraial das Catas Altas, com freguesia populosa, vigararia colada de muito rendimento e permanece em lavras. Proveio-lhe o nome de Catas Altas, por haverem os mineiros seguido as lavras dos Córregos, buscando suas cabeceiras, seguindo as pintas, que iam lavrando; e quanto mais chegavam à Serra, mais crescia a altura da terra, que cavavam, fincando as paredes das Catas com altura impraticável nas mais partes naquele tempo.

Voltando a mesma Serra à parte do Norte distância de duas léguas, descobriu Antônio Bueno o ribeiro intitulado Bromado, por não corresponder com rendimento igual à grandeza, que dele se esperava; mas sempre foi rendendo o que bastava para ser povoado; que está hoje com uma capela formosa, e bem ornada, assistida de muitos moradores.

E voltando a mesma Serra adiante, descobriu o dito Antônio Bueno, distante de uma légua o Rio que se intitulou Santa Bárbara, que ficou povoado, de sorte que hoje é uma famosa freguesia com vigário colado, e o rio correndo para o nascente até encontrar-se com Piracicaba, descobrimento do famoso Alcaide-mór Camargo, como fica dito e está todo povoado, seguindo ambos juntos suas correntes formando cada um caudaloso rio até o lugar Antônio Dias. Descoberto pelo mesmo Antônio Dias que descobriu Antônio Dias de Vila Rica o qual era taubateano.

E chega a povoação até juntar este rio com o Rio Doce, que vem já incorporado com os Rios Piranga, Miguel Garcia, e Ribeirão do Carmo, que todos juntos vão formando o grande corpo do Rio Doce com os mais que para baixo vai recebendo.

Abaixo desta barra, onde se juntam estes rios acima declarados, cinco dias de navegação, faz barra, da parte do sul, o Rio do Caetê novo descobrimento nestes anos, feito por Pedro de Camargo um dos filhos, que naquele tempo acompanhavam o dito Alcaide-mor, como está dito; cujo descobrimento ao presente está com pouco rendimento; mas promete avultadas espe-

CATAS ALTAS — (RUGENDAS)

ranças para as cabeceiras do mesmo Rio nas Serras grandiosas, donde nasce, e outros mais rios, que por ocupados do gentio bravo e menos possibilidade do descobridor senão conquista; ou porque Deus é servido reservá-lo para melhor tempo do governo do Sereníssimo Senhor Rei D. Joseph, que Deus guarde, incorporando-se este descobrimento com o inculto da Casa da Casca, com cujas partes corresponde às cabeceiras, e Serras do Caetê, pelo larguíssimo sertão, que há, entre estas minas, e a costa do Brasil.

Continuam-se as notícias de descobrimentos que se seguiram aos primeiros que deixamos nos termos de de Vila Rica.

Voltando agora ao Pe. Faria, onde deixamos as notícias do último descobrimento daquela vertente se continuaram as seguintes:

No ano de 1701, mandou o Coronel Salvador Fernandes Furtado de Mendonça, natural da vila de Taubaté, como está dito, a seu filho Coronel Bento Fernandez Furtado, descobrir o Ribeiro de Nossa Senhora do Bom Sucesso, que o intitularam assim, por ser invocação da Senhora muito da sua devoção, que se venera por padroeira da Matriz da Vila de Pindamonhangaba, que significa lugar de se fazer anzóis; a qual vila é da Comarca de São Paulo; o qual ribeiro é onde embocam todos os córregos já ditos do Ouro Preto; Antônio Dias e Pe. Faria, e é o chamado Passadez, que tantas vezes se passava, antes de chegar ao Ouro Preto.

É maravilha rara de notar, que este não mostrou, nem tem mostrado faisca de ouro em si, senão depois de receber estes córregos ricos para baixo.

E por que lugar, onde os recebem, caminha por entre feixos de morros, e penhascos despenhado por perigosas cachoeiras, não houve quem se animasse a acometer aqueles perigos para o examinar.

Com efeito, passadas estas cachoeiras com grandes perigos e trabalhos, se reconheceu, que entre estes labirintos perigosos tinha capacidade de produzir ouro, que nelas descobriu o dito Coronel grandiosas pintas e se deu a partilhas por inumerável povo, que acudiu a elas por editais, que mandou fixar o Mestre de Campo de Auxiliares Domingos da Silva Bueno, provido novamente por Guarda-mor das Terras Minerais com jurisdição cível, e crime por Artur de Sá e Menezes, Governador então do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas. Nas quais partilhas teve data a Augusta Majestade d'El-Rei D. Pedro II, Nosso Senhor, de gloriosa memória, a escolha dos melhores, e mais peritos Ministros, que o dito Guarda-mor mandou lavrar pelo Alcaide-Mor Joseph de Camargo Pimentel, por conta de Sua Majestade que teve avultadíssimo rendimento e na mesma forma fizeram grandíssimas conveniências os que nele tiveram terras, durando muitos anos sua riqueza, por terra, e veios de água, que até hoje conserva mineiros, a relavrar o lavrado com rendimento das conveniências presentes.

No ano de 1699, havia João Lopes de Lima, natural de São Paulo, homem de boa nota, e ágil para semelhantes empresas, procurado o desemboque do ribeiro Penhascoso, que veio a ter a denominação do Bom Sucesso, em 1701, como fica dito.

Daquele desemboque para baixo entrou a examinar com grande trabalho à resistência. E foi achando faisqueiras à margem por algumas partes do rio, que a capacidade deixava penetrar; porque o rio ia crescendo em águas correntes e rápidas, e os desmontes, que a natureza dos montes com as anuais enchentes ia lançando sobre a formação dos cascalhos, fazendo mais difícil o chegar às formações sem os instrumentos minerais, que o tempo vai descobrindo, e a inteligência dos homens inventando; viu contudo coisa capaz de partilhas.

Deu no manifesto de 1700, e concorreu inumerável povo a elas; tiveram todos datas com extensão a seu gosto; que hoje pelas Estradas de Carro, a maior parte até à Barra de Guara-

piranga, que significa um pássaro de plumas encarnadas, que significa Guará vermelhão.

É este rio principal corpo de que se compõe o Rio Doce. São de Vila Rica até esta Barra dezesseis, ou dezoito léguas; e pelas voltas, que o rio dá, mais de trinta. E se denominou Ribeirão de Nossa Senhora do Carmo, por ser invocação de devoção do descobridor, ou por quem semelhante dia chegou, ou descobriu o lugar de melhor capacidade que é hoje a cidade de Mariana, com magníficos e suntuosos templos, e Sé Catedral, com amplíssimo bispado para o seu primeiro bispo, que é o Exmo. e Rvmo. D. Fr. Manuel da Cruz, de raríssimas virtudes, e excelentes prendas verdadeiramente de príncipe, que é dos que estima o Mundo.

Estenderam-se os mineiros a ocupar o lugar das suas datas por toda esta distância. E cada um fazendo suas roças nos lugares, que por sorte lhes couberam; e feitas elas, se retiraram uns à montaria, e outros aos povoados pela grande falta de mantimentos que chegou a tal valor, que a quarenta oitavas o alqueire de milho, se não achava, e o feijão, a dobrado preço, que naqueles tempos sempre assim se regulava.

No seguinte ano, que foi o de 1701, já com os mantimentos em termos de quem os seus novos frutos pudessem alimentar aos (sic) mineiros, a cada um sobre as suas roças, e datas de repartição, voltaram ao ribeirão do Carmo a colher os mantimentos e a lavrar as suas datas: porém acharam grande dificuldade em as lavrar, porque além de ser o ribeirão já caudaloso em águas, e de rápida corrente com poços mui fundos, e todo com formações, e desmontes altos antes de chegar as formações de cascalho, e piçarra, que é a última camada de ouro para o centro, e onde mostra a sua maior conta, e os mineiros acostumados a lavrar os córregos pequenos com facilidade e maiores pintas, desacoroçoados do muito trabalho, com que poderiam tirar ouro, ainda do mais fácil de algumas partes dele foram despejando todos buscando uns os ribeiros já descobertos, e

mais fáceis, como os que se tem referido, e outros com o empenho de descobrir, ou fazer novos descobertos.

Ficou enfim toda a distância referida quase deserta, só com alguns poucos que de estância acharam no rio algumas poucas itaupavas, que são aquelas paragens, em que os rios correm mais espraiados, por cima dos cascalhos com menos fundo de suas correntes e nestas partes o acharam faisqueiro; que fincando estacas de pau em meio das correntes do rio, encostados a eles, pudessem mergulhar com as bateias, e tirar debaixo da água cascalho, e piçarras, sem ter desmonte, que impeça; porque naquelas paragens, o rápido das correntes as não deixam parar quando vêm corridas dos montes com as inundações das invernadas.

Estes se conservaram em algumas partes, que acharam desta constituição de formações de rios e cascalhos como foi no lugar da cidade alguns, S. Sebastião outros, e os mais nas lavras Velhas, Crasto, e Forquim.

Estes com o seu custoso, e penoso trabalho entregues à fome, e ao rigor dos mais penetrantes frios, que padeciam no insuportável frigidíssimo regelo da constituição de que eram as águas do Carmelitano Rio, por correr a maior parte, por cavernosos penhascos, ensombrado de altíssimos montes, matos, e arvoredos, que ao depois se descortinaram, facilitando o que hoje serve, que ainda feitas as estradas a poder de ferro, e instrumentos não pode um cavaleiro dar passo para um lado, ou outro, que não seja com perigo de despenhar-se aos abismos, os mais profundos precipícios, e perigos de vida.

Tão forte, e insuportável era o frio das águas do ribeirão, que era preciso entrar nele pelas dez horas da manhã, e sair dele pelas três da tarde, o mais tarde; porque fora destas horas era insuportável o frio; e nestas poucas horas, que gastavam neste exercício, mergulhando, tirando cascalho, e lavando, faziam os escravos para seus senhores, três e quatro oitavas de ouro, de jornal, fora o que para si reservavam para comer, e beber, de que muito careciam, além da ração de seus senhores.

Correndo esta notícia, e de que por terra pelos tabuleiros altos, fora da formação do rio, em seco se descobriu cascalho, e desmontes, e desmontando a bateia a terra, e levando com ela os cascalhos faziam a mesma utilidade correndo a fama tornaram para ele muitos dos que haviam despejado, e milhares dos vindouros, concorrendo da Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro, S. Paulo, costa do mar, e novatos vindos nas frotas de Portugal para o Brasil, e foram novamente povoando com muita força o desertado Rio Carmelitano.

E fazendo todos conveniência se foi avultando a povoação, e descobrindo aquela corrente de ouro defendida de cristalinas correntes das soberbas, e caudalosas águas. Entre aqueles, que não temendo a fome, e trabalhos, que oferecia a assistência do Rio do Carmo, foi o Coronel Salvador Fernandes Furtado de Mendonça depois de lavrar a mais fácil das datas que teve no seu descoberto do Bom Sucesso, como em seu lugar dissemos, deixando o mais difícil, que ao depois enriqueceu a muitos veio a descobrir, e situar-se onde hoje está fundada a Freguesia de São Caetano, naquele tempo chamado Morro Grande.

E feitas as roças, veio aquartelar-se no Arraial chamado o de cima da Cidade Mariana, por seu lugar mais cômodo, para passar a invernada, tirando algum ouro para sustentar-se, e aos seus escravos, com mantimentos de quatro, e cinco oitavas o alqueire, enquanto os seus, que haviam plantado no tal sítio, que ao depois foi de S. Caetano o socorresse. E neste lugar do Arraial de cima, fez a primeira Capela, que houve em toda a povoação do Carmelitano rio, com licença ampla, que tinha do Exmo. e Rvmo. D. Francisco de S. Jerônimo de saudosa memória, Bispo do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas, como então era, para poder armar altar portátil, em qualquer parte, e erigir capelas, onde quer que fosse necessário para se administrar todos os Sacramentos aos católicos, que o procurassem naqueles desertos, que então o eram, pelo Capelão, que consigo trazia.

Com efeito, assim se continuou o sacrfício da Missa, e confissões naquela Capela em que o Exmo. Bispo atendendo a que

a povoação se ia estendendo, e estabelecendo; a rogos do dito Coronel, e mais povo, proveu de vigário ao Rvmo. Pe. Manuel Braz, que na dita capela exerceu bastante tempo o seu ofício de vigário enquanto se fabricou matriz, que ao depois ficou sendo até hoje ao Rosário dos Pretos, depois que se fez a que está hoje servindo de Sé, onde houve também uma capelinha de Antônio Pereira Machado, onde dizia missa o Fr. Antônio do Rosário, religioso Carmelitano, que era tão pequena que só cabia o altar dentro dela e o acólito para ajudar a missa, a qual estava no pátio que hoje serve à Sé".

III

Passado o inverno, e socorrendo já os mantimentos a prescrita opressão da fome, recolheu-se o dito Coronel Salvador Fernandes Furtado Mendonça à sua roça do Morro Grande e fabricou outra Capela com invocação da Sra. de Loreto, que também a um mesmo tempo provendo S. Excelência Reverendíssima ao Reverendo Padre Miguel Rebello de Alvim por Vigário de S. Sebastião, Sumidouro, Bromado, S. Caetano e Forquim, não houve outra capela neste dilatado distrito, onde se desse princípio a administração dos Sacramentos. Se não nesta pelo Padre Francisco Gonçalves, Capelão do dito Coronel, por ordem do dito Vigário Alvim, que ao depois, digo ao mesmo tempo, fundava Matriz no Forquim; que ao depois crescendo a povoação, e habitadores em tão largo distrito repartiu Sua Excelência Reverendissima esta dilatada freguesia em quatro, que foram: Forquim, São Sebastião, Sumidouro e São Caetano; provendo para esta de São Caetano ao Reverendo Padre Manoel Pires de Carvalho, que na dita Capela exerceu a ocupação de Vigário de São Caetano, enquanto se não erigia matriz em lugar Conveniente ao povo; tal e qual, igual ao estado daquele tempo enquanto se não formou magnífico e suntuoso templo, que hoje serve.

Nestes mesmos princípios que foram na era de 1702, para a de 703, não descansando o dito Coronel com diligências de ampliar descobrimentos mandou a seu filho Bento Fernandes Furtado a banderear para a parte do Sul, do Ribeirão do Carmo, pelo Sertão incógnito que se achava entre o Ribeirão, e Guarapiranga, e gastando meses nesta diligência, descobriu várias faisqueiras pelos lugares chamados Pinheiro, Rocha, Bacalhau, Pirapitinga, e voltando com soldados, e escravos em rede, picados de cobras e bichos venenosos, com muito trabalho, fomes, e riscos de vida, não deu a partilhas, estes descobrimentos por serem as pintas limitadas. Seguindo porém as suas picadas, foram entrando outros mineiros que lavrando estas faisqueiras foram achando aumento nelas, razão porque foram povoando sítios, arraiais Capelas, Freguesia com muita utilidade dos povos, e da Real Fazenda de Sua Majestade.

Os mais que na desertação primitiva do Ribeirão do Carmo, se empenharam também em descobrimentos foi João de Siqueira Afonso, que descobriu o Sumidouro, a parte do Sul do dito Rio, com opulência nas pintas, e conveniências que hoje é Freguesia com templo majestoso dedicado à Senhora S. Ana, conservado até o presente tempo com lavras permanentes.

No mesmo tempo descobriu João Pedroso, paulista, o Bromado da mesma parte do Sul, passando uma Serra, que divide vertentes entre Sumidouro, e Bromado, e caminhando ambos juntos se metem em Rio Miguel Garcia a todos juntos no Ribeirão do Carmo em meio da Freguesia do Forquim. E tomou este a denominação de Bromado, por não corresponder seu rendimento ao que prometia nas mostras ao descobridor; mas sempre se povoou dando conveniência aos moradores até o presente com três capelas eretas pelos mesmos moradores ricamente ornadas, em distâncias convenientes a concorrências do mesmo povo para a recepção dos Sacramentos.

Guarapiranga foi descoberto pelo mesmo João de Siqueira Afonso, taubateano, distante a mesma parte do Sul do Ribeirão do Carmo, doze léguas pelo sertão dentro, vencido tudo pelo

incansável espírito deste sertanista, de ampliar descobrimento não se satisfazendo do não menos rico que lucrável Sumidouro. É este rio hoje todo povoado com amplíssima freguesia com igreja Matriz suntuosa e bem ornada com arraial de bastantes vizinhos, que vivem das faisqueiras do mesmo rio, que até hoje existem.

(90) O Rio das Mortes, que fica à parte do poente de Vila Rica, na estrada, que vai para São Paulo, foi descoberto por Tomé Portes d'El Rei, natural de Vila de Taubaté, passados bastantes anos, depois dos mais descobrimentos não porque estivesse remoto, senão porque Deus foi servido dilatar por mais tempo o ampliar seus haveres, pois este rio se passa primeiro vindo de São Paulo, cinco dias de viagem comuns, antes de chegar a Vila Rica; e por ele passavam todos os mais descobridores já referidos, sem fazer nele experiência alguma.

E na mesma forma o dito Portes, que situando-se na mesma passagem viveu anos, de fabricar mantimentos para vender aos mineiros, que passavam para as minas, ou voltavam para os povoados, fazendo neste negócio altíssimas fortunas, até que pelos cascalhos, que se descobria pelos barrancos do Rio, fazendo experiência neles descobriu ouro.

E logo pelo ribeirão, que ao pé da mesma passagem fazia barra, fez o mesmo, que se portou com tal grandeza, que à margem dele se formou uma tal povoação, que é hoje a Vila de São João d'El Rei, cabeça de Comarca com grandiosos templos, e amplíssimo termo, com uma ponte real na passagem, que rende à Real Fazenda em suas rematações trienais consideráveis cômputos.

Ponte do Morro, hoje chamada Vila de São Joseph, que se acha situada além do rio, à parte do nascente ficando-lhe São João à parte do poente, com o rio em meio, descobriu pelo mesmo tempo João de Siqueira Afonso, taubateano já referido nos mais descobrimentos que fez.

E passados mais anos, descobriu a Aiuruóca, pelo sertão, que então era a parte do Sul, da estrada, que vai para São

VILA RICA — (RUGENDAS)

Paulo, três dias de jornada afastado para áquela parte de S. João del Rei, em as cabeceiras do Rio Grande, principais vertentes donde se forma o grande rio da Prata, que se manifesta com quarenta léguas de fóz na Nova Colônia.

Aiuruóca, vocábulo de língua brasílica, quer dizer no nosso idioma: Casa de Papagaios, aludindo a um penhasco redondo, e elevado aos ares, sobre um dos mais altos montes daquele lugar, em que os papagaios faziam morada, naquele tempo em que os gentios habitavam aqueles lugares. Este lugar de Aiuruóca é uma famosa Freguesia com duas Capelas, suas filiais, assistida de grande concurso de moradores e assistentes mineiros com disposições de duráveis minas; por assim o prometerem as constituições de suas continuadas Serras, e ribeirões, com faisqueiras de ouro.

Antônio Soares deu maior salto, mais comprida, e laboriosa diligência à parte do Norte, que chegou ao Serro do Frio, nome que os portugueses traduziram em língua própria: sendo que na gentílica é *Hyvituruhy,* que quer dizer Serro do Frio, aludindo ao muito enregelado frio, que faz pelo cume daquela Serra, com frigidíssimos ventos, pelo seu dilatado cume, por onde passa o caminho que hoje serve, e então servia aos gentios, e sertanistas que para se passar, não sendo ao meio dia, morriam entangüidos, e quase um mês de viagem naquele tempo e descobriu o ouro com grande conta, para onde concorreu grande parte do povo desacomodado, provocando-o, e pondo-o cultivado, como está.

E hoje com maiores haveres e ínclitas opulências de finíssimos e preciosíssimos diamantes, constituidos em Real contrato de milhões de cruzados. Do seu descobridor lhe proveio o nome a uma das Serras daquele Continente em que achou mais avultadas conveniências e nela se situou; igual lugar se intitulou Morro de Antônio Soares; em cujos descobrimentos foi parcial com Antônio Roiz de Arzão da mesma ascendência do primeiro Arzão, que faleceu antes de lograr os princípios que deu a estes descobrimentos no sertão da Casa da Casca, como está dito

no princípio destas notas. Sendo ambos esses descobridores paulistas.

Da mesma sorte, mais encostado à parte de noroeste, menos distância entre o Sabará e Santa Bárbara, descobriu o Sargento--Mor Leonardo Nardes, paulista, associado com uns fulanos da Guerra, naturais da Vila de Santos, o lugar onde se acha situada Vila Nova da Rainha do Caeté, bem adiministrada de rigorosa justiça que por antonomázia, dizem os chacorreiros (sic) quando querem praguejar a algum mal procedido, que a justiça da Caeté lhe caia.

Nestes termos foram continuando descobrimentos e lavras de mergulho, no ribeirão do Carmo, e custosos cercos em algumas partes do Rio; e os de terra, a poder de braço, no desmontar dos tabuleiros de formações altas; e na mesma forma o modo de lavrar nos mais descobrimentos conforme a constituição, e capacidade deles com mais, ou menos trabalho; concorrendo inumerável povo de várias partes do Brasil, e em maior quantidade filhos de Portugal, caminhando uns para este, outros para aquele lugar, digo, a diferentes lugares de Minas: os mais deles pobres, só com suas pessoas, com o seu limitado trem às costas, animados mais do interesse, que pretendiam, que das suas posses; e muito mais confiados na caridade, amor e zelo, com que os paulistas naturalmente mais inclinados a fazer benefícios do que recebê-los, os recebiam amorosamente dando cama e mesa a uns, a outros mantimentos e a todos lavras nas suas próprias com aquela liberdade e generoso ânimo, de que naturalmente são dotados, granjeando por este modo no agradecimento de alguns mais gratos os nomes de Pais, e patronos benfeitores, que na verdade os enriqueceram com o mesmo, que a sua fortuna os tinha convidado.

Assim se foram aumentando as povoações, os lucros em crescido aumento porque no lavrar, e abrir as terras em que se desentranham os seus haveres. Assim foi crescendo o negócio de escravos, gados, cavalgaduras, fazendas e mais víveres de toda a sorte conduzidos com o maior trabalho, a que obriga o

interesse aos homens, servindo então naqueles princípios de condutores as mesmas cervis humanas; porque o das bestas ainda não tinham passagem franca, como ao depois tiveram franqueadas, e cultivados caminhos.

IV

Notícias do descobrimento do Rio das Velhas.

Desde o descobrimento do Brasil, que foi feito por Pedro Álvares Cabral em vida do Sereníssimo Rei D. Manoel de gloriosa memória, como testificam vários historiadores desde descobrimento e povoações, se tinham feito várias diligências por mandado dos mesmos Reis a descobrir os haveres de ouro, prata e demais metais e pedras preciosas que se consideravam neste continente do Brasil. Durando estas diligências até o ano de 1598 tempo ainda da sujeição de Portugal a Castela, encarregadas a D. Francisco de Souza, Governador então do Estado do Brasil, e a Salvador Correia de Sá, que o fizeram com todo o cuidado; e não descobrindo os mais empenhados e poderosos sertanistas, à custa da Fazenda Real coisa alguma, que correspondesse aos interesses da Majestade senão algumas faisqueiras por Parnaguá, Curitiba e Iaraguá, nas partes de São Paulo, foi servida a Majestade reinante conceder aos vassalos, que nas ditas minas, e descobrimentos que quisessem trabalhar, e descobrir mais, o fizessem pagando-lhe somente o quinto, e concedendo-lhe graves privilégios como se pode ver em um alvará, que se acha registrado nos livros que serviam de registros de Leis extravagantes na Torre do Tombo de Lisboa desde 1613, até 1631, a fls. 27, que se não tem observado nestas minas por incúria dos moradores o não requererem.

Da mesma sorte, depois da aclamação do Sereníssimo Rei D. João IV, de amável e saudosa memória, nosso famoso restaurador da sujeição de Castela se continuaram por seu mando e seus sucessores as mesmas diligências como o fizeram, encar-

regando-a Fernando Dias Pais, homem paulista, rico, alentado sertanista, com grande capacidade e agilidade para semelhantes empresas, as diligências das esmeraldas e pedras preciosas, de que haviam notícias nestes sertões, no Norte, e Leste de São Paulo, com patente de Governador e administrador das esmeraldas, com poder de soga, e cutelo.

Com efeito entrou nesta diligência para este sertão de entre o Serro Frio, e Costa do mar, acompanhado de muitos de seus confederados, e seu genro Manuel de Borba Gato; e tendo descoberto bom princípio delas, se resolveu o dito Governador recolher-se a São Paulo, deixando o seu genro Manuel de Borba Gato no Rio das Velhas, fazendo plantas de mantimentos para os achar prontos quando voltasse a continuar com as suas diligências com maior vigor com as ordens, que d'El Rei tivesse; pois ia com tenção de mandar a seu filho Garcia Roiz Pais, que ao depois veio a ser possuidor da Paraíba do caminho novo do Rio de Janeiro com seu irmão, o Padre João Leite da Silva, que com efeito mandou na primeira frota, que do Rio partiu para Lisboa levando estas primeiras mostras das esmeraldas a S. Majestade deixando na mesma paragem do Rio das Velhas em poder do dito seu genro muita pólvora, chumbo, ferramentas e mineral, com recomendação grave a seu genro, na guarda destes petrechos para os ter seguros na sua volta.

Antes de chegar a frota a Portugal, e ele Rei ouvir aos enviados de Fernando Dias, e ver as mostras que lhe iam de Fernando Dias, digo das esmeraldas, despachou D. Rodrigo para São Paulo, encarregando-lhe o descobrimento de metais, e das mesmas esmeraldas e chegando a São Paulo, convocou vários paulistas, como foram Matias Cardoso, Domingos do Prado, João Saraiva de Morais, e outros vários sertanistas, como Manuel Francisco pai de Salvador Cardoso, Domingos do Prado, pai de Januário Cardoso; e deixou de acompanhar Fernando Dias Pais; porque estava esperando a resolução, e ordem d'El Rei pelos seus sobreditos enviados.

E chegando D. Rodrigo com a sua comitiva a S. Paulo, digo ao Rio das Velhas, na vizinhança onde estava o dito Borba achando-se com pouco provimento de pólvora, chumbo, ferramenta de minerar e querendo valer-se dos que tinha em guarda o dito Borba para continuar a sua viagem sertão dentro, este se escusou de dar coisa alguma; pois estava esperando a seu cargo Fernão Dias Pais, para fazerem as mesmas diligências que por ordem de Sua Majestade tinha de continuar; por haverem dado conta a Sua Majestade, nas primeiras mostras que haviam achado.

E não era bem viesse seu sogro com novas ordens, que S. Majestade mandasse, e se achasse sem o provimento que tinha deixado de seguro e a ele em guarda deles; com cuja resposta se alteraram os paulistas contra o seu paisano e disseram ao Governador D. Rodrigo, que eles iriam tirar à força de armas os tais provimentos de que careciam; ao que respondeu o Governador naquele princípio de ruína, prudentemente, que não era justo forçar aquele homem a servi-los como que se podia à boa mente alcançar pelos termos políticos, e corteses, e que ele o faria, como o fez, acompanhado só de dois pajens. E repugnando o dito Borba a todas as instâncias de D. Rodrigo, se apaixonou da sorte, que levantando-se o ameaçou, que mandaria buscar, quer ele quisesse, ou não as coisas, de que carecia para o serviço Real, com vozes alteradas; ouvidas estas de dois pajens do dito Borba supondo a seu amo ultrajado, tomaram o passo a D. Rodrigo e o mataram com dois tiros ao mesmo tempo disparados e matariam aos pajens de D. Rodrigo, se não acudira o dito Borba com grande espanto, e pesar seu ao estrondo das armas.

Chegando as notícias ao arraial, e alojamento de D. Rodrigo e dos paulistas, que o acompanhavam se puseram estes em armas para cometer ao Borba e esquartejá-lo, como juravam. Este vendo que sem dúvida o acometiam e que se achava com poucas forças para defender-se de tão superior

poder, salvo se por algum ardil quimérico, com que pudesse enganar, e embelecar os contrários o fizesse.

Com efeito, como homem agudo de engenho e valoroso por natureza, saiu com um, o mais proporcionado, que podia haver para o intento; e foi, que dos poucos camaradas e índios, que com ele se achavam, repartiu por duas, outras partes dos caminhos que faziam entrada para o lugar do sítio, pelos altos dos morros, e carregando as armas com pólvora tal, mandou que atirassem salvas e tocassem buzinas, e caixas de guerra, que representasse, que por todas aquelas partes entravam força de esquadrões de gente, que supusessem os inimigos, que era chegado o Capitão-Mór e Governador Fernando Dias Pais, que ficava a partida deles aparelhando grandes tropas de parentes e amigos poderosos para o acompanharem.

Surtiu e saiu o projeto com vigoroso efeito na imaginação dos contrários que naquela mesma noite despejaram o sítio, temendo ter o poder de Fernando Dias Pais sobre si, pelo que tinham ameaçado, e querido forçar a seu genro; e cometeram o sertão dos Currais, que é hoje, e até agora não tornaram a São Paulo, de envergonhados desse caso, e povoaram o sertão, ocupados em criar gados mais por alta providência Divina que acerto do Juízo dos homens; pois é hoje geral sustento, e mantença do grande povo destas minas, os gados, que desde então criaram, servindo de grande aumento de cabedais para eles e Sua Majestade e nos Reais contratos dos caminhos que abriu Francisco de Arruda Cabral taubateano para entrarem os primeiros gados para estas minas ainda que no princípio impedido para se não extraviar por eles o ouro em pó que na Vila de Taubaté se fundia, e pagava o quinto a Sua Majestade.

A necessidade porém que havia dos gados para o sustento das minas reformou este projeto com outras disposições que evitassem o dano e franqueassem em proveito.

Retirados que fossem os inimigos de Manoel de Borba Gato entrou na desconfiança, digo, e chegadas as notícias que teve de que era falecido seu sogro Fernando Dias Pais, a tempo que chegavam as novas ordens de Sua Majestade pelos enviados com a qual morte e a de D. Rodrigo ficavam em silêncio os descobrimentos entrou na desconfiança de que infalivelmente seria procurado das justiças com violentas ordens de Sua Majestade para ser punido pela morte de D. Rodrigo ainda que sem culpa total sua tomou o acordo de retirar-se para o centro do sertão do Rio Doce, e fazendo-se parciais com o gentio, aos quais domesticou à sua obediência e ficou entre eles respeitado como cacique e é o mesmo que príncipe soberano entre eles.

E ali viveu barbaramente sem concurso de sacramento algum entre eles, digo naquele modo de vida nem comunicação com mais criaturas deste Mundo em dezesseis anos até que doído o mau estado da sua consciência se comunicou com seus parentes em São Paulo, por enviados secretos de tão remoto e distante lugar, para lhe darem notícia se era ou não procurado por ordem de Sua Majestade e sendo destes avisado que não, antes El Rei estranhara o procedimento que com ele tinha usado, querendo forçá-lo contra razão o que suposto nunca era conveniente se facilitasse a aparecer em parte onde escandalizasse a justiça de Sua Majestade, mas que procurasse lugar retirado dos povoados donde pudesse receber os sacramentos e estivesse acautelado.

Com este esforço de melhora para o seu cuidado se recolheu para a Comarca de São Paulo para a Vila que é hoje de Pindamonhangaba, em uma paragem entre as Serras do Mar, e a povoação e barra da Paraitinga, rio que forma o chamado da Paraíba, se situou trazendo do mesmo sertão grande número de gentios que lhe serviam de escolta e tendo atualmente ataláias que segurassem a sua vivenda.

Assim se tornou ao grêmio da igreja e juntou sua mulher e filhos e viveu bastantes anos com sossego naquele lugar.

V

Pelos anos de mil seiscentos e noventa e tantos, tempo em que corriam as patacas Castelhanas de 750, houve queixa dos povos a Sua Majestade de que os malévolos ladrões cerceavam estas moedas, que eram rústicas no feitio, com grande prejuízo do Geral e comércio, ficando diminutas no peso com a falta que lhe faziam os cerceios e que corre a peso o dinheiro para evitar esta malícia e se desse providência fazendo moeda serrilhada, que não consentisse cerceio sem ser manifesto. Mandou Sua Majestade com efeito corresse a peso o tal dinheiro enquanto se fabricavam novos cunhos de moeda serrilhada na forma proposta; e mandou promulgar por decreto seu em todas as Colônias, Vilas e Cidades dos seus domínios assim se praticasse.

Chegou este decreto a S. Paulo, e mais Vilas que pesando as moedas os moradores, havia tal moeda que não pesava a metade do seu valor; motivo pelo qual repugnaram a que corresse o dinheiro a peso; porque se pouco dinheiro havia por terras tão pobres, mais ficariam com tal diminuição no pouco que possuiam, e assim ficaram correndo, as tais patacas no seu valor de 750 quer pesassem ou não o tal valor; e pelo contrário nas demais partes que ficou observado o decreto, na mesma forma da substância dele.

Neste meio tempo houve ocasião de Sua Majestade em conselho ser necessário fazer memória das Vilas e Cidades dos seus domínios; por razão, que lá conviria para o melhor governo delas. E pegando o Secretário de Estado na lista delas, foi nomeando as que se oferecessem, e chegando a de S. Paulo passou por alto.

Perguntou Sua Majestade por que razão passara aquela Vila por "alto"? Respondeu o Secretário: Porque, Sr., aquelas Vilas não são de V. Majestade pois que se o fossem aos decretos que V. Majestade mandou expedir para todas as partes para que corressem as patacas Castelhanas, a peso para obviar o

serem cerceadas; e sendo em todas obedecido, nesta foi desprezado; motivo que incitou a S. Majestade de mandar a Artur de Sá e Menezes, Governador que então estava sendo do Rio, S. Paulo e Minas (que já então concorriam dos primeiros descobrimentos bastante cópia de ouro, que tinha chegado às mãos de S. Majestade).

No ano de 1699 subiu Artur de Sá e Menezes a S. Paulo a executar as ordens, que eram para examinar a razão daquela rebeldia e achando os culpados os castigasse, e fizessem observar o decreto. Com efeito subindo a S. Paulo, examinando a causa sobredita, lhe responderam as Câmaras que a razão fora serem aquelas terras muito pobres de dinheiro e correndo o pouco que havia a peso estando como estava até nova ordem, porque a quantidade do metal era na verdade diminuta nelas por causa dos cerceios, ficariam mais pobres, e muito prejudicados os que possuiam o pouco que havia; e que por não haverem tido providência as tinham conservado; mas que estavam prontos para o que Sua Majestade ordenasse. Em última conclusão da matéria, assentou então Artur de Sá recolher o dinheiro todo, e passar para a fábrica da nova moeda serrilhada, a que então se tinha já principiado a fabricar com o Real cunho do Sr. Rei D. Pedro Segundo.

Conhecendo os parentes e amigos de Manuel de Borba Gato a boa natureza, prudência e afabilidade, e carinhoso trato de Artur de Sá, se animaram a conversá-lo no sucesso da morte de D. Rodrigo, e a expor-lhe o penoso desterro para os sertões de um vassalo bom servidor d'El Rei, como era Manuel de Borba Gato, não sendo totalmente culpado na morte de D. Rodrigo pelas circunstâncias de seu acontecimento.

Nestas práticas conheceram o bom ânimo do fidalgo, e que sem dúvida o favorecia, se o chegasse a ver. E com este projeto avisaram a Manuel de Borba Gato, que eram de parecer viesse a S. Paulo, enquanto o fidalgo estava retido; e numa noite se lhe botasse aos pés, e lhe propusesse a sua causa, e menos culpa que teve naquele sucesso, que o achavam de ânimo

a favorecê-lo; com efeito entre temores e receios, resolveu Manuel de Borba Gato a seguir o conselho e chegando a S. Paulo em ocasião oportuna, em uma noite, a horas compridas se lançou aos pés de Artur de Sá, que já estava bem informado, e o recebeu com carinhosa afabilidade e estando mais livre do susto o aflito montanhês, e temeroso vassalo, se declarou explanando o caso com suas circunstâncias e que S. Senhoria em nome de Sua Majestade lhe desse perdão do suposto e imaginado crime, que se lhe imputava, descobriria, e faria manifesto umas minas de ouro com grandeza tal, que serviria de grande aumento à Coroa no rendimento de seus quintos, e aumento dos seus povos, que até aqui tinha-o oculto por viver retirado pelos sertões, temeroso das justiças e da indignação de Sua Majestade.

Com demonstrações de grande gosto, o levantou nos braços Artur de Sá; e lhe prometeu em nome de Sua Majestade o perdão se com efeito desse ao manifesto o tal descobrimento e desde logo segurava para que passeasse na sua pátria livremente e se preparasse logo para o acompanhar a estabelecer as ditas minas e descobrimento que os queria ir estabelecer, e então dar conta a Sua Majestade do perdão, que prometera em seu nome, em recompensa do serviço que aquele vassalo lhe fizera com aqueles descobrimentos para que ao mesmo tempo que desse o perdão, achasse merecimento, para aquela, e mais mercês.

Lançou-se como humilde rato o Gato aos pés do seu benfeitor, agradecendo a promessa do perdão, suposto sempre receoso, por ser condicional; mas animado da certeza, com que cumpriria a condição, manifestando o ouro que tinha descoberto no Rio das Velhas, no tempo que estava no lugar, em que o achou D. Rodrigo; que sempre teve oculto, por alta providência do céu, para lhe servir de livramento naquele tempo.

Logo sem mais demora se dispôs ajudado de amigos e parentes e pela própria possibilidade de muitos índios, que tinha de sua administração, e muitos que o mesmo governador tirou das aldeias domésticas de S. Paulo para o acompanharem, e

anos se passaram à pátria e fundaram cada um o seu morgado, e vivem regalados com os mimos, e fertilidade da Pátria. Um sobrinho dos mesmos casou com a última filha que tinha o dito Tenente-General e se aproveitou com maior grandeza dos mesmos haveres, retirando-se com eles para a mesma pátria como o fizeram muitos nestes mesmos lugares.

Acabadas da maior grandeza as lavras e já diminuto dos grandes cabedais que tinha adquirido, o Tenente-General Manuel de Borba Gato se retirou para um sítio que tinha fundado em Paraúvupeba; Rio fértil de peixe, boas terras de mantimentos onde viveu muitos anos, já muito diminuto de bens, costumada conclusão dos desta terra e neste lugar faleceu de idade de 90 anos para cima, no ano de 34 com mostras de predestinado, três dias de viagem de Sabará para a parte do Poente, à margem do Rio Paráupeba, que é o mesmo que no caminho do Rio de Janeiro se passa, com o mesmo nome, que recebendo mais água, se faz naquela altura caudaloso, e se vai juntar com o Rio das Velhas; e ambos juntos ao Rio de São Francisco aumentando grandemente as suas caudalosas correntes. Este fim teve aquele famoso sertanista, e não menos capaz para as Cortes, pelo bom engenho e capacidade de que era dotado.

Continuaram as lavras do Sabará, digo do Rio das Velhas, Sabará, e mais ribeiros referidos, na mesma forma que os da Comarca de Vila Rica, e Rio das Mortes, lavrando-se mais fácil, e possível à pouca experiência, e possibilidade daquele tempo como está dito; e assim continuou na mesma forma o modo de lavrar a bateia, e de mergulho nos maiores ribeiros, como no Ribeirão do Carmo, Rio das Mortes e Rio das Velhas, e a força de braços nos ribeiros mais pequenos, por espaço de bastantes anos, até que pelos de 1707 pouco mais ou menos inventou o artifício dos mineiros lavrar, e desmontar as terras com água superior aos tabuleiros altos, aprendido do natural efeito, que fazem as águas no tempo das invernadas das chuvas; e cavando as terras, descobriram cascalhos nos lugares mais

que defenderem os paulistas, e filhos de serra acima; porque era aquele gênero coisa que os negros, índios, bastardos e brancos gastavam sem medida; e sendo por contrato, o estanco os poriam em consternação penosa, que com efeito não conseguiram, ainda que para o efeito se haviam empenhado interessado de Portugal digo de filhos de Portugal, que já faziam figura de poder, e respeito.

Vendo estes, e os mais interessados frustrado o projeto de sua ambição entraram em outro mais danoso, e prejudicial ao comum alimento e principal substância dos mineiros para se manterem em seus laboriosos serviços de minerar, que era depor por contrato as carnes de vaca nos cortes em todos os arraiais, e lugares das minas.

Defenderam os paulistas, e alguns dos mais bem intencionados Reinóis, que o não conseguissem; motivos estes, por que foram concebendo um ódio mortal aqueles ambiciosos a estes defensores do bem público, e geral de todos os habitantes, que queriam, fossem oprimidos com tão pernicioso enredo de ambição.

Fomentou este ódio com mais rigor o poder, e respeito, que os paulistas lograriam como pessoas principais, e fundadoras as povoações e aumentados em riquezas e venerações dos favorecidos: coisas que aumentam a inveja, e confirmam o mais fino, e inveterado ódio.

Não há dúvida de que muitos paulistas, observavam pacíficos, humanados ao bom trato, e favor dos Reinóis, recolhendo-os em suas companhias, favorecendo-os em tudo, e aumentando-os dos baixos princípios, com que as minas chegavam.

Havia contudo alguns paulistas que levados da sua soberania de respeito queriam tributos de adorações, como era sobre todos Jerônimo Pedroso, como foi notório, e seu irmão Valentim Pedroso de Barros, suposto este por elevados brios, e caprichos de príncipe, que de maldade.

E como naquele tempo não havia mais justiças que o Mestre de Campo dos Auxiliares Domingos da Silva Bueno, que era

NOTA

Entre as grandes preciosidades da **Brasiliana** de Félix Pacheco, adquirida pela Biblioteca Pública Municipal de S. Paulo, figura com grande destaque o **Códice Costa Matoso,** coleção factícia organizada em 1750, mais ou menos, pelo ouvidor de Vila-Rica, dr. Caetano da Costa Matoso.

Enorme ripanço de centenas de folhas nele há numerosos papéis referentes à história dos paulistas em Minas Gerais, logo após as primeiras descobertas das jazidas auríferas. Além do apógrafo completo do famoso, do famosíssimo relato de Bento Fernandes, documento básico para a história mineira e a das bandeiras de S. Paulo, outrora procurado "como agulha em palheiro" e do qual só se conhecia o resumo feito por M. J. Pires da Silva Pontes em meados do século XIX.

Vejamos agora alguns outros documentos quase inéditos que se não têm a importância da **Relação** de Bento Fernandes, são em todo caso, valiosos.

I

Relação do princípio descoberto destas Minas Gerais e os sucessos de algumas coisas mais memoráveis que sucederam de seu princípio até o tempo que a veio governar o Exmo. Sr. Dom Braz da Silveira

Sucedeu que vindo os paulistas naquele tempo fazerem entrada ao gentio e estas partes para o conduzirem para São Paulo por negócio, e se servirem dele conduzindo os de menor idade porque melhor se lhes adomava e por doméstico.

E chegando as primeiras esquadras ou bandeiras ao ribeiro que hoje chamam Ouro Branco e Congonhas do Campo aí acharam algumas faiscas de ouro nas areias do Ribeiro e lavando-o em pratos de pau o levaram para São Paulo onde se verificou ser ouro.

E com esta notícia tornaram com maior poder a fazer entrada ao mesmo gentio e melhor preparados para extrair ouro se o achassem com mais abundância, e com efeito seguiram a mesma derrota. E com a mesma Bandeira vieram não só Paulistas como também filhos de Portugal e Rio de Janeiro pela notícia que se espalhou de ouro que se tinha descoberto e com efeito chegada que foi a Bandeira ao tal ribeiro das Congonhas nele ficou alguma gente e a mais entrou para este Ouro Preto onde acharam ouro de mais conta e tiraram uns duas libras e outros três, e alguns quatro e com aquele que cada um se achava tornava para São Paulo a comprar escravos e refazer-se do mais necessário para tornarem para as mesmas Minas, e não trataram desse tempo em diante a procurar gentio.

E logo com mais certas notícias do descobrimento se abriu caminho de São Paulo para este Ouro Preto, e do Rio de Janeiro a que chamam o caminho velho, e depois o novo por onde hoje é o mais perto.

E em poucos anos foi tanta a concorrência de gente e se foram estendendo seguindo este córrego de Ouro de Preto rio abaixo, que todo levava ouro a que hoje chamam o ribeirão da Cidade Mariana que tem sua nascença neste morro de Vila Rica. E outros se foram situando pelo Rio das Velhas que corre pela outra parte deste mesmo morro, e se segue pela Vila Real do Sabará, para o de São Francisco que também tem êste Rio das Velhas suas cabeceiras neste Morro da Vila Rica e por serem estes dois rios da maior faisqueira se povoaram mais depressa e se foram alargando os vindouros e descobrindo outros rios e córregos que povoavam achando neles faisqueiras de ouro.

E logo também se povoou o Rio das Mortes por se achar ouro de conta no Rio e também em um morro contíguo ao mesmo Rio e assim se foram estendendo e rompendo os matos e abrindo picadas de caminhos os homens e situando-se onde achavam conveniência.

Com notícias de haver ouro nestas Minas e povoação de gente, vieram do Sertão da Bahia, abrindo picada e trazendo algum gado para elas e o grande preço por que vendiam a cabeça que era a meia libra de ouro naqueles princípios os animava, a esterilidade do caminho, no qual morreu muita gente, naquele tempo, de doenças e a necessidade de outros que matavam para os roubar, na volta que levavam ouro e ainda os camaradas que iam juntos fazer o seu negócio ou de retirada com algum ouro matavam uns a outros pela ambição de ficarem com ele como sucederam muitos casos destes e pelo tempo em diante se foram franqueando mais os caminhos com a muita gente que para ela veio de toda a América; Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo e também do sertão que é muito extenso e tem muita gente e fizeram arraiais onde

achavam melhores conveniências que alguns são hoje vilas, como seja esta Vila Rica, a Cidade Mariana, duas no Rio das Mortes, a do Sabará, Caeté, Pitanguí, Serro do Frio.

E naquele tempo havendo povoações e arraiais fundados, veio também do Sertão o Capitão-Mor Manuel Nunes Viana, da sua fazenda chamada a Thabúa onde vivia a dispor os seus gados, a minerar com os escravos que trouxe. E chegado que foi se situou no arraial do Caeté onde hoje é Vila Nova da Rainha, e nesse tempo também havia outros arraiais como era no Sabará onde hoje é vila Rio das Mortes onde também são hoje vilas e esta de Vila Rica.

E sucedeu naquele tempo pedir um homem pobre, boyaba (sic), e a outro, paulista, uma espingarda, emprestada, e tendo esta descaminho em mão do dito boyaba, que naquele tempo chamavam os paulistas aos reinóis boyabas lha quis pagar por sete oitavas preço que tinha custado a dita ao paulista e não querendo este aceitar mais que a sua própria espingarda se foi valer o reinol do Capitão-Mor Manuel Nunes Viana para que chamasse o tal paulista para que aceitasse o valor da dita espingarda ou outra e sabendo o paulista que o reinol se tinha valido do Capitão-Mór Manuel Nunes se foi também valer de outro paulista por nome Jeronimo Poderoso (sic) por ter este também bastantes escravos.

E naquele tempo quem tinha 20 ou 30 era respeitado entre os mais e logo, no domingo seguinte, indo à missa na Igreja do Caeté, que nesse tempo era coberta de capim, o Capitão-Mor Manuel Nunes Viana, aí se achavam o paulista da espingarda e Jeronimo Podoroso (sic). E falando o Capitão-Mor ao paulista que aceitasse o preço das sete oitavas que lhe tinha custado a espingarda e quando assim não quisesse fosse à sua casa e entre oitenta que ele tinha escolhesse a que parecesse a nada dos partidos aceitou o Paulista e só lhe havia entregar o reinól a sua própria espingarda.

E ao mesmo tempo o dito Jeronimo Poderoso (sic) disse ao Capitão-Mor Manuel Nunes Viana que o boyaba, seu afilhado,

havia entregar a própria espingarda e respondendo-lhe o dito Capitão-Mor que não podia ser por ter levado descaminho com mais algumas palavras se retiraram para as suas casas desaboreados.

E com este sucesso correu notícia de que Jeronimo Poderoso queria dar uma abalroada à casa de Manuel Nunes Viana onde se achava o reinól homiziado e com esta nova concorreram os mais reinóis à casa do dito Capitão-Mór Manoel Nunes por ser casa forte e ter um grande patio com estacada à roda para que no caso que viesse o paulista Jeronimo Poderoso com a balroada, como costumavam fazer, com paulistas, carijós e pretos, se defenderiam de dentro da estacada por ser muito menos poder o dos reinóis que os dos paulistas e passados dois dias de recolhidos chegou uma notícia do arraial do Pompeu que ficava entre o Caeté e o Sabará que um paulista chamado José Pompeu tinha mandado matar um reinól e que logo o fizeram em pedaços e sabendo a certeza os reinóis que se achavam juntos em casa do Capitão-Mor Manoel Nunes Viana, sairam em destacamento uma esquadra e foram ao dito arraial e mataram ao dito Pompeu pela morte que tinha feito e houveram alguns mortos e paulistas que o defendiam.

Com este sucesso ficaram os paulistas intimidados dizendo que os emboyabas estavam levantados contra eles.

E chegados os reinóis do arraial do Pompeu ao do Caeté mandou o Capitão-Mor Manoel Nunes Viana, embaixada ao paulista Jeronimo Poderoso dizendo que se queria o desafio com que o ameaçava, só por só, que pusesse o dia e a hora no campo que ele de boa vontade se acharia a recebê-lo. Ao que respondeu o dito paulista Jeronimo Poderoso que sim, queria o desafio, porém, que não havia usar de estocadas nem cutiladas só sim tocar uma espada na outra com as pontas para o ar. Mas o dito Capitão-Mor lhe tornou a mandar dizer que não sabia esse jogo de espada e que sabia porém, a fortuna do que elas desse. E sempre tornou a repetir o paulista Jeronimo Poderoso dizendo não queria pendência e assim se ficariam com

mostras de ficarem em paz; porém sempre o Capitão-Mor Manuel Nunes saiu ao campo da mesma vila e os reinóis que estavam em sua casa o seguiram formados em boa ordem e depois de estarem no campo tornou a mandar dizer o dito Capitão-Mor a Jeronimo Poderoso que ele se achava a esperá-lo de toda forma que quisesse.

Sempre saiu o dito Jeronimo Poderoso, com a sua gente que se lhe tinha agregado a ele, tinha convidado todos armados e se puseram longe e afastados do partido do Capitão-Mor e mandou dizer a este que não queria mais desafio nem pendência e que se recolhesse sua M (cê?) com sua gente que ele também faria o mesmo. E com efeito se recolheram com a gente que se achava cada um onde estavam.

E como os reinóis se achavam juntos em casa do Capitão-Mor Manuel Nunes Viana consultaram o modo como se haviam de sair do vexame dos paulistas, das insolências e mortes que faziam e estavam experimentando os reinóis cada dia. E ajustaram em fazer corpo de gente e vir trazendo-a até chegar ao campo destas Minas Gerais onde chamam o arraial da Cachoeira e assim o fizeram trazendo todos os reinóis e os mais não sendo paulistas e todos vieram de boa vontade.

Chegados que foram ao arraial da Cachoeira onde se ajuntaram cinco ou seis mil armas e fizeram conselho os mais poderosos e elegeram seis eleitores para que estes a votos fizessem Governador que os governasse e com efeito nomearam ao dito Capitão mór Manuel Nunes Viana e aceitando este cargo de governador e logo nomeou secretário Capitão da Guarda, e cabos maiores e menores e se despediram logo ordens para prenderem alguns paulistas que tinham armas de fogo para que se entregassem e tomar aos mais as que também tinham para assim atalhar o dano que poderiam com elas fazer e com efeito foram duas companhias a prender um paulista que morava no morro da Vila Rica que era o mais poderoso, por nome Domingos da Silva Monteiro o qual prenderam e seus achegados e lhe tomaram as armas que seriam 40 ou 50 e foi determinado pelo Governador

Manuel Nunes Viana para Sabará e foram também a prender outro paulista poderoso que morava no Bom Sucesso, arrabalde de Vila Rica, por nome Bartolomeu Bueno Feio que estes dois eram insolentes e com a sua prisão ficaram todos os mais tímidos e foram desertando para S. Paulo os mais deles, e os dois também o fizeram pelos mandarem para o Sabará e lá ficarem em sua liberdade. Chegado que lá se achavam fizeram conselho a fazerem um grande exército e virem restaurar outra vez as Minas.

E depois de irem os ditos paulistas para S. Paulo ficou governando, como Governador, o dito Capitão Mór Manuel Nunes Viana e sossegados os insultos e mortes que faziam.

Em o mês de maio de 1709 subiu a estas Minas o Sr. D. Fernando Martins Mascarenhas, Governador que era do Rio de Janeiro, a tempo que os paulistas se tinham retirado para S. Paulo e chegando ao Rio das Mortes tirou os postos que estavam dados pelo governador Manuel Nunes mandou este o capitão Braz Fernandes Rola por não ter poder quem lha dera e não cedeu da sua opinião. E daí a poucos dias veio o dito Sr. Dom Fernando do Rio das Mortes para estas Minas Gerais. E tendo a notícia da sua vinda o foram esperar os povos onde chamam o Rodeio Grande, número de gente e os cabos sem insígnias e só Manuel Nunes foi com o seu bastão arvorado como Capitão-Mor da Vila do Penedo. Ele foi logo falar ao Sr. Dom Fernando a sua barraca e lhe dissera que aquele povo estava de ânimo ao não deixar entrar para estas Minas a ele não exceder (sic) de sua opinião em tirar os postos que estavam dados e dá-los a outrem. E como não excedeu da opinião pediu três dias para se retirar ao seu governo do Rio de Janeiro e em dois se retirou.

Chegado que foi ao Rio de Janeiro chegou a frota e o veio render o Sr. Antonio de Alburquerque. E depois de tomar posse do governo, tendo notícia do Estado destas Minas, subiu a elas, secretamente, com algumas pessoas da sua guarda não deixando passar nenhuma pessoa adiante e chegou ao ar-

raial velho do Caeté pelas quatro horas da tarde e aí se arranchou e logo correu a notícia da sua chegada e o veio visitar logo o Governador Manuel Nunes Viana, que ficava perto.

E no segundo dia mandou dizer o Sr. Antonio de Alburquerque que ao dito Manuel Nunes que ele vinha ao serviço de S. Majestade, que dentro de três dias despejasse as minas e fosse as suas fazendas do Sertão o que assim o fez, que despejou dentro dos três dias. E logo se entendeu ser ciente o Sr. Governador Antonio de Albuquerque que o povo do Sabará estava contra o Capitão-Mor Manuel Nunes Viana, seu governador eleito, por este querer que nenhumas pessoas tivessem cortes de gados se não só m... se cortasse os seus que vinham do Sertão.

E daí a poucos dias foi o dito Sr. Antonio de Alburquerque ao Sabará e logo veio para estas Minas Gerais e assistiu primeiro em S. Antonio da Casa Branca, no campo, e depois entrou no arraial do Ouro Preto, e o levantou por Vila Rica e depois à vila do Ribeirão. Mas os camaristas da Vila Rica se descuidaram de levantar pelourinho e o fizeram primeiro o do Ribeirão, e por esta razão ficou sendo vila mais antiga e depois a do Sabará, Vila Real, e do Caeté, Vila Nova da Rainha, e depois a do Rio das Mortes, Vila de São João e vila de S. José.

E as mais se fizeram como seja Pitangui e Serro do Frio. E depois passado pouco tempo de feitas as vilas ou levantados os arraiais a vilas chegou notícia ao Sr. Governador Antonio de Alburquerque que a estas minas vinham os paulistas com um grande exército de S. Paulo com oito ou dez mil homens com seu Governador que diziam era um Amador Bueno e muitos cabos e um clérigo já eleito por eles por Bispo.

E com esta notícia partiu o Sr. Governador Antonio de Alburquerque a ter-lhe encontro ao caminho. E chegando a encontrá-los na estrada de Guaratinguetá e topando-os disse aos cabos que todos eram vassalos de El-Rei de Portugal e

quisessem retroceder outra vez para São Paulo e que ficava por sua conta dar parecer a S. Majestade e que ele manteria tomar conhecimento de alguns desacatos que se lhe tivessem feito e castigar os delinqüentes.

O que eles não quiseram de nenhuma sorte admitir nem retroceder, mas antes pela língua da terra disseram os cabos: Mandemos matar este p... emboyaba. E como o Sr. Antonio de Alburquerque tinha governado o Maranhão sabia a língua e um frade que o acompanhava, e disse logo o Frade ao Sr. Antonio de Alburquerque: "Vamos seguindo viagem" e se foram despedindo com boa marcha e caminharam de dia e de noite e se recolheu ao bananal que o foi de Matias Bar em Paratí E daí logo mandou próprio ao Rio das Mortes dizendo se fortificassem porque os paulistas vinham com grande exército tomar despique a eles que os não pode (sic) fazer retirar.

Chegou este aviso em seis dias e logo os moradores do Rio das Mortes se começaram a fortificar fazendo uma fortaleza de pau a pique com o seu fosso de terra, e se recolheu (sic) a ela os moradores que estes só tinham trezentas e tantas armas. E dentro de poucos dias chegou o exército de paulistas e puseram cerco à fortaleza e os dela se defendiam com tiros que descarregavam que poucos ofendiam por ficarem de longe os cercados e faziam os paulistas amparo de uma igreja que estava perto da fortaleza.

E os reinóis, como estavam a peito coberto, dentro da dita fortaleza, lhe não faziam mal as balas e alguns tiros empregavam em algum do cerco que se achava a tiro descoberto.

E antes do dito exército chegar à dita fortaleza despediram o próprio os reinóis do Rio das Mortes ao Ouro Preto pedindo socorro para impedirem o passo ao exército que traziam os paulistas que se dizia se compunha de sete mil e tantas armas, e muitos índios de arcos. E com este aviso sairam os moradores do Ouro Preto e Ribeirão para os campos de Cachoeira não ficando pessoa alguma e logo fizeram fortaleza para se defenderem e se despediram 700 armas em socorro dos sitia-

dos do Rio das Mortes e chegou a tempo que os paulistas tinham chegado havia três ou quatro dias e tinham a dita fortaleza em cerco e tinha havido muito tiro de parte a parte.

E achando já os reinóis falta de água dentro da fortaleza fizeram conselho a que no dia seguinte sairam fora todos da fortaleza os que se achavam capazes de armas, e espada para fazerem alargar o dito cerco e se poderem prover de água, enquanto não chegava o socorro que esperavam das Minas Gerais.

O mesmo conselho sucedeu fazerem os cabos paulistas a que no dia seguinte dia de manhã darem assalto à fortaleza e se apossarem dela antes que chegasse o socorro que esperavam os reinóis das Gerais. E na mesma tarde dos dois conselhos tanto dos sitiados como dos de fora a fazer uma escaramuça defronte da fortaleza, em o campo, montado em bom cavalo com seu capote berne o dito paulista ameaçando que no dia seguinte seriam assaltados os da fortaleza e ao tempo que andava na escaramuça um reinol lhe atirou um tiro com bala com uma arma comprida e logo caiu morto do cavalo e com este sucesso e da notícia de vir perto já o socorro aos sitiados, por espia que traziam os mesmos paulistas não tardaram de dar o assalto à fortaleza pretendida, mas antes naquela mesma noite se retiraram para S. Paulo a toda a pressa carregando os feridos dos que se dizia serem vinte e tantos e outros tantos mortos que enterraram no campo entre brancos e carijós. E da fortaleza só morreram um branco e um preto de três ou quatro feridos (sic).

E no dia pretendido do assalto pelas nove horas do dia chegou o socorro aos reinóis, sitiados, e chegado que foi tiveram a notícia de que naquela mesma noite tinha desertado o exército dos paulistas.

E sempre este socorro de gente e com os mais da fortaleza seguiram o Exército Paulista do Rio das Mortes até o Jeruoca que são três dias de viagem, mas como os paulistas caminhavam de dia e noite não lhe deram alcance.

E depois deste sucesso tornou o dito Governador Antonio de Alburquerque Coelho de Carvalho subir ao Rio de Janeiro o Mestre de Campo Francisco de Castro Morais. E também veio o primeiro ministro para este Ouro Preto que foi o Dr. Manuel da Costa de Amorim com a metade da beca por ser o primeiro que criou o lugar de Ouvidor e era natural da Vila Alburquerque perto de dois anos nestas minas governando-os em paz chegou a notícia do Rio de Janeiro ter chegado o francês, segunda vez a tomá-lo e lhe pediam o fôsse socorrer levando socorro de gente e veio um homem por nome Marcos da Costa com este aviso. E logo o Sr. Governador Antonio de Alburquerque fez gente e levou consigo mil e tantas armas e deixou ordem para vir mais socorro, e com efeito foi mas quando chegou o último socorro ao Rio de Janeiro se achava feita a pactuação com o francês de lhe darem 600 mil cruzados para largar a terra além do saque que haviam feito. E ao depois seguiu vir para estas minas o Sr. Dom Braz da Silveira por Governador.

(Letra diversa).

Amboavas chamavam aos do Reino palavra que quer dizer galinha com calças.

O Viana retirou-se para os Currais da Bahia onde tinha as suas roças e de lá passou ao Reino onde o Infante D. Francisco introduziu a El Rei e por intercessão dele e dispêndio grande de mil cruzados foi perdoado dos delitos por que fora capitulado destas minas e de mais se lhe fez mercê do hábito de Cristo e da propriedade em sua vida do Ofício de Escrivão da Ouvidoria do Sabará e mais outras mercês.

II

Dou parte do que vi e sei

Em o mês de Dezembro de 1706 anos, cheguei a estas minas do Rio das Velhas aonde estou vivendo até agora e não havia mais que três freguesias em todo o termo desta

vila de Sabará, Roça Grande e Raposos e o mesmo Sabará; estas três tinham vigários e mais arraiais tinha créligos (sic) que diziam missa nos terreiros dos moradores que os ranchos eram de capim e beira, no chão armavam altares com estacas e tapados com esteiras de taquara diziam missa e confessavam e desobrigavam.

Depois se repartiram a de Raposos, se fizeram três freguesias: Santo Antonio Rio-acima, Rio das Pedras, Gongonhas do Sabará.

Santo Antonio da Mouraria do Arraial velho.

Foi o primeiro vigário o Pe. Francisco de Oliveira Barbosa, o pequenino que não havia Capela nem oratório.

Eu mandei fazer a Capela tapada fechada com porta e coberta de capim que não havia ainda telha.

Esteve três anos por vigário, entrou outro e pequenino. Foi ao Rio de Janeiro, e o Senhor Bispo lhe deu a provisão que fosse alevantar igreja no Curral del Rei e fez-se vigário e foi o primeiro.

A justiça que achei nessas Minas de Sabará e Rio das Velhas foi o Tte.- General Manuel de Borba Gato que era supertendente (sic) destas minas, homem paulista.

Repartiu as lavras de ouro por sortes de terra e veios d'água como mandava o regimento, confiscava todos os comboios que vinham da Bahia e dos Sertões, boiadas, cavalos e negros. E tudo o mais que se apanhava, tudo se confiscava até o ouro que ia para os Sertões da Bahia se arrematava para El Rei.

Esta era a ocupação que tinha o *supertendente* Borba, também havia contendas e como juiz supremo deferia a todos com muito agrado e desejava favorecer os confiscados. Tinha meirinho e escrivão e muita gente para as diligências dos confiscos, muitos livraram e muitos confiscaram...

E já chegando eu a estas minas me disseram que tinha vindo Atur (sic) de Saa de Menezes, governador do Rio de Janeiro a estas minas de visita com ordem de El-Rei. E assim

foi e obrava (?) sempre fazendo a sua justiça como Supertendente Juiz.

Mas com o governador Manuel Nunes Viana, feito pelo povo, lhe tirou a jurisdição que tinha, e fez outros superten-dentes, escrivão e meirinho.

Isto fez Manuel Nunes Viana depois que tomou posse do Governo que antes era... contendas de Valentim Pedroso, e seu irmão Jeronimo Pedroso com Manuel Nunes Viana, emboabas e paulistas, que tudo andava arruinando uns contra outros que seriam umas guerras civis se Deus não acudira com sua piedade.

Acudiu o Tenente-General Manuel de Borba Gato com mais de duzentos homens armados e se acampou no campo do Caeté· onde haviam de dar batalhas os paulistas; com Manuel Nunes vinham os emboabas que todos estavam preparados.

Mandou o Tenente-General embaixada aos seus parentes paulistas que estavam naquele campo esperando por eles e mandou outro embaixador a Manuel Nunes Viana.

Uns e outros se acharam juntos e se fizeram as pazes públicas com muita alegria de todos.

E como os paulistas viviam desconfiados dos emboabas maquinava-se alguma traição para se vingarem.

Achava-se nestas Minas do Sabará Frei Francisco, religioso trino e fidalgo da Casa de Águas Belas e como era oposto aos paulistas, por algumas desatenções que lhe fizeram no Ouro Preto, achou ocasião muito à sua vontade para se vingar deles.

E como assim fez ajuntou um troço de gente grande e o repartiu em duas tropas, uma pelo Sabará-acima e Mato-dentro a que os paulistas entregassem as armas e outra tropa pelo Rio das Velhas acima, até a Casa Branca, assim os entregava e outros iam fugindo.

E indo seguindo a tropa sua derrota uma pelo Sabará e outra pelo Rio das Velhas acima chegaram dois homens armados até o Raposos dizendo que os paulistas tinham quei-

mado ranchos matando alguma gente no Sabará e que acudissem com a tropa ia de marcha já no Ribeirão do Melo, adiante dos Raposos. Foi um homem de cavalo dar parte, viraram para trás e chegaram ao Arraial Raposos. E como era mentira dormiram as gentes no Raposos. E no outro dia partiram para o Caeté onde assistia Manuel Nunes Viana.

E como estava já eleito para governador do povo destas Minas fez sua repugnância sempre e aceitou o posto.... mais queria ser mas o Frade tinha muita gente por si... e maquinava tudo o que queria. Mas como o Frade tinha ido para o Rio de Janeiro, nesta ocasião que Manuel Nunes Viana fez fazendo muitos absurdos e conveniências logo desgostaram os conselheiros, e os povos de Sabará e fizeram Conselhos para o remetê-lo ao El-Rei ou matá-lo.

Resolveram os prudentes que não se fizesse nada até virem os próprios que mandou ao governador ao Rio de Janeiro D. Fernando para que viesse logo para o Sabará que o queriam meter de posse do seu governo, pois Manuel Nunes impediu o passo no Titiaia com a gente do ouro e Ribeirão e do Sabará. Só dois homens foram com ele, os mais todos estavam remissos... Desacudiu logo com o remédio que cheguei.

Logo o governador Antonio de Alburquerque de Carvalho que entrou nestas Minas do Sabará no ano de 1709, escoteiramente com um capitão de infantaria, o Barbalho, e dois soldados da praça e um ajudante e quatro criados de cavalo.

Chegou ao arraial velho de Caeté sem se conhecer, pediu pousada como estava despovoado de gente e com muitas casas e todas estavam fechadas, e só ali morava o Coronel Antonio de Miranda.

Mandou despregar uma porta da melhor casa para se recolher o dito hóspede.

Recolhido logo se soube quem era e logo pediu um homem para o mandar a Manuel Nunes a embaixada, como foi, que dentro de três dias despejasse as minas que assim convinha ao Serviço de Deus e de El Rei.

Veio de noite o dito Nunes falar ao dito governador lhe pediu nove dias para se ir embora, deu-lhos e foi-se. Estêve o dito Alburquerque três dias no Caeté. Estando para o acompanhar muita gente para vir para o Sabará não quis que viesse gente do Caeté, só Luiz do Canto e seu irmão.

O Manuel Nunes queria vir, não quis despedir-se dele e lhe disse que não faltasse o que tinha... para Sabará dia e meio, e foi seguindo sua derrota para Ouro Preto e Ribeirão e lá fez a primeira vila a segunda de Ouro Preto, a terceira do Sabará, a quarta do Caeté, a quinta Rio das Mortes Estas fez logo o governador Antonio de Alburquerque no primeiro ano que chegou às Minas, que me parece foi no ano de 1.709 e que veio este tempo, pouco mais ou menos, veio fazer a esta vila do Sabará e logo fez juizes e vereadores e procurador por votos dos eleitores que o dito Senhor assistiu à dita eleição.

O primeiro juiz foi o Capitão-mór Clemente Pereira de Azevedo, filho do Rio de Janeiro, seu companheiro, o Sargento-mór José Quaresma, filho de Lisboa, vereadores o mestre de Campo Antonio Pinto de Magalhães, procurador o Capitão João Soares de Miranda. Os mais não me lembro, o escrivão da Câmara, Lourenço de Souza Rosado, o Tabelião, o licenciado Manuel Estevam de Souza, estes foram os primeiros justiças que houve nesta Vila de Sabará.

Foram sempre feitos por eleições até agora. O primeiro ouvidor que veio a esta vila foi o Desembargador Gonçalo de Freitas Baracho, por mercê que lhe fez o governador Antonio de Alburquerque Coelho de Carvalho por ter morrido o que vinha para esta Vila no Rio de Janeiro, que o lugar do Baracho era o do Rio das Mortes que serviu o ano de 712 a 13. Veio o Dr. Luiz Botelho de Queiroz que tomou posse e o Baracho foi para o seu lugar no Rio das Mortes.

Luiz Botelho de Queiroz morreu a 4 de Dezembro de 1716, está enterrado na Igreja Grande.

III

Meu Senhor,

Protesto no que nesta escrita falar não é minha vontade ofender a Deus nem ao próximo. E como não sou verboso não direi coisa com... VMce. emendará e revelará o que for mal soante que o faço obrigado da obediência e para enfiar o que toscamente disser.

Começo pela minha chegada ao Rio de Janeiro que foi em Março de 1692, tempo que teria vinte.

Naquele tempo era muito limitado o Rio de Janeiro; nem havia notícias de minas, mais que uma limitação em Paranaguá, porto de mar, abaixo de Santos e quem do negócio trazia de lá cem oitavas (356 grs. de ouro) vinha rico. Mas isto era já feito em obras.

Daí a cinco ou seis anos se publicou que os paulistas tinham descoberto muito ouro onde chamavam os Cataguazes mas que era ouro bravo (a que chamavam ouro mulato que é ouro Preto). E como depois de fundido se fazia em pedaços pelo não saberem o dosar o vendiam os paulistas a preço de cinco tostões e a 640 que assim o davam em seus pagamentos donde ficou chamar-se ainda hoje a um quarto e meia pataca.

Com esta notícia de grandezas quis logo vir às minas mas não o fiz por falta de mantimentos nos caminhos e de que morria muita gente, o que consegui em companhia de Antonio Roiz de Sousa, partindo do Rio de Janeiro em Março de 1698, ou 99 e chegamos a 12 de Julho do dito ano com viagem de alguns dois meses pela grande aspereza dos caminhos, tempo em que se estava esperando guarda-mor para se repartir o Ribeirão do Carmo e por ordem ou comissão do Guarda Mór Geral veio Manoel Lopes de Medeiros e se repartiu em Setembro do dito ano para o que se tinha despejado da gente o Ouro Preto e Antonio Dias e o Padre Faria.

6

E era tal a falta de mantimentos que se vendia no Ribeirão um alqueire de milho por 20 oitavas e de farinha por 32 e de feijão por 32; uma galinha por 12 oitavas, um cachorrinho ou gatinho por 32, uma vara de fumo 5 oitavas e um prato pequeno de estanho cheio de sal por 8. E tudo o mais a este respeito por cuja causa e fome morreu muito gentio, tapanhunos e carijós, por comerem bichos de taquara que para os comer é necessário estar um tacho no fogo bem quente e aliás vão botando os que estão vivos logo bolem com a quentura que são os bons e se come algum que esteja morto é veneno refinado.

Repartido que foi o Ribeirão como se não podia tirar ouro com facilidade, desistiu a maior parte da gente para Ouro Prêto, Antonio Dias e Padre Faria, porque nesse tempo ficou tudo deserto. E só junto donde há hoje a Igreja estava um rancho e outros aonde é hoje a de Antonio Dias e logo se descobriu o Ribeirão de Antonio Pereira Dias, filho de Paratí, e o Bromado do Sumidouro por João Pedroso, paulista, e o que chamou o Rocha, por Amaro da Rocha, paulista, Pinheiro por Marcelo Pinheiro, paulista.

Este Itacolomim ou Goalacho por João de Melo, paulista, o Ribeirão do Carmo por João Lopes de Lima, paulista. São Bartolomeu por Dionisio da Costa, de Santos. Ouro Preto não sei quem foi. Antonio Dias por um Antonio Dias que depois descobriu o outro córrego do mesmo nome a que chama o Colégio; Bento Roiz um taubateano do mesmo nome. O inficionado Sebastião de Siqueira e o Coronel João da Veiga e se foram seguindo. Saberabussú que hoje (o que hoje o Sebra (?) e todos os mais advertindo que o ribeirão se descobriu e repartiu desde o Mata-cavalos, digo a barra até o córrego dos Monsús.

E tocando-nos a mim e Antonio Roiz de Sousa e outros camaradas as nossas datas onde lavrou o defunto Domingos Pinto nos Monsús, as não quisemos ver por dizer eram na Capitania do Espírito Santo e depois foi descobrindo todo o ribeirão que foram as melhores minas em que gastei três anos pela dificuldade dos caminhos e vim a ficar lá em 1702 e em

todo este tempo não se presumia haver ouro no Rio das Mortes só sim, morava ali um paulista, por nome Tomé Portes, que vendia mantimentos aos passageiros e era Sr. da canoa de passagem e depois que suas amas e pajens o mataram se descobriu ouro com grandeza.

A justiça que naqueles tempos havia era o Guarda-mor substituto, o Mestre de campo Domingos da Silva Bueno que o presente se é ainda vivo é clérigo nestas minas, homem sem dúvida benemérito de grandes empregos. Mas naquele tempo mal se podia ser juiz com tais mordomos pois não se executavam suas ordens e por abono ou clareza disto logo quando viemos comprou um pobre um capado por cem oitavas de ouro para seu negócio e antes de o matar andaram mais ligeiros os escravos de um paulista por nome Pedro de Morais. E queixando-se o dono do capado ao dito paulista lhe respondeu que se ele, senhor do capado justificasse em como os seus escravos o tinham morto o pagaria. Fez o pobre homem a sua justificação perante o guarda-mór Borba, lealmente, o qual mandou se pagasse o dito furto e vindo o pobre a pedir-lhe as ditas cem oitavas de ouro lhe respondeu que quando disse que justificasse fora só por ter uma demanda com ele, assim ficaram até hoje.

O primeiro ministro de justiça que a Majestade do Sr. Rei Dom Pedro, de saudosa memória, mandou a estas minas foi o Dr. José Vaz Pinto que tinha acabado de ouvidor no Rio de Janeiro e já com beca de Desembargador chegou com efeito ao Sabará na Roça Grande onde assistiu algũns tempos e como antes disto havia e era proibido virem comboios da Bahia, exceto gado dos Currais, com pena de fisco, aqueles paulistas de mais suposição que tinham esta insolência para confiscar metiam a uns para dentro livres e outros eram confiscados e logo ali repartiam as fazendas com os seus soldados e querendo o dito ministro tomar conhecimento disto e outras cou (sic) se começaram a remexer os paulistas, de sorte que o bom do Dr. anoiteceu ali mas não amanheceu e lhe valeu muito um paulista, seu amigo, que, com gente e armas, levou até Guaratinguetá.

Começou o levante contra os paulistas em Outubro de 1708 e durou mais de um ano e como havia notícias de que eles queriam vir tomar vingança das Minas foi preciso aos moradores do Ribeirão fazer sua estacada e andarem sempre com sonda e vigilância. Os do Ouro Preto retiram-se para Cachoeira do Campo onde fizeram seu reduto ou fortaleza que não deu pequena perda esta mudança.

Estando isto nestes termos e haverem já algumas contendas entre Manuel Nunes Viana e outros mais possantes se resolveu Dom Fernando, Governador do Rio de Janeiro, a vir às Minas e apaziguar ou castigar os delinquentes do levante. Veio pelo Rio das Mortes, dando satisfação aos paulistas que havia de castigar e correndo este boato por cá partiu um bom pé de exército a tomar-lhe o passo donde se tornou para o Rio de Janeiro.

Neste governo o veio render Antonio de Alburquerque, o qual sendo informado destas coisas proibiu a que não partisse nem viesse ninguém para as Minas. Mandou cantar uma missa a Nossa Senhora do Pilar e fez os caminhos com doze homens a quem chamava companheiros e penetrou as Minas até o Sabará sem ser sentido e onde assistia o governador Manuel Nunes Viana ainda teve com ele suas congratulações (sic) segurando-lhe os bons ofícios que havia de fazer com Sua Majestade pela sujeição dos paulistas tão desejada do dito Monarca que mandou naqueles princípios várias companhias de infantaria para a guarnição daquela praça do Rio de Janeiro se lhe pôs queixa que os soldados desamparavam a praça e fugiam para a Serra, assim dizem que respondera o dito Senhor que os deixasse ir porque não estavam perdidos.

E depois deste Alburquerque dispor as coisas necessárias a melhor governo se partiu para este Ribeirão. E disposto (sic) as coisas mais precisas se pôs a caminho para São Paulo a acomodar os paulistas com os quais encontrou em Guaratinguetá com o seu General Amador Bueno da Veiga e não o pôde reduzir a que voltasse mas antes entre si começaram a falar

pela língua da terra que melhor era matá-lo, mas como o dito tinha estado em o Maranhão e sabiam muito bem a língua, lhes disse fácil era matar um homem mas que esperassem a revolta.

E como tinham os paulistas tomado o caminho das Minas, foi forçoso botar com grande pressa no Rio de Janeiro aviso para se acudir com aviso ao Rio das Mortes que eram os que primeiro haviam de sentir o golpe. Foi o aviso tão veloz que quando eles estavam em meio caminho já o aviso estava no Rio das Mortes que tiveram tempo de fabricar uma fortaleza em que lhes resistiram.

E vendo que não faziam coisa de proveito e receando o socorro das Gerais se foram mais que depressa, fazendo as insolências que podiam. E o Alburquerque brevemente tornou para as Minas aonde fez vilas até que foi acudir a invasão dos franceses no Rio de Janeiro e depois tornou.

Braz Baltazar da Silveira foi Governador muito a modo do povo até que veio o Conde de Assumar.

E no levantamento que houve contra ele, se houve tão astuto que para quebrar o perdão geral que deu se valeu da traça de o quebrar e prender clérigos e frades e ouvidor executores a arrasar e queimar casas e arrastar Filipe dos Santos pelas ruas e enforcar e esquartejar.

Veio o Sr. Dr. Lourenço de Almeida que foi o tempo mais feliz que tiveram as Minas porque corria o ouro em pó a 1320, muita moeda e dobrões de ouro e muita prata e cobre. Mas atrás da bonança veio a tormenta porque veio o Sr. Conde das Galvêas e como o justo Loth o mandou Deus e a Majestade retirar por não se abrasassem as Minas no incêndio em que as pôs o torvo açoite de Deus Martinho de Mascarenhas.

E no mais de governos políticos e civis e eclesiásticos só V. Mce. pode dar verdadeira informação como palaciano e ciente de que eu não me esqueci o dito do... (?) escritor Antonio de Sousa de Macedo onde diz que o Rei e Monarca é sol que

alumia, influi no seu Reino mas que se não há de chegar tanto a ele que se abrase, nem tão longe que se gele.

Pobres e miseráveis minas que por mais que chamemos não são ouvidos tantos gemidos e Deus sobre tudo...

IV

Sr. Dr. Presidente e mais Srs. do Senado,

Na forma que V. Mercês me ordenaram acho que em 1691 saiu de S. Paulo uma bandeira de paulistas por capitães dela Francisco Roiz Sirigueio e Antonio Pires Rodovalho com um roteiro para irem à casa da Casca e por ela chegaram a este rio de Guarapiranga no mesmo ano e se acharam em uma capoeira do gentio à beira do rio em o qual descobriram ouro em um córrego que nele faz barra e tendo dúvidas entre si mataram ao dito Capitão Sirigueio e a um seu filho por nome Antonio Roiz Sirigueio, causa porque se desfez a bandeira em duas e se retiraram.

Em o ano de 1693 tornou a vir com outra bandeira o dito Capitão Antonio Pires Rodovalho e chegando à mesma paragem lhe puseram o nome de Sirigueia, pelos mortos, e sempre conservou o mesmo nome até o presente; logo passaram para baixo uma légua, achando as capoeiras do gentio de uma e outra banda do rio fizeram nelas roças e ao mesmo tempo descobriram ou em um córrego que a ele faz barra, e indo trabalhando acharam vários ossos de gente enterrada, razão por que lhe puseram (sic) o córrego das Almas e formaram um arraialzinho e foram trabalhando o córrego e como naquele tempo havia muito pássaro vermelho no rio e pequenos, intitularam o rio Guarapiranga que é o que quer dizer este nome Guará, vermelho, piranga pequeno (sic!) e lhe ficou o nome a este distrito dos ditos pássaros.

Em 1694 se abriu o caminho do Sumidouro por Bernardo de Chaves Cabral e seus irmãos Inácio Moreira, João de Godoy, o cunhado, Sargento Mor Luiz de Barros Franco, che-

gando ao dito córrego nele trabalharam e com os que havia e mais paulistas se ajuntaram, fizeram uma capela ou oratório com a invocação de Nossa Senhora da Conceição em que lhes dizia missa um frade terceiro, por nome Fr. José de Jesus por alcunha o Catarro.

No ano seguinte de 1685 fizeram igreja com a mesma invocação de Nossa Senhora da Conceição por ser este sítio infestado de sezões e ter morrido muita gente e despejado outras. Veio por vigário para ele por provisão do Sr. Bispo do Rio de Janeiro o Padre Roque Pinto de Almeida e a benzeu e ficou milagrosa que logo que foram benzidos os ares cessaram as sezões, sarando os que as tinham e ficou este sítio o mais sadio das Minas.

(Segue-se uma lista de vigários, a descrição dos rios e córregos).

Guarapiranga, 10 de Dezembro de 1750.

De Catas Altas e a 3 de Dezembro de 1750 J. de Lemes Gomes informava no Senado da sempre leal cidade Mariana que do inquérito por ele aberto viera a saber que Catas Altas fora, em 1703 descoberta pelo Capitão Manuel Dias, taubateano, e a causa de se lhe pôr o nome de Catas Altas deriva do fato de ali serem as catas de ouro mais altas do que até ali jamais se praticara em córrego algum.

A HISTÓRIA DO DISTRITO DO RIO DAS MORTES

de Joseph Alvares de Oliveira

Muito obscuros ainda se mostram os fatos da Guerra dos Emboabas. O primeiro relato impresso que de tal campanha existe é o de Rocha Pita, terminado por volta de 1725, talvez, e impresso em 1730, menos de quarto de século, portanto, após os acontecimentos ocorridos entre 1708 e 1710.

A segunda narrativa também impressa foi a de 1752, num capítulo do Padre Manoel da Fonseca, na biografia de Belchior de Pontes.

Procurou o acadêmico baiano dar um apanhado geral, embora sumário dos episódios da contenda ao passo que o jesuíta descreveu sobretudo os que ocorreram no distrito do Rio das Mortes.

Foram estes autores os guias de uma legião de tratadistas e escritores que se ocuparam do pouco esclarecido assunto, a começar por Southey. O cautíssimo Varnhagen, com o maravilhoso faro de que dispunha percebeu quanto deveria haver de nebuloso e lacunoso nas narrativas dos dois mentores setecentistas e assim não se dignou consagrar sequer uma página da sua **História Geral** (4.123) à guerra civil de 1708 de pretextos, tão fúteis que nem devem merecer lugar na história.

Publicando em 1904 a sua tão conhecida **História antiga das Minas Gerais** consagrou Diogo de Vasconcelos umas quarenta páginas, de grande formato, compostas em tipo miúdo, e não entrelinhadas, à narrativa da contenda. Mas romanceou-a incrìvelmente, não documentando, jamais, as asserções e imaginando uma série de fatos que nos parecem de sua inventiva pura. Assim por exemplo quando narra uma traça de guerra de Frei Francisco de Menezes para derrotar os paulistas na chamada **Batalha da Cachoeira** ou quando faz a descrição do pomposo cerimonial religioso pelo qual foi Manuel Nunes Viana investido dos poderes e caráter de Ditador das Minas, ou ainda quando dá inéditos e pungentes pormenores da chacina do Capão da Traição, etc.

A autoridade do autor mineiro durante vários anos reinou inconteste até que Basílio de Magalhães irretorquìvelmente demonstrasse que a **História Antiga** tem graves erros. Escreveu, aliás, do modo mais agra-

dável — levou Vasconcelos diversos autores a acompanhá-lo sem lhe examinar as afirmações. Alguns dos mais reputados até.

A documentação aduzida por Soares de Melo em seu excelente mas ainda sumário ensaio **Emboabas** (1927) veio corrigir bastante coisa do que por aí corria decorrente dos capítulos de Vasconcelos, mentor de Rocha Pombo neste capítulo da sua História do Brasil como Rocha Pita fora o de Southey, no mesmo setor.

Reproduziu o autor paulista assaz numerosas peças do antigo Arquivo de Marinha e Ultramar de Lisboa prestando ótimo serviço ao esclarecimento da questão.

Na Brasiliana de Félix Pacheco encontro assaz considerável memória cuja leitura me levou a natural cotejo com as páginas de Vasconcelos no que se refere a alguns dos incidentes da Guerra dos Emboabas.

E' uma **História do distrito do Rio das Mortes, sua descrição, descobrimento de suas minas, casos nele acontecidos entre Paulistas e Emboabas e criação de suas Vilas,** de autoria do português sargento mor Joseph Alvares de Oliveira e memória que deve ter sido redigida entre 1750 e 1751.

Trata-se de depoimento de suma importância, oriundo de um comandante de tropa que tomou ativa parte nas refregas da guerra civil como oficial superior e aliás personagem de grande destaque na sua comarca do Rio das Mortes.

Menciona-o Vasconcelos, mas sob o nome adulterado de José Alves de Oliveira, a relatar que serviu como Procurador da primeira câmara municipal da vila recém-criada de São João d'El Rei, o antigo arraial do Rio das Mortes, eleita a 9 de Dezembro de 1713, (cf. Hist. Ant. p. 289). Cotejando o relato de Vasconcelos com o do memorialista testemunha ocular dos acontecimentos bélicos do Rio das Mortes apresentemos algumas das divergências mais salientes.

Afirma Vasconcelos que os paulistas fugidos das Minas Gerais e de Rio das Velhas, depois das suas derrotas de Sabará e da Cachoeira concentram-se no Rio das Mortes onde constituiram "formidavel exército" comandado pelos irmãos Jerônimo e Valentim Pedroso de Barros e seu primo Paes de Barros.

Resolvidos a combater os forasteiros e a expulsá-los do Rio das Mortes cercaram o arraial da Ponta do Morro onde os adversários se haviam recolhido, resistindo dentro da trincheira e outras fortificações, à espera do socorro que haviam pedido a sua gente das Gerais e do Sabará.

Alvares de Oliveira, entretanto, não diz uma só palavra de tal

coisa. Apenas conta que estes paulistas se reuniram num lugar chamado o Córrego, à margem direita do Rio das Mortes.

Corre ele entre o Arraial Velho de Santo Antonio, (depois chamado São José d'El Rei e hoje Tiradentes e povoado "datado dos primeiros anos do século de setecentos") e o Arraial Novo de Nossa Senhora do Pilar, fundado em 1705 e erecto em vida em 1713 sob o nome eufônico, pitoresco e saboroso de S. João d'El Rei que louvado Deus! até hoje conserva. Acha-se S. João à margem esquerda do Rio das Mortes e a doze quilômetros de S. José.

Em Junho de 1707 houvera sanguinosos motins no Arraial Novo de que resultara a morte de dois paulistas terríveis provocadores dos forasteiros: Simão Pereira de Faro e seu sobrinho Joseph Machado, linchados pelos emboabas e forasteiros.

E vários dos linchadores receosos de desforra dos paulistas haviam-se então fortificado em torno de uma casa isolada em frente ao mesmo Arraial Novo, na margem a ele oposta do Ribeirão de S. Francisco Xavier

Haviam com efeito os paulistas acudido em bando temeroso mas encontrando o arraial deserto e ao mesmo tempo a nova casa forte guarnecida por gente disposta a resistir até o último alento, tinham-se retirado sem que houvesse o mínimo combate.

Mas tudo isto no território de São João d'El Rei e não no de S. José. Depois de tal acontecimento reinava longo e tácito armistício, durante todo o ano de 1709. Haviam até os paulistas do Córrego oferecido por várias vezes proposições para "amigável correspondência" preliminares não aceitas mantendo-se os emboabas "em vigilante cuidado e constância firme".

Conta Oliveira que a iniciativa de mandar reforço aos do Arraial Novo partiu de Nunes Viana que lhes despachou um socorro de duzentos homens, pouco mais ou menos, que, sob o comando de Bento do Amaral Coutinho, lhes chegou em Dezembro de 1708 e este contingente Vasconcelos multiplica por cinco "mil homens de tropa escolhida" (cf. Hist. Ant. 237).

Conta Vasconcelos que por esta altura estavam os sitiados da Ponta do Morro em extremo fatigados e já sem munições, a medo de se entregarem ou de se arriscarem a uma batalha decisiva quando sabendo da aproximação de Coutinho e sua tropa levantaram os paulistas o cerco, pondo-se em pânico a fugir, perseguidos pelos adversários.

Narra Oliveira coisa bem diversa. Não consagra uma única referência ao tal assédio e conta que os paulistas realmente assustados com a presença do reforço de Coutinho, a quem bem conheciam, dispersa-

ram-se do seu acampamento do Córrego "buscando com muita pressa as emboscadas dos matos".

Uma de suas mangas a que comandava Gabriel de Góes (antigo oficial do terço de Domingos Jorge Velho em Palmares) abrigara-se num capão a légua e meia da ribanceira direta do Rio das Mortes. Amaral Coutinho com a sua gente e alguma outra do Arraial Novo atravessara o rio, cercara o capão, obrigara os paulistas a capitular e fizera degolar todos os prisioneiros.

Desta chacina não dá Oliveira pormenores. Contenta-se em qualificá-la de "tirano massacre e ímpia execução, de todos abominada".

Valendo-se do relato de Padre Fonseca espraia-se Vasconcelos em pormenores a que acrescenta muita coisa que nos parece de perfeita conta própria, como por exemplo o episódio do pedido de misericórdia dos cercados do qual foi portador o "velho João Antunes" tio de Gabriel de Góes e veneral ancião, dando-se então cena de incrível perfídia, duplicidade e crueldade.

Não nos foi possível descobrir onde o douto autor mineiro terá encontrado fontes documentais para a sua patética narrativa assim como para a afirmação de que os degolados por ordem de Coutinho foram perto de trezentos havendo ele próprio Coutinho servido de algoz de alguns dos prisioneiros.

Nenhum autor antigo fala-nos de tal número a começar por Sebastião da Rocha Pita e o Padre Fonseca. E ao mesmo tempo os genealogistas de S. Paulo não sabem onde encontrar esse "velho João Antunes" tio de Gabriel de Góes. Temos para nós que a "manga" paulista, degolada, não contaria talvez cinqüenta homens. E pensamos que quase tôdas as vítimas do furor homicida do terrível facinoroso e heróico fluminense, devem ter sido os bastardos, carijós, e tapanhunos do séquito de Gabriel de Góes, único paulista (de quem faz Oliveira menção). Quiçá com ele haveria um, dois ou três homens brancos livres. Nenhum eco dos nomes das vítimas do Capão de Traição ressoa nas páginas de Pedro Taques, o que é sobremodo significativo nem por Silva Leme foi encontrado. O interessante é que Vasconcelos depois de tão largamente ter descrito vários dos episódios bélicos do conflito de 1708-1709 quase nada haja reservado para narrar a mais importante de tôdas as ações da campanha: o cerco do Arraial Novo, a brava resistência dos emboabas e forasteiros e a retirada súbita dos paulistas do corpo do Exército sitiante de Amador Bueno da Veiga.

Poderia pelo menos ter-se valido da larga contribuição do Padre Fonseca que toma mais de cinco páginas de sua biografia para historiar o assédio malogrado e a retirada inesperada dos sitiantes.

Estes acontecimentos são os que o sargento-mor Joseph Alvares de Oliveira descreveu com grande abundância de informes, muito interessantemente e em linguagem alambicada mas repassada de veracidade. Supomos que seja o seu relato inédito e copiamo-lo na íntegra como documento de notável importância para a história obscura da Guerra dos Emboabas e especialmente para a dos primeiros anos das Minas Gerais e dos primeiros decênios dessa bela cidade de S. João d'El Rei, de tão caras tradições à nossa família materna.

Quando o Sargento Mor concluiu a sua memória já a vila contava cerca de quinhentos fogos. Ornavam-na três grandes igrejas, quatro capelas, três oratórios. Destes edifícios sacros escolhe o autor para o descrever longamente "o tão templo da Matriz".

Terra de "moradores de grave tratamento, graves nas pessoas sem afetação, em tudo graves com civilidade", fazia-se S. João d'El Rei do agrado de todos e de todos mais apetecida para habitá-la pelo excelente clima "a que não fazem inveja os celebrados de Capua na Itália nem os da Thessália na Grécia porque é lavada de récios ventos que a favorecem e cujos ares também seus habitantes respiram puros".

Na íntegra copiamos este documento que certamente é das melhores peças da Brasiliana preciosíssima que Félix Pacheco soube, com tamanho zelo e conhecimento de causa, reunir.

A grande importância de que se reveste o relato de Joseph Alvares de Oliveira, repitamo-lo, provém de que ele consubstancia um depoimento pessoal. Não é simplesmente de uma testemunha ocular e sim o de ator que ativa parte tomou nos acontecimentos de 1708 e 1709, como um dos comandantes da guarnição assediada em São João d'El Rei pela tropa de Amador Bueno da Veiga e Luiz Pedroso de Barros.

Foi a **História do distrito do Rio das Mortes** composta depois do falecimento de Dom João V, a 31 de Julho de 1750. E como haja sido dedicada ao Dr. Tomaz Roby de Barros Barreto do Rego. "Meretíssimo Ouvidor Geral e Corregedor da Comarca do Rio das Mortes", (o décimo ouvidor da comarca de 1747 a 1751), temos o período da confecção da monografia bem enquadrado cronologicamente.

Dela há dois apógrafos na **Brasiliana** de Félix Pacheco, um sumamente prejudicado pelo esmaecimento da tinta e o outro perfeitamente legível. Sobre a bela cidade mais que bi-secular de Tomé Tôrres d'El Rey existe recente e ótima monografia: **Notícia de São João d'El Rei,** da lavra do Dr. Augusto Viegas, livro muito bem ilustrado, e de muito agradável e proveitosa leitura, além de compendiar vultosa messe de valiosos informes.

A parte nela consagrada aos primeiros anos do povoamento é porém

muito sumária e à Guerra dos Emboadas reservou o distinto autor mineiro apenas vinte e poucas linhas.

Referindo-se ao episódio do Capão da Traição, conta que a chacina determinada por Bento do Amaral Coutinho ocorreu a 15 de Fevereiro de 1708, data que se não encontra em Vasconcelos, nem nos velhos cronistas Rocha Pita e Fonseca, assim como no relato de José Alvares de Oliveira.

Tanto Teixeira de Melo como Rio Branco e ainda J. P. Xavier da Veiga não ousaram consagrar uma única efeméride à **Guerra dos Emboabas.** Ignoro onde haja A. Viegas obtido tal fixação de data.

Vejamos porém essa **História do Distrito do Rio das Mortes,** da autoria do Sargento-Mor da ordenança, primeiro Procurador do Conselho da Comarca de Nossa Senhora do Pilar, arraial erecto em vila de São João d'El Rei. E **História** dedicada ao Ouvidor Geral Corregedor, Juiz dos Feitos da Coroa, Superintendente das Terras e Águas Minerais, Provedor dos Defuntos e Ausentes, Capelas e Resíduos e Auditor da Gente de Guerra da comarca do Rio das Mortes, Dr. Tomaz Roby de Barros Barreto do Rego, magistrado cuja grande carreira dentro em breve o levaria ao Tribunal da Relação do Estado do Brasil.

A 4 de Julho de 1760, sendo chanceler da Relação e ocorrendo o falecimento do oitavo Vice Rei do Brasil, Dom Antonio de Almeida Soares e Portugal, terceiro conde de Avintes e primeiro marquês do Lavradio, abertas as vias de sucessão verificou-se que a Tomaz Roby indicavam elas como membro da junta trina a quem tocaria reger a Colônia. Mas como os seus dois colegas houvessem desistido de alta investidura idêntica, coube-lhe governar o Brasil durante quase um ano.

Voltando ao manuscrito de Alvares de Oliveira quer me parecer que fôsse rigorosamente inédito, até que eu o fizesse imprimir.

Não me foi possível compulsar muitas das monografias sobre a história local sanjoanense. Várias delas muito reputadas como os **Apontamentos sôbre o Município de São João d'El Rei** (obra do tão eminente quanto modesto humanista e saudosíssimo amigo, Aureliano Pimentel), as contribuições do Dr. Francisco Mourão, Comendador José Antonio Rodrigues, José Vitor Barbosa, Basílio de Magalhães, Horácio de Carvalho, etc. Suponho, porém, que se qualquer destes autores se referisse ao manuscrito do Sargento Mor, narrador do assédio de S. João d'El Rey, em Novembro de 1708, tal circunstância não poderia deixar de ter imediato reflexo nas páginas da interessante monografia do Dr. Augusto Viegas.

HISTÓRIA DO DISTRITO DO RIO DAS MORTES, SUA DESCRIÇÃO, DESCOBRIMENTO DAS SUAS MINAS, CASOS NELE ACONTECIDOS ENTRE PAULISTAS E EMBOABAS E CRIAÇÃO DAS SUAS VILAS.

Ao Senhor Doutor Tomáz Roby de Barros e Corregedor da Comarca do Rio das Mortes Barreto do Rego, Meritíssimo Ouvidor Geral e nela Juiz dos Feitos da Coroa, Superintendente das Terras e Águas Minerais, Provedor dos Defuntos e Ausentes, Capelas e Resíduos e Auditor da Gente de Guerra.

Aos pés de Vossa Mercê, sábio, erudito e benéfico Ministro, em cujas mãos se vê empunhada a vara de Nemesis sempre branda mas nunca torcida. E dela pende a balança de Temis em que pondo V. M. o peso de sua comiseração sem faltar à justiça como bom e reto ministro a faz sempre inclinar para a Piedade tendo-a para com os miseráveis, compondo abusos e valendo a outros, requintando a sua bondade no desprezo da própria conveniência, com a gratidão não só destes se venera mas também aqueles Mineiros que V. Mcê logo que entrou na Comarca e tomou inteiro conhecimento do estado dela convocou, ajustando companhia para fazerem serviços e virarem Rios ajudando as despesas, quando as não dispendia de todo sem mais interesse que o fervoroso desejo de que se extraisse ouro para aumento da Comarca e desempenho dos mesmos mineiros. Virtudes estas que cada uma de per si se faz merecedora de um elogio a que não pode chegar todo o meu encarecimento.

Aos pés de V. Mcê, torno a dizer me ponho, e nas mãos de V. Mcê este papel em que ofereço a história do distrito do Rio

das Mortes, sua descrição, descobrimento de suas minas, casos nela acontecidos, a civil disputa entre Paulistas e Emboabas, representada no teatro do Arraial Novo erecto depois a vila de São João de El Rey e não duvido se pudesse invinir (sic) sujeito que por fazer papel no mesmo teatro e ser ciente de todos os fatos da história expusesse com mais elegância aos olhos de V. Mcê porém não mais verdadeira e sem hipérboles que a façam fabulosa nem seus acontecimentos por melhor seria e sem episódios que a sujeitem à crítica e perdoem-me os aristarcos. Só sim aos lacônicos os peça relevem a cacofonia das frases e a grosseria do estilo porque estando a minha memória tão defecada e por isto esquecida dos preceitos de Retórica que pode produzir o meu entendimento senão toscos discursos?

E por esta confissão que faço peço e confie na suma descrição e prudência de V. Mcê desculpará o que na história padecer censura não tanto pelo trabalho que tive de desenterrar da sepultura de uma ignorância quase invencível o que nela se contém, mas pela grande vontade que sempre me assistiu de desempenhar na melhor forma que fosse possível o mandato de V. Mcê juntamente seja-me também desculpada a negligência da demora, atendendo aos anos que conto, porque em semelhante idade tudo é melancólico, nada sangue e todo pituita, nada bilia.

Deus a V. Mcê. dilate os anos de vida com as prosperidades que deseja este de V. Mcê. mais venerador e humilde criado. — *José Alvares de Oliveira.*

História do distrito do Rio das Mortes, sua descrição, descobrimento de suas minas, casos acontecidos entre Paulista e Emboabas e criação de suas Vilas.

Na parte oriental da América que corre do equinócio para o Meridiano domina a Coroa Portuguesa aquela grande porção de terra que se estende do Rio de Vicente Pinzon, que demora

ao Norte do dos Amazonas, da marcação ajustada no tratado de Utreque para a divisão dos limites do Grão Pará, da obediência de Portugal até o Sul do Rio da Prata: em tanta distância quanto o Padre Blutô (sic) diz nas suas prosas se dá de longitude desde Portugal à cidade do Gran Cairo no Egito, incluindo em si mesmo Grão Pará, Maranhão, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Santos (sic) Rio Grande e o mais que continua, até a Colônia do Sacramento, em inumeráveis povoações, grande pluralidade de vilas, e várias cidades sem falar nas ilhas adjacentes e as mais que pertencem a este continente e tudo melhor conhecido debaixo do nome de Brasil.

Nome este de Brasil que não deixarão de censurar os reparativos por se preferir o nome de um pau, ainda que preciso, ao do sacrossanto Madeiro da Cruz. Primeiro nome que, o descobrimento da América portuguesa por Pedro Alvares Cabral, quando no ano de 1501 (sic) passando à India por cabo de treze naus ao Sul da linha lhe veio uma tormenta tão rija que crescendo por horas ameaçava naufrágios, porque além da chuva ser um dilúvio tal que para afluir a que caía dentro das naus eram estreitos canos os embornais; e os trovões eram contínuos e tão rasgados e com tanta repetição de fuzis que a gente se considerava cega e pelo incessante do estrondo aturdida; o mais era que o mar pelo impetuoso do vento se alteava com ondas tão empoladas que se avizinhavam às nuvens e o ar condensado e tenebroso formava tão grossas nuvens que se apropinquavam às ondas.

E assim juntos elementos e cada um de per si se empenhava na submersão daquela armada porque se embraveciam em tanta maneira e com tanta soberba que se faziam intoleráveis e tanto que à soberba do ar cede o mesmo sol deixando encobrir as luzes para fazer tudo trevas, de sorte que se não julgava se espumavam as nuvens ou se relampejavam as ondas.

As naus entre montanhas de mar ainda quando arfavam mal se viam. Isto de dia que de noite por intervalos se divisam

porque as luzes dos faróis eram meteoros que apenas alumiavam quando já por interpolação das ondas desapareciam: o santelmo já aparecendo no convés para alijar como se faz de tudo que se achou no mesmo convés e entre pontes já aparecendo nos vôos dos mastaréus para arrear. E supostos os joanetes se tinham desaparelhado e as gáveas iam a meia haste e metidas nos rins (?) foram de todo arreados ao soco e ferrado o pano ficando com mezena e traquete amorado por bombordo, parte de donde vinha a tormenta foram forcejando pela mesma derrota que traziam antes do temporal porque não podendo já com ele pelo muito que tinha crescido a gente aquebrantada das fainas e vigílias que semelhantes ocasiões trazem consigo e o mais era com as bombas nas mãos e desfalecidos de forças pelo pouco sustento, porque as escotilhas e gasalhados ia tudo fechado, o fogão como se não houvera a respeito das cancaras do mar, que alcançando umas as outras e batendo no costado entravam por um bordo e saiam pelo outro.

Meteram de arribada, e carregado o traquete acima, e ferrada a mezena, apertaram as enxarcias, atezaram os estaes para segurança dos mastros e mastaréus. E para segurança das vergas reforçaram as ostagas e passaram bossas em ajuda aos enxertários. Tudo se fazia necessário a respeito do vento que tão furiosamente a suavizava pelas entenas que se queria levar diante de si.

E seguro o leme com força de talhas para que com o bater não aluisse o cadasto.

Deram poupa ao tempo e com ela foram correndo a árvore seca, mas sempre por debaixo do mar porque este, encapelando-se por cima da grinalda alagava tudo de popa a proa. E com tanto por este abalo como pelo balanço das naus se não via fixo o rumo que levavam por variar a agulha e menos se sabia a altura que por falta do Sol não tinha uso o astrolábio, todos esmaecidos e desmaiados todos, e mais mortos do que vivos tinha cada um para si que a mesma nau em que ia era féretro que o levava para a sepultura.

E quando menos conta faziam das vidas do cesto da gávea gritou o gajeiro: terra pela proa e como o temporal os ia empurrando para o rolo da costa por falta de governo, desfizeram os bolsos do traquete e braceando por estibordo foram costeando a dita terra e dando vista de um abra e uma entrada puseram proa a ela e a todo o risco, sem sondar a entraram e fixas as amarras na habita desabossadas as âncoras deram fundo.

Surta e ancorada a Armada naquele desconhecido Porto lhe puseram o nome de Seguro, que ainda hoje conserva e toda a sua capitania. E logo os argonautas saltando em terra a intitularam de Santa Cruz cuja árvore bendita plantaram entre as formosas de seus ramos servisse de docel àquela soberania. E foi levantado este transunto não por sinal de que ali tinham a porta dos Cristãos mas para que a todo o tempo servisse de padrão porque contasse que tal descobrimento pertencia àquela nação cujo escudo se esmalta com as chagas que naquele patíbulo recebeu na sua morte o autor da vida.

Ao pé dele se levantou altar e se celebrou o santo sacrifício da missa para consolação de todos e bênção do novo país: ação natural da catolicidade dos portugueses oficiada em qualquer parte aonde os aportavam seus cristãos atrevimentos.

Reparadas enfim as naus do grande destroço recebido de tão procelosa tempestade e posto de verga d'alto, com o pano na verga, levadas as âncoras, se fizeram à vela uma delas de aviso para Portugal e para o Indostão as outras.

Visto se deixar no esquecimento o primeiro nome posto à nova terra bem podiam os primeiros íncolas, continuaram os censores, dá-la a conhecer ao mundo debaixo de régia inscrição de Nova Lusitânia ou Novo Portugal, assim como pela ocorrência dos tempos as outras nações cheias de jactância renovavam nas suas colônias o nome de suas monarquias.

Como os castelhanos no golfo do México e Nova Espanha; os Franceses na Virgínia (sic) e Nova França, os Ingleses na terra do Lavrador a Nova Bretanha ou Nova Inglaterra a fim

de engrossarem pelos títulos o objeto de suas conquistas ao juízo do Mundo e terem entrada na fama de descobridores, mercê que no campo de Ourique só aos portugueses foi concedida e pelo memorável infante Dom Henrique, terceiro filho do Senhor Rei, o Sr. Dom João o primeiro, posta em praça e por ele mandado executar. Mas os antigos portugueses como na sua singeleza não tinham lugar e vaidade acomodaram-se com a naturalidade da terra do Brasil que desde o reinado do Sr. Dom João o quarto, logra o honorífico título de Principado.

Deste pois espaçoso e dilatado Continente que pudera ser maior se assim como as mais nações cuidam em estender os seus domínios cuidara a nação portuguesa em senhorear e conservar o quanto a Fortuna na América lhe tributou para a dilatação de sua Monarquia e grandeza de seu Império, quis a Divina Providência além das preciosidades que produz, enriquecer não só com minas de diamantes, topázios e mais pedras preciosas mas de ouro que por espaço de quinhentas léguas quase em quadra se está extraindo em muitas partes, cuja insaciável fome de todos os mortais obrigou e obriga a tanta gente que se compõe hoje este vasto país e Província das Minas de muitos lugares, vilas e de Cidade Mariana, com governo eclesiástico e assim também de militar e político porque se divide em três governos e várias Comarcas com ouvidoria e Câmara, tendo uma das ditas, a do Rio das Mortes povoado dentro da extensão de quase sessenta léguas de várias freguesias e duas vilas: a de S. Joseph menos de um quarto de légua desviada do Rio de que a Comarca toma o nome e para a parte do nascente situada em um arraial que já dos primeiros anos deste século de setecentos se compunha com sua capela de Santo Antônio e de alguns moradores, que por vários ribeiros os mineravam, e deste a cinco quartos de légua, mais ou menos, para rio abaixo até o Porto, que chamam real pelo contrato de sua passagem e pouco mais de meia légua do dito rio, para a parte do Poente, está a vila de S. João d'El Rei no lugar do arraial que teve princípio no ano de setecentos e cinco, ao

qual por posterior ao Arraial de outra parte se deu o nome de Arraial Novo.

Este pois, arraial novo, e novo em tudo, não só pelos novos descobrimentos mas por se achar ouro em seus morros tanto à flor da terra que sempre foi novidade, ainda para os mineiros mas investigantes, ao pé de um destes, de mais opinião se assentou da parte do nascente na vizinhança de um ribeiro que hoje corta a vila pelo meio e sobre o caminho que vem do povoado: caminho antiguíssimo que sempre seguiram as bandeiras dos sertanistas para o Sertão dos Cataguazes até o fim do século de setecentos que deste tempo por diante o mesmo caminho que só era trilhado dos sertanistas se fez uma estrada freqüentada de muita gente tanto de Serra Acima como de Serra Abaixo e suposto destas ao princípio morresse bastante parte.

Uns encontrando a morte na agrestidão de tal caminho e outros na maleficência dos naturais contudo não se escusavam do convite que lhes faziam as minas de novo descobertas no mesmo Sertão dos Cataguazes, nome que nos primeiros anos tiveram as chamadas Minas Gerais pela extensão de que depois se foram descobrindo e que também pelo tempo adiante se lhes foi acomodando o nome do sítio de seu descobrimento e como a riqueza lhes animasse ao comércio e este se fazia com risco do Rio de Janeiro por mar para Paratí e desta vila com trabalho de subir a Serra e meter-se nesta estrada, se determinou abrir caminho em direitura das ditas minas, ao Rio de Janeiro como de próximo se tinha executado, o qual se distinguiu com o nome de Caminho Novo deste antigo que ficou sendo o caminho velho.

E o ouro que agora dos ditos morros e córregos que deles saem se tem com limitação e... e dificuldades então se extraia com tanta facilidade e grandeza que em breve tempo se fez um arraial de bastantes moradores, Paulistas e Emboabas (nome este que por abjeção deu a altivez dos naturais à submissão dos forasteiros).

Deste dito arraial novo ou nova povoação se tratará neste papel dos sucessos e tragédias que nele e na sua vizinhança se executaram e da emolução com que por bocas de fogo disputaram entre si as insolências dos Paulistas e as desesperações dos Emboabas e dos mais acontecimentos e ações que em memória pelos muitos anos gastos das limas duras do tempo ainda se conservaram. O que tudo se reserva para seu lugar e assim voltando ao princípio desta nova povoação, ou arraial, terão também com ele princípio ou sucessos acontecidos pelo decurso de vários tempos e ocorrência de alguns anos.

"Sendo no ano de 1704 para o de 1705 descobertas as ditas minas e noticiados outros descobrimentos acudiram logo paulistas e taubateanos, também tidos por paulistas, como todos os naturais de Serra-Acima, prezando-se muito deste nome e naquele tempo por horrendo, fero, ingente, e temeroso e apoderando-se de todo o descoberto como costumavam em todas as minas, que em todas punham e dispunham despoticamente pelo ditame de assim o quererem, assim o mandaram e à razão prevalece a vontade, a qual tudo estava sujeito e não só a eles como também aos quotidianos atrevimentos de seus bastardos carijós e tapanhunos às lojas e vendas dos moradores e tratantes.

Como a tal notícia, pelos sinais e disposições que se tinham visto e observado por todo o descoberto, e alguns exames feitos, se empenhasse assaz encarecido: Concorreu à repartição bastante gente de um e outro partido, lisonjeados das boas esperanças sempre companheiras de todos os mineiros (ainda que muitas vezes malogradas esperanças), porém estas, pelo tempo adiante, corresponderam como o premio ao trabalho de muitos e em várias partes com grandezas menos esperadas de alguns.

Feita a repartição, e inteirados os paulistas, como dominantes, muito a sua satisfação, tanto no melhor dos morros como do Ribeirão de São Francisco Xavier, que corre por detrás dos ditos morros da parte do poente para lavrarem e venderem, o mais se repartiu pelos mais, conforme a sorte de cada um.

Cuidaram logo os emboabas de formarem arraial e fazerem ranchos (ditas assim as casas de vivenda por serem levantadas de taipa de ruão com cobertura de palha) e ao mesmo tempo erigiram sua capela construida dos mesmos materiais, que se dedicou a Nossa Senhora do Pilar, auxílio e protetora que então foi do dito arraial e agora o é da vila.

E os paulistas se arrancharam por fora buscando sempre a vizinhança do mato para se comunicarem com as feras de quem herdavam os corações e naquelas partes que melhor se lhes ofereciam ao gênio, levantaram suas moradas com espaçosas varandas para pérgolas de seus passeios e armamentórios em que ostentavam grandes cabides de armas por fartos indicantes das assaz dissimuladas proezas que faziam com que cada um deles afetava o ser um Atila dos emboabas.

Assim principiou e cresceu a povoação, e, com ela, os insultos e insolências dos paulistas, estímulo principal do que ao diante se verá e por não ofender muito os ouvidos dos bons com o malefício dos maus fique como no esquecimento a relação das mortes que se faziam. Para se cometerem não era necessário qualquer emboaba cair, bastava tropeçar, fazendo tanto apreço da vida de um emboaba como a de um cachorro do que nasceu o dito vulgar, ouvindo qualquer tiro: lá morreu cachorro ou emboaba.

Fiquem também como em esquecimento as repetidas assoadas que, pela menor desconfiança, vinham dar a povoação entrando por ela com gente armigerada e o Senhor na frente, de pé descalço, em ceroulas de algodão, arregaçadas ao cós, catana talinhada, patrona cingida, pistolas no cinto, faca no peito, clavina assobraçada e na cabeça ou carapuça de rebuço ou chapéu de aba caída, ao som de caixa e clangor de trombeta vozeando: morram os emboabas.

E não só com estas tumultuosas amotinações mas com as bravezas de um taubateano cognominado Jauguara que pela língua da terra é o mesmo que cachorro bravo o qual, quando se embriagava, tomava por empresa em fazer-se pôr a cavalo

e armado com os seus escravos encaminhava-se por distância de mais de uma légua para esse arraial e entrava por ele dando mostras de sua bebacidade pelas bôcas de suas espingardas semeando as ruas de chumbo e, pela mesma sua boca, com tais latidos que o mesmo era jauguara neste arraial que o cerbero no inferno e em tudo o mesmo porque se o cerbero no inferno era faminto das almas o Jauguara nas minas o era das vidas em que cevava a sua fome e a de alguns amigos que se queriam valer da sua boa vontade.

Os pobres moradores, tímidos a qualquer pressentimento de tais repetidas ingressões impetuosas e vozeadas não se dando por seguros em suas casas, fechadas as portas, buscavam o esconderijo dos morros e assim armados de paciência e conformando-se com o tempo por presos das suas conveniências, iam libando pelo vaso do sofrimento, todos os dias, mil sustos até que, os estômagos demasiadamente repletos, lhes chegou a hora de vomitarem vinganças.

Entre estes turbulentos homens que por este distrito assistiam havia um Joseph Machado, homem mau por natureza, por inclinação insolente acompanhado de um carijó, matador por ofício, e de um bacamarte bem atacado, fiado em um tio, chamado Simão Pereira de Faro, homem dos principais entre os paulistas. Contados eram os dias que não andasse pela povoação insultando os moradores pelo que se fez de todos aborrecido e entranhavelmente odiado.

Sendo em Junho de 1707, em ante-véspera de S. Pedro, prazo determinado para Atrôpos meter a tesoura ao fio de sua vida o levou o destino à casa de um Domingos Ribeiro, a quem, depois do atrevimento de entrar nela ousadamente, descompôs. Pelo que o dito Ribeiro irritado pegou em uma arma e os vizinhos que presenciaram obrigados do escândalo o imitaram, pegaram nas suas à vista de cuja deliberação conhecendo o dito Machado em si a arrogância sem vigor para resistir e o seu bacamarte sem préstimo para o defender, muito a pressa se retirou para a casa de um ferreiro para a qual o mesmo tio,

vindo acudir-lhe, se recolheu fugindo por ascender com ameaças o que em tal conjuntura devia pagar com rogos.

E assim por não pouparem inimigos que lhes podiam vir acabar nas mãos puseram fogo a cada e os dois, tio e sobrinho, fugindo desse fogo foram morrer em outro porque à saída da dita casa descarregaram sobre eles tantos tiros que ficaram de sorte que podiam lastimar a mesma ira aqueles estragos da cólera.

Esta resolução tomada pelos emboabas do Rio das Mortes e do Arraial Novo ainda que ajeitada pela cegueira de sua paixão sempre foi a que deu princípio para adiante todo o País das Minas e da Serra Acima conhecer verdadeiramente seu verdadeiro Senhor até então menos conhecida sua grandeza e muito pouco temida a sua justiça.

Desafogados os ânimos da refrega passada entraram em reflexões tendo por certa a vingança e duvidosa defensa. E assim, como corpo sem cabeça, se dividiram buscando cada um o melhor caminho da sua segurança, exceto alguns de mais distinção que se passaram da outra parte do ribeiro e defronte da povoação se meteram em uma casa que fizeram forte e revestidos de brio se dispuseram a esperar a invasão dos paulistas que tinham, por sem dúvida, seu violento pundonor não ficar sem um exemplar castigo um tão grave delito. Vieram com efeito incorporados e achando a povoação deserta mas a casa da outra parte guarnecida voltaram disfarçando a sua boa vontade, dizendo que aquela diligência não se encaminhava a outro fim mais que dar sepultura aos mortos.

Passada esta ação e poucos dias depois vieram chegando alguns dos moradores bem arrependidos de não acompanharem os que ficaram como também os mais e todos restituidos ao arraial às suas casas e assistiram adiante sempre constantes; mas com cautela fundada na desconfiança dos paulistas que naturalmente conservavam as brasas do ódio debaixo da cinza do disfarce.

E assim continuaram por largo tempo sem haver descuido nesta dilação antes se avivava cada vez mais a vigilância a respeito das contínuas tropas de paulistas que chegavam a este distrito, retirados dos emboabas que daquelas partes do Rio das Velhas, que depois do sucedido neste arraial tinham mudado as minas de semblante e os emboabas de condição; tanto que, movendo-se pelo Sabará ou Caeté, certas diferenças entre eles e paulistas se lhes opuseram de sorte que ficando estes menos airosos e envergonhada a sua alta presunção antes que experimentassem mais algum desar abalaram para este Rio das Mortes e juntos onde chamam o Córrego, lugar da outra parte do rio, que fica entre as duas vilas, de onde observando o vigilante cuidado e constância firme dos emboabas, ofereceram por várias vezes proposições para uma amigável cortas. E assim se foram uns e outros entretendo, nem amigos nem inimigos, até o fim do ano de 1708.

A quantidade dos paulistas que despejavam naquelas partes dos Gerais para esta do Rio das Mortes, deu em que cuidar ao Governador das Minas, levantado pelos povos delas, Manuel Nunes Viana e aos seus adjuntos, porque como os paulistas sairam queixosos, unidos, muito bem podiam intentar sobre os poucos emboabas de que contavam as povoações do Rio das Mortes, por modernas, aqueles malefícios que lhes sugerisse os seus sentimentos e para evitar este golpe acordaram logo pôr em marcha um destacamento de duzentos homens, pouco mais ou menos, que chegaram a este arraial em Dezembro do dito ano de 1708, sob o comando de um Bento do Amaral Coutinho, que os governava no posto de sargento-mor de batalha, também criado pelo povo, homem grave e valoroso, porém, com algum tanto de cruel.

Certos os paulistas da chegada desta gente, logo se dividiram em mangas e buscaram, com muita pressa, as emboscadas dos matos. E sabendo-se que uma destas se tinha metido da outra parte do Rio das Mortes, coisa de légua e meia ao rumo do Norte, em um capão, nome que pelos naturais se dá

a qualquer porção de mato, maior ou menor, sendo separado, por todas as partes, de outro mato, com um cabo, de nome Gabriel de Goes, insolentíssimo e blasfemo da Majestade, o dito Amaral passou o Rio com a sua gente, e alguma do arraial. E chegando a vista por sítio ao dito capão e os paulistas como que nada temiam pegaram nas armas, deram tiros e feriram alguns emboabas, causa porque os mais, cheios de cólera, apertaram o cordão e ganhando o mato puseram os paulistas as armas em terra e pediram quartel, sendo levados à presença do Comandante foram mortos a sangue frio, (tirano massacre e ímpia execução abominada de todos os que se tem por próximos). Alguns dias depois desta ação cruenta determinou o dito Amaral retirar-se, como com efeito se pôs em marcha de volta destas Minas para as Gerais.

Chegados ao Rio de Janeiro em repetidos ecos os acontecimentos das Minas fizeram naquela cidade um tal estrondo que se viu precisado o Governador D. Fernando Martins Mascarenhas de Lancastro subir a elas, o que a toda a pressa pôs por obra avizinhando-se deste arraial no mês de abril de 1709, além da sua comitiva escoltado de duas companhias de infantaria.

Os moradores o foram esperar e depois de o salvarem com uma descarga de tiros, o conduziram à casa de sua aposentadoria, que ficava de outra parte do Ribeiro contrária ao entrincheiramento que o receio fez levantar no corpo da povoação, fortificado e flanqueado, na melhor forma que o permitiu a disposição do terreno, e onde se fez como fosse ponte levadiça que na ocasião estava com bandeiras de armas reais em um dos ângulos envergada, de onde se deram repetidas cargas à sua chegada e se lhe fizeram luminarias, três noites sucessivas. Assim foi recebido com estas demonstrações de súditos a seu Governador e Lugar-tenente da Majestade a cuja voz os moradores do Rio das Mortes, desde o seu estabelecimento até o presente, se sujeitaram como bons vassalos e as suas ordens sem repugnância sempre obedeceram.

O quarto dia de sua chegada pediu ao Rvdo. Vigário agradecesse da sua parte a seus fregueses aquele obséquio.

E no mesmo dia de manhã mandou lançar um bando pelo qual ordenou que todos os moradores, às duas horas da tarde, se achassem no terreiro de seu quartel, para onde concorreram prontamente os dois partidos que guiados pela antipatia dos gentios se encaminhou cada um para o seu lado. E aparecendo o Governador fez a todos a sua prosa estranhando semelhantes revoluções e contendas como se não fôssem todos portugueses, vassalos do mesmo Príncipe.

E assim, o que o trouxe às Minas era o sossegar os moradores delas para o que não podendo ouvir a todos nomeassem os paulistas, e forasteiros, seus procuradores para que entre si fizessem queixas e esquecidos do passado, assentassem em um modo de viverem em boa harmonia e que a ele fizessem aqueles requerimentos que entendessem ser necessários para concordância deles, que a todos deferiria.

Feitos os procuradores da parte dos paulistas Joseph Moreira e Joseph Pires de Almeida e da parte dos emboabas Joseph Matol e Joseph Alvares de Oliveira (que é o que escreve este papel) trataram se ajuntar em várias conferências propondo-se nelas aqueles pareceres que melhor se ajustava para o fim pretendido caindo todo cuidado e trabalho desta diligência sobre os procuradores emboabas os quais não deixaram de perceber desde seu princípio seu trabalho perdido.

Contudo, porém, continuaram as sessões e findas estas foi levada a conclusão do tratado, pelos mesmos procuradores, ao Governador, de que fez boa aceitação, e teve por não pequeno serviço do Soberano, como o dito Governador expressou nas patentes de Capitães auxiliares que em recompensa deu aos tais procuradores. E assim concluidos alguns negócios, e principalmente este de sua maior obrigação e cuidado (que os procuradores nunca deram por firme como adiante se verá), determinou o Governador a sua partida para as Minas Gerais deixando formadas cinco companhias, quatro de pé e uma de

cavalos a que deu por capitães, à Companhia de Cavalos, a João Antunes Maciel, paulista de nascimento, mas aborto daquela natureza porque sempre se deu aos emboabas.

As Companhias de pé a Simão Alvares Mousinho e João Rodrigues de Carvalho, com patentes da ordenança e a Joseph Matol, Joseph Alvares de Oliveira, com patentes de auxiliares em gratificação da Procuradoria.

E aos paulistas as mesmas, que receberam corteses mas escusando-se do exercício delas com o pretexto de se recolherem para suas casas (se é que não iludiram de se conferir bom posto, que todos os brancos e bastardos de Serra-acima lograram o impresso de caráter de batismo e herdado de seus avós) e por cabo deles, com o posto de Sargento Mor, a um Ambrosio Brantes, homem grave e de atenções, o qual depois teve patente de Mestre de Campo, em cuja casa tinha feito a sua assistência o mesmo Governador.

E na despedida, como era constante que os povos das Minas Gerais não o pretendiam admitir, muitos sujeitos se lhe ofereceram pedindo lhes concedesse a honra de o acompanharem na ocasião o que ele agradeceu mas não aceitou.

E assim se pôs a caminho para as ditas Minas, e os paulistas para a Vila de S. Paulo, mal contentes do Governador, porque, como cavalheiro, de não atender para a qualidade deles, paulistas ultrajados, e como Governador de castigar severamente a baixa plebe dos emboabas para satisfação de seu respeito perdido.

À vista de tais movimentos indicativos da sua pouca fé, já nas conferências conhecidas, se aplicaram todos os moradores a última construção do entrincheiramento, com a fervorosa assistência do Capitão Joseph Matol, o qual depois subiu a Sargento-Mor, por cujas persuasões se tinha principiado, e conseguido a sua fatura, de que já se tratou, antevendo, pelo seu bom entendimento, previsto discurso o quanto necessitava o arraial de ser fortificado por estar em uma barreira exposto a qualquer invasão dos paulistas.

E assim ao tempo que estes chegaram, que não tardou, quando presumiam que o mesmo era chegar ver e vencer encontraram com uma povoação que era aberta para suas correrias, praça fechada para a sua estrada, obstáculo aos seus intentos, muralha oposta aos desígnios com que a vinham ameaçando extinguir das minas tudo que tivesse nome de emboaba.

Na entrada do mês de Outubro de 1709, entrou neste distrito, de volta das Minas Gerais, o Governador Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, que veio suceder a D. Fernando, no Governo do Rio de Janeiro e Minas acompanhado somente de um ajudante, um Sargento e três soldados. Encaminhando-se para a igreja, depois de orar à Rainha dos Anjos, à porta da dita, fez a sua falta a todos repreendendo semelhantes alterações as quais redundavam em desserviço do Soberano e perdição dos moradores do país.

E assim que tratassem, com sossego, das suas conveniências como mineiros e deixassem o ofício de soldados. Daqui foi conduzido para a mesma aposentadoria em que assistira seu antecessor e nas conversas que, pelos dias adiante, teve com os principais dos moradores lhes disse não temessem os paulistas, assegurando-lhes que os não haviam vir inquietar porque tinha mandado a S. Paulo um religioso da Companhia, fulano de Almeida, natural da mesma vila, para os dissuadir dos seus projetos antepondo-lhes o crime em que por qualquer tentado poderiam incorrer. Porém, como viu que tais asseverações não faziam impressão em ânimos, com razão desconfiados, por terem melhor conhecimento dos paulistas do que ele governador, despachou um próprio ao sítio chamado Pouso Alto, quatro dias de viagem deste arraial, em que era morador um emboaba confidente (porque os mais, dos casados como este, eram de Serra-Acima e pela enxertia degeneraram de ser emboabas) e a resposta que teve foi certificar-lhe que a maior parte dos paulistas se achava em Guaratinguetá, última vila do caminho de S. Paulo para as Minas, distante do Rio das Mortes oito dias de jornada e que já tinham algumas tropas mais avançadas.

O Governador despedindo-se logo dos moradores e recomendando-lhes tratassem das suas lavras, sem susto, porque sem dúvida havia de fazer retroceder os paulistas, se pôs a caminho e levou mais em sua companhia um dos moradores, por nome Estevam Rodrigues, homem resoluto e diligente.

E chegando-se a avistar com os paulistas na dita vila não lhe sucedeu como cuidava. Antes experimentou algumas desatenções e vendo que não cediam da sua rebelião fez com cautela descer, a toda pressa, ao dito Estevam Rodrigues, ao Rio de Janeiro recomendando-lhe que, com a mesma, subisse ao Rio das Mortes, para o que lhe deu carta para o Mestre de Campo, que governava em sua ausência, pela qual lhe mandava assistir e lhe passava ordens para no caminho tomar aqueles cavalos que fossem necessários para a sua posta, ficando ele Governador com um notável cuidado de que poderiam apanhar os moradores descuidados pela sua promessa.

De dia e de noite caminhou o dito Estevam Rodrigues e chegando ao Rio das Mortes em uma já bem tarde (sic) expôs o que ficou dito e recebida a notícia se fez aviso a todos os moradores do distrito para se virem chegando para o entrincheiramento e que trouxessem tudo que nele se pudesse recolher, sendo principal o sustento. Cuidou-se também em recolher, para ali, as munições de guerra e de boca, que se achavam pelo arraial.

Ao dito aviso acudiram tanto do Arraial Velho como da Ponta do Morro, Manuel Dias de Araujo, Capitão de uma nova Companhia, que se tinha levantado naquele lugar, que fica da outra parte do rio, para baixo do nascente meio dia de viagem e assim mais todos aqueles que se lembravam de ser emboabas, porque não faltou quem, esquecido do tal apelido, buscasse o refúgio que o medo naquela ocasião aconselhava.

Juntos os moradores de fora e os do arraial se fez resenha e constava a lista dos brancos de duzentas e sessenta, pouco mais ou menos, e a dos negros de perto de quinhentos, e alguns dêstes com armas, dos quais se formou uma companhia, que se

entregou a um forro por nome Lourenço da Mota, com os quais fez muito bem a sua obrigação e foi um dos feridos. E os mais se armaram de foices de roça e paus de ponta tostada.

Estavam assim todos juntos, desde o princípio de Novembro de 1709, em que tinha chegado o dito Estevam Rodrigues, até 10 do dito mês, e premeditada para três dias a jornada dos paulistas, ainda que vagarosos sempre tardavam. E supondo-se pela tardança que por algum incidente se teriam arrependido, para nos tirarmos daquele cuidado se despachou um próprio ao Pouso Alto o qual, aos dois dias de viagem, topou com os paulistas, os quais apanhando-o, e achando-lhe uma carta que levava escondida, o assassinaram.

E quando foi aos treze dias se botaram três cavaleiros a descortinar o campo, os quais os avistaram quase a um dia de viagem e no de quatorze do dito mês saiu de manhã a companhia de cavalos fora e topando de súbito com eles a pouco mais de tiro de clavina ainda voltou a tempo, e com tanta ligeireza que, dando-lhes os paulistas uma descarga apenas feriram um soldado.

Em quarta-feira, quatorze de Novembro de 1709, pela uma hora ou para duas da tarde foram vistos os paulistas. Além de dois próprios que já tinham despachado para as Minas Gerais a implorar socorro se expediu nesta ocasião outro com a certeza de estarem já os paulistas sobre o arraial, com um corpo de mais de dois mil combatentes, poder formidável a respeito das poucas forças que se achavam no entrincheiramento (palavra ilegível) de baixo de evidente perigo, por estar de muitas partes condenado, pelo que tornavam implorar o seu auxílio, e com presteza, porque nele estava o livramento daqueles poucos defensores, os quais acompanhados de seu brio acudiram, com seus capitães, aos postos que aos ditos capitães estavam assinalados, e de que eles, com muito valor e grande resolução, se tinham entregue para defenderem e resistirem a qualquer invasão dos paulistas, fazendo cada um deles menos estimação da vida do que do nome.

E assim arrimados cada um a seu posto, na parte que ficava sobre o Ribeiro do ângulo Rio-abaixo, com a sua companhia, o Capitão Joseph Matol e com a sua, do ângulo Rio-acima, o Capitão Joseph Alvares de Oliveira. E na cortina, que corria de um a outro ângulo, estava o Capitão João Rodrigues de Carvalho com a sua. Com um meio baluarte que olhava para a parte da igreja estavam o Capitão de Cavalos João Antunes Maciel e o Capitão Simão Alvares Mousinho que ocupavam com as suas Companhias e se estendiam pela cortina do seu lado direito e do esquerdo até a porta. E desta, para a parte do posto, do Capitão Joseph Alvares de Oliveira, estava com a sua Companhia, o Capitão Manuel Dias de Araujo; ficando de reserva o Sargento-Mor Ambrosio Caldeira Brantes, com alguns companheiros, todos rapazes, de acudirem se fizessem necessários.

Desta sorte guarnecida a circunvalação se esperaram os paulistas que debaixo de um estandarte encarnado (que se disse trazia a figura de São Paulo) e do mando de um chefe por nome de Amador Bueno marchavam em uma coluna bem formada, coroando os morros fronteiros. E chegando à casa do Sargento-Mor Ambrosio Caldeira Brantes a ocuparam para quartel da Corte. E desta descendo para o Ribeiro se dividiram em dois cordões, um que se estendeu pelo dito Ribeiro acima, amparado do seu barranco, para formarem cerco à praça e o outro subia o morro da espalda buscando uma aberta que descia para o terreiro da igreja e baixando por ela, no dito terreiro, fez alto a vanguarda. E fechando o cerco se juntou o seu conselho de Guerra do qual se expediu um clérigo de nome Gregorio de Souza, cunhado do dito Sargento-Mor. E chegando à fala pediu queria falar a seu cunhado, como falou, dizendo, que suposto o motivo daquele armamento tinha sido para castigar o caso do Capão contudo que aqueles cabos se desejavam ver com ele e que não era desacerto assim fosse, porque da prática que tivessem, poderia muito bem resultar alguma concordata conveniente a todos.

Houve votos pró e contra. Contudo, descida a ponte, saiu o Sargento-mor com alguns sujeitos que o quiseram acompanhar, e a poucas palavras que poderiam haver, de parte a parte se deu um tiro de pistola, ou fosse por ordem ou por descuido.

Tanto que foi ouvido, o Sargento-mor e os companheiros viraram costas e cosidos com a terra mais que depressa se recolheram. E a esta fugida principiaram os paulistas a dar repetidas descargas e ganhar terreno.

Nesta ocasião se distinguiu um Manuel Dias de Menezes, homem grave e destemido, porque acontecendo cair a ponte, de pancada, e de ter levado a corda por que se suspendia, a qual se não podia chegar, o dito a todo risco perfilado com um esteio em que batia a mesma ponte subiu e lançando-se a ela trouxe consigo a dita corda, e levantada a dita, ficou a porta fechada que não dava pouco cuidado se achar aberta (bisonho acontecimento que bem poderia ser infausto aos emboabas, se nos paulistas fosse o valor mais natural). Continuando estes o fogo sem oposição, entenderam seria por medo da parte dos emboadas; e assim se foram avançando para as trincheiras e como dos emboabas a maior parte das suas armas eram curtas estavam esperando que eles chegassem.

E tanto que os tiveram a tiro de repente lhes deram uma descarga por toda a cortina daquela parte da igreja.

E na mesma ocasião um que se achava com uma espingarda comprida fez pontaria ao Alferes da bandeira que estava no centro do esquadrão e disparando-a deu com ele do cavalo em terra, que caiu com a mesma bandeira, e como a queda não foi de cair para levantar a bandeira, depois de arrastada, não se viu mais tremular e o Alferes depois de caido teve a certeza de não viver.

Arrimados os emboabas outra vez ao parapeito para darem segunda descarga viram o terreiro esvasiado e os paulistas espalhados, tendo seus tiros de trás das casas e da igreja e tanto que se cerrou a noite, divididos em troços, se introduziram na mesma igreja, e nas casas iminentes do entrincheira-

mento, de onde se recebia grande dano, principalmente os que guarneciam o parapeito que caía sobre o Ribeiro porque eram varados pelas costas. E outro não menor se experimentava como era a falta de água ao que tudo se deu aquela providência que permitira a ocasião, porque para isto se abriu um poço que a dezoito palmos de fundo deu alguma água que supriu e para outro se fez um reparo de couros que se não de todo, em muita parte o evitou.

— No tempo dos paulistas persistiram no bloqueio; três vezes mandaram dois clérigos por emissários à entrega das armas, e este era o principal ponto de suas pretensões e que entregue estas ficaria todo o passado em um perpétuo esquecimento. E triplicando na terceira e última vez que viram esta mesma proposição acrescentada com um modo de sentimento dos mortos e feridos como sabiam se achavam os emboabas, e os que poderiam haver se não cederem de sua imprudente e pertinaz teima!

Ao que respondeu o Capitão Joseph Alvares de Oliveira, por ser para estas conferências nomeado, que quanto falar na entrega das armas se era ocioso, porque desde a primeira vez se dissera que as armas eram de El Rei e se não podiam entregar sem ordem do governador que as tinha mandado marcar com a marca que costumam ter as armas do dito Senhor que quanto ao mais que prescindindo de ser visto assim todos os que se achavam naquele presídio estavam de ânimo de largar as armas de suas mãos junto com a mesma vida.

E quanto aos mortos e feridos não era tão grande o número como eles julgavam. E que fosse e muito mais que houvesse não faziam falta pelos muitos defensores de que constava aquele presídio e todos firmes na resolução de morrerem ou ficarem bem.

No quarto dia da estada dos paulistas, dois sujeitos dos que tinham ficado na reserva, com o Sargento-mor, um ajudante do presídio por nome Francisco Barreto de Faria e outro, um Alferes da Companhia da Ponta do Morro, por nome Domingos

Gonçalves, ambos de ânimo intrépido, como mostraram desde o princípio desde o conflito, de dia e de noite, já rondando, já acudindo ainda era necessário, se ajuntaram com mais alguns ambiciosos de nome a fazerem na madrugada de domingo uma saída com o projeto de desalojar os paulistas, queimando-lhes as casas, de onde faziam contínuo fogo a seu alvo, e com grave risco dos defensores, para a qual diligência, já na madrugada dêste mesmo dia, tinha saído um corpo de gente com pouco efeito e com alguns feridos.

Estando os ditos preparados e vigilantes esperando a hora determinada para a empresa reparou-se que para o meio da noite tinham cessado de todas as partes os tiros, vendo-se, por novidade, se suspender a diligência. Estando com boa vigia se deu fé que no Oriente dos Morros fronteiros se divisavam uns movimentos e clareando a manhã se veio ao conhecimento serem os paulistas que iam de retirada.

Fazendo-se conselho, sob o repente, sempre a desconfiança fêz assentar que aquela retirada bem podia ser estratagema para pôr a eles, emboabas, em descuido e a eles apanhar entre pressa para que sempre era acerto desassombrar o entrincheiramento dos paulistas a que estavam expostos queimando-se todas as suas casas e a mesma igreja; porque assim se ficava em campo descortinado e com menos riscos a defesa, caso que eles intentassem segunda invasão, o que prontamente se pôs por obra.

E depois de tudo queimado e reduzido a cinzas, se desvaneceu este cuidado com a notícia de que eles com vergonhosa fugida seguiam o caminho de Povoado. Talvez seria tão apressada fuga por algum aviso que receberam de que a gente das Minas Gerais vinha em acelerada marcha a socorrer o Rio das Mortes.

E também poderia ser além do desengano e a que estariam pelas respostas não esperadas de sua soberba, e por determinação dos combatentes, mortos e feridos ou por terem concebido algum temor de que os emboabas entrariam na resolução

de sairem do reduto e levarem a todo risco tudo a ferro e fogo, pela deliberação que tinham visto nos poucos que no sábado tinham saído, que suposto mal executassem a ordem que levavam como já se disse sempre haviam de ter algum cuidado (e se assim o premeditaram não os enganou o pensamento) porque assim havia a suceder pela falta que se ia experimentando nas munições, principalmente na de guerra que já se repartia com cuidado, e mais regra que no princípio.

Fosse pelo motivo que fosse, certo é que chegaram os paulistas ao destino do Rio das Mortes e do Arraial Novo, ostentando altivos o insuperável do seu grande exército armado e posto em campo para dissolução das Minas e destruição dos emboabas, pouco atrás desprezado objeto ainda dos seus escravos.

Agora para horroroso escândalo das suas pessoas e da sua grandeza e empossar-se do esbulho, diziam eles, que o demasiado atrevimento dos emboabas lhes tinha feito.

Porém tendo já por sem dúvida que nem a força do seu poder nem das suas proposições obravam nem obrariam nada naqueles poucos emboabas no breve reduto daquele entrincheiramento antes pelo contrário os experimentavam cada vez mais incontrastáveis.

E todos desenganados, depois de quatro dias e quatro noites de marcial contenda, desfeito o bloqueio deram costas ao entrincheiramento, deixando... de seus defensores aquela soberba com que altivos entraram a ele, tendo-se comprometido, extintos os emboabas e todas as Minas capitulassem com o Soberano sob o Governo delas ser mútua e seu arbítrio; junto com a queda da soberba perderam também o respeito de seu horroroso nome depois de tantos anos pelas suas insolências adquirido.

Fugiram os paulistas. Da perda que experimentaram não se soube. A que tiveram os emboabas foi de perto de oitenta entre mortos e feridos e destes dois oficiais, um alferes e o Capitão Joseph Matol que recebeu duas feridas, uma na cabeça de menos cuidado, e outra no peito que lhe passou a espádua,

perigosa para ele e de sentimento para todos, porque todos reconheciam que sua salvação e de todas as Minas estiveram naquele tal ou qual antemural que a sua atividade fez levantar.

Dois ou três dias depois da fuga dos paulistas chegou a gente das Minas Gerais que com apressada marcha os seguiram a fim de lhes alcançarem a retaguarda e os picarem nela.

Mas achando, nas passagens dos rios, as canoas desfeitas e as pontas cortadas, voltaram e a pouca detença neste distrito se encaminharam para o seu.

Ao mesmo tempo chegou do Rio de Janeiro, mandado pelo Governador Antonio de Albuquerque, Leonel da Gama, Capitão de cavalos, que tinha servido na Colônia, com conhecido valor, no governo de Sebastião da Veiga Cabral e dois granadeiros com um caixão de granadas. E não foi pouca fortuna que chegasse este pequeno socorro ao tempo que os paulistas tinham desertado, que do contrário, como os ditos traziam patrulhas avançadas pelos caminhos, era infalível o cair-lhes nas mãos e vistos os petrechos, estavam neles formada, e bem formada, a culpa para executar nos pobres homens as leis do seu refinado intestino ódio.

Passadas estas atribuições, sempre os ânimos de muitos moradores menos avisados e mais imaginativos ficaram hesitantes, os quais vendo-se sem casa com que se recolhessem, determinavam idas fazer para parte onde estivessem menos expostos e vivessem com mais sossego, o que não custou pouco atalhar; pelas perniciosas conseqüências desta mudança se seguia como em ficar a povoação quase deserta e em tempo de tantos sucessos porque sempre entendemos que os paulistas, por não ficarem com vergonhoso nome de fracos, haviam de buscar todos os caminhos do despique e para dissuadir os ditos moradores do seu intento; com algum modo de segurança se determinou na Vargem, perto de Passagem, que é um largo campo sobre o Rio das Mortes, fabricar uma fortaleza capaz de assistirem nela muito à sua vontade e seguros de qualquer invasão, antepondo-lhes as conveniências que perdiam das boas

lavras destas minas que com tanto risco de vida tinham defendido.

Com efeito, condescenderam e pôs por obra a fatura da fortaleza, a qual o Capitão Joseph Matol, meio convalescido das feridas, foi delinear de figura pentágona.

Neste tempo chegou um corpo de gente que saiu do Rio das Velhas, em socorro a este Rio das Mortes, e vendo estes homens desvanecido o objeto que os abalou de tão longe, se ofereceram para ajudarem a obra da dita fortaleza em que se empregaram por alguns dias, despedindo-se dois pedreiros que traziam consigo, com suas recameras fundidas no Rio das Velhas, os deixaram para quando e onde fossem necessárias servirem-se delas.

Já dentro da dita fortaleza estavam bastantes moradores, quando ocorreu voz que tinha vindo nomeado o Governador Antonio de Albuquerque, para o ser das Minas de São Paulo, para onde já tinha subido e com esta certeza sossegado tudo, o arraial se formou de novo e se povoou como dantes.

Seguiu-se o tempo e estes moradores, vivendo na sua tranqüilidade e nela tratando de suas conveniências, quando em Setembro de 1711, veio uma carta do Governador, que neste tempo se achava nas Minas Gerais, a um Damião de Oliveira, Capitão mandante de um dos Terços do Rio de Janeiro, que depois subiu a Mestre de Campo desta Comarca, a quem o mesmo Governador Antonio de Albuquerque tinha posto neste distrito porta-estandarte dele, na qual lhe dizia que uma inimiga esquadra francesa tinha entrado à Barra do Rio de Janeiro e pretendia descer abaixo com as gentes das Minas em socorro daquela praça, pelo que lhe ordenava que mais pudesse com toda a brevidade possível o fossem esperar na Borda do Campo para onde ele, Governador, levava a gente das Minas Gerais; manifesta carta despertou nos capitães, que o brio fez trazer à memória o quanto decoroso é morrer pela pátria, se ofereceram logo e se faziam prontos para tal expedição e prestes sem demora os que haviam marchar que não

foram poucos a respeito do que prometiam as pequenas povoações desde o Rio das Mortes e com os seus escravos armados puxou por eles o dito Damião de Oliveira e se fez a caminho, para onde determinava a ordem.

Já perto da Borda do Campo se encontrou com a retaguarda o governador que descia com a gente das Minas Gerais, chegados ao posto em que haviam fazer alto se dilatou nêle o governador um dia esperando pela gente do Rio das Velhas e juntos os de umas e outras Minas fez resenha de todos e fazendo-lhe sua fala acabou dizendo que esperava obrassem como deviam, o que muito lhes recomendava.

Posta de parte esta diligência, ordenou a forma da marcha para o caminho e assim abalando do Campo, companhia por companhia, entraram no mato.

Depois dos paulistas serem rechaçados pelos emboabas deste Rio das Mortes, notícia que este Governador Antonio de Albuquerque recebeu com gosto, por assim crer castigado o atrevimento com que sempre desprezaram as suas advertências, sempre o dito governador mostrou a estes moradores seu agrado e muito mais em esta ocasião da descida para o Rio de Janeiro, louvando-lhes a prontidão que de muitos não tinha experimentado nas Minas Gerais.

E recebendo-se depois de tais ações uma carta por alvará de lembrança escrita em Lisboa, em 29 de Outubro de 1712, que está lançada no Livro I do Registro da Câmara a fls. 30, porque Sua Majestade foi servido por gratidão honrar a este distrito dizendo nela aos oficiais da Câmara do Rio das Mortes que ainda não havia: mercê alcançada pela parte que o dito Governador Antonio de Albuquerque deu destes moradores de que entre os mais faziam opinião como do dito alvará se colhe.

Em princípio do mês de Dezembro de 1713 entrou neste arraial o Governador D. Braz Baltazar da Silveira, que veio suceder a Antonio de Albuquerque no governo de S. Paulo e Minas, achando já nele por primeiro ouvidor geral ao Desembargador Gonçalo de Freitas Baracho, lhe ordenou que fizesse

pelouros e formasse a Câmara desta vila a que deu o título de São João d'El Rei, cujo ato de levantamento foi em oito do dito mês e ano e se acha lavrado no livro primeiro do registro da dita Câmara a fôlhas trinta e sete assinado pelo dito governador.

Criada a vila com a sua governança se passou para as Minas Gerais; a quem depois de seu tempo veio suceder o Conde de Assumar, D. Pedro de Almeida Portugal, que vindo de S. Paulo, passou por esta vila e foi assistir nas Minas Gerais.

A este governador fizeram moradores da outra parte do Rio das Mortes vários requerimentos para que criasse vila ao Arraial Velho que deferiu ordenando ao Doutor Ouvidor Geral, que então era Valerio da Costa Gouveia, para eleger a Câmara da Vila, a que se deu o nome de S. Joseph de El Rei e por este se achar molesto e impedido foi o Juiz ordinário desta vila de S. João d'El Rei, o Coronel Antonio de Oliveira Leitão como ouvidor geral erigir a dita Vila de S. Joseph em vinte e oito de Janeiro do ano de 1718.

Contra este governador, no ano de 1720, se sublevaram os povos do Ouro Preto e o puseram em tal consternação que escreveu uma carta ao dito Valerio da Costa Cabral (sic) para que palpasse os ânimos destes moradores se poriam dúvida em o receber porque ele estava determinado a retirar-se para este distrito caso que aquela alteração não os sossegasse.

A resposta que teve foi que não só o receberiam, mas, se fosse necessário, se poriam a caminho para ir assistir à sua senhoria afeto e consideração e que, apagado estava aquêle incêndio tumultuoso; respondeu com uma carta cheia de agradecimentos a todos e a cada um em particular, a qual carta foi escrita em Vila Rica aos dez de agosto de 1720 e se acha no Livro Segundo do Registro da Câmara a folhas setenta e três.

Em estes e semelhantes procedimentos se souberam os moradores do Rio das Mortes distinguir, seguindo sempre a parte

dos Governadores obedecendo às suas ordens como do Soberano, de onde emanaria conformando-se em tudo com as suas determinações a que nem eles nem por seus procuradores que muitas vezes se acharam em juntas na presença dos três Governadores jamais impugnaram nem moveram a menor dúvida e de nenhuma sorte a cobrança dos reais quintos que se aceitaram por bateias no Governo de D. Braz Baltazar da Silveira. E na mesma junta que para esta cobrança se fez convieram seus procuradores na composição dos cargos para aumento dos ditos quintos e por resolução tomada na mesma ocasião se cometeu a esta Câmara o estabelecimento do primeiro registro na Borda do Campo, para dar entrada às ditas cargas e por esta se cobrar o seu imposto, diligência que com toda a prontidão mandou esta Câmara pôr por obra para que não padecesse da mora o serviço d'El Rei, em ordem à cobrança da sua real fazenda. Assim também obtivera, pela casa da fundição que nesta vila estabeleceu o Governador D. Lourenço de Almeida e ultimamente pela capitação que do presente pagam obedientes e como podem e não menos se singularizaram em todos os tempos no respeito e atenções a seus Ministros.

Estão narradas todas as tragédias, casos acontecidos e ações executadas no distrito e Arraial Novo do Rio das Mortes, hoje vila de S. João d'El Rei, desde o seu princípio até o governo do Conde D. Pedro, segundo os vislumbres que ainda existem e se conservam na minha memória tudo o mais que fica dito até o presente deduzido por aquela ordem e na melhor forma que limitado talento soube escrever e tosco estilo exprimir.

Como o Arraial Novo do Rio das Mortes deu o assunto desta história e dos seus distúrbios antes de ser vila não me pareceu alheio da mesma história o descrever dela mesmo um breve mapa e seus progressos depois de o ser.

Subiu o Arraial Novo do Rio das Mortes a Vila de S. João de El Rei, a qual consta de presente de quinhentos fogos ou com pouca diferença, ornada de três igrejas, quatro capelas, três

oratórios que a enobrecem e a Matriz da evocação (sic) de N. Senhora do Pilar, nossa sempre protetora fundada no coração da Vila, com o frontispício para a principal rua que chamam rua Direita, templo formoso com sete capelas cobertas de primorosa talha, quatro delas bem douradas.

A maior é capela nobilíssima e nela se adora o santuário. O seu pavimento é guarnecido de perfeitas grades bem torneadas, que formam o cruzeiro e duas coxias dentro das quais ficam os altares todos. Tem dois bem proporcionados púlpitos, lugar a que tem subido famosíssimos engenhos e neste tempo sobe a ele o nosso digníssimo vigário o Rev. Dr. Matias Antonio Salgado, licenciado em Teologia, ilustre em Artes, Bacharel formado em Cânones, vigário colado nesta matriz de São João de El Rei, oráculo dos púlpitos de Lisboa, corifeu dos pregadores daquela Corte, outro Crisóstomo porque só por uma boca de ouro sai o que por muitas vezes temos ouvido e até com tanta energia tem pregado: o sublime do seu estilo não é menor na oratória que na prédica como podem abonar as orações fúnebres dos dois ofícios que nesta matriz se fizeram por exéquias à Majestade do Senhor Rei Dom João Quinto, que Deus haja, o primeiro por obrigação da Câmara, o segundo por uma espontânea vontade do nosso reverendo Vigário e à sua custa, lembrado e agradecido ao benefício da Igreja recebido da mesma Majestade para o que fez levantar um cenotáfio elevado, de sorte que o pavilhão que o cobria se segurava a uma das linhas da Igreja por figura oitavada e pirâmides de uma idéia admirável, e tão admiravelmente ornado com específicos emblemas que sem ofensa do de Artemisio na Caria se podia transferir dele para esta a singularidade de maravilhas do Mundo.

E um grande coro apanelado e com sua talha assentada sobre três arcos abatidos que sustentam duas colunas e duas meias da ordem jônica; cinge a Igreja uma cimalha real da ordem composita e as suas paredes abraçam duas linhas de ferro bem pintadas com pendurados de florões dourados. A tudo isto cobre a volta do teto da capela Mor e Igreja especiosas pinturas.

De fora é acompanhada de duas torres que se elevam em boa proporção com suas pirâmides e cúpulas a que rematam duas grimpas de cobre dourado, as quais os embates dos ventos fazem girar para mostrarem a todos os rumos sua grandeza e galhardia.

Sustentam estes quatro sinos, passando de quarenta arrobas o maior. Das ditas torres se seguem, pelo comprimento da Igreja, duas galerias de janelas de sacada, de uma e outra parte, com casas que servem de consistórios das Irmandades e nas paredes da capela maior duas sacristias, uma dos reverendos padres e outra da Irmandade do Senhor.

Seu adro dá para a mesma rua, delineada por boa arquitetura com duas entradas que sobem a um tabuleiro da porta principal, indo ao Calvário da Cruz que nela se respeita, fabricado de cantaria.

Nas entradas da mesma rua Direita estão as duas igrejas, da parte esquerda, a de Nossa Senhora do Monte do Carmo e da parte direita da matriz, a de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos; olhando uma e para a outra com a Matriz em meio fazem uma vistosa perspectiva.

Na mesma rua, defronte da Cadeia, está o Oratório de Nossa Senhora da Piedade, em que se diz missa aos presos. Na rua da Prainha está o oratório das Almas, em que aquela vizinhança canta em louvor da Mãe de Deus suas ladainhas.

No morro da espalda da vila, na sua costaneira, está a capela de N. Senhora das Mercês, feita pela figura do Panteão ou Rotunda de Roma. Da outra parte da vila estão as capelas de S. Caetano, de N. Senhora da Conceição, e em meio a casa da venerável Ordem Terceira de S. Francisco.

E no arrabalde onde chamam Barro Vermelho está o oratório de N. Senhora da Conceição, monumentos todos erectos pela católica devoção deste povo, e por ele com zelo assistidos e com notável asseio em todos.

No largo, por detrás da matriz, se levanta o Paço do Conselho ou Casa da Câmara, cujos oficiais que têm servido e servem, são dignos de todo o respeito e veneração. Seus moradores são de tratamento grave, graves as pessoas e sem afetação, em tudo graves com civilidade.

É cortejada de um ribeiro que pelo meio da vila, por debaixo de duas pontes correndo, busca os pés de toda a sua vizinhança, querendo mostrar pelas correntes que arrasta o quanto afeta ser seu escravo, a quem liberal oferece nas areias que leva o ouro que consigo traz. Por todas estas circunstâncias se faz a vila de S. João d'El Rei do agrado de todos e de todos mais apetecida para habitada pelo excelente clima de que goza a que não fazem inveja os celebrados de Cápua na Itália nem os de Tessália na Grécia, porque é levado de récios ventos que a favorecem, cujos ares também seus habitantes... e respiram puros. Ultimamente é a vila de S. João d'El Rei muito particularmente por si e pelo nome que tem, como é o do maior santo nascido e do Rei mais católico.

Tem a vila de S. João d'El Rei ouvidoria de que se honra pela qual se faz cabeça de comarca com seu Ouvidor Geral, escrivão, inquisidor e meirinho geral com seu escrivão e escrivão neste juízo e demais... e escrivão próprio, o escrivão das execuções, e dos ausentes e também o tabelião como no juízo ordinário. Tem Juíz dos Orfãos e Juíz de eclesiásticos com seus oficiais além dos que há que se chamam oficiais do campo. Últimamente tem a Casa Real da Intendência de que muito se autoriza e compõe-se este Tribunal de um Presidente, homem de letras, um fiscal, um escrivão com seu ajudante, um tesoureiro, um meirinho do Tribunal ao qual se vão pagar os quintos.

Finis.

NOTÍCIA — 1.ª PRÁTICA

Que dá ao P. M.e Diogo Soares o Alferes José Peixoto da Silva Braga, do que passou na Primeira Bandeira, que entrou ao descobrimento das Minas do Guayases até sair na Cidade de Belém do Grão-Pará.

1. Saí da Cidade de S. Paulo a três de julho de 1722 em companhia do Capitão Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhanguera de alcunha, que era o cabo da Tropa com 39 cavalos, dois Religiosos Bentos, Fr. Antonio da Conceição, e Frei Luiz do Sant'Anna, um Franciscano Fr. Cosme de Santo André, e 152 armas, entre as quais iam também 20 índios, que o sr. Rodrigo Cezar, General que então era de S. Paulo deu ao cabo Bartolomeu Bueno, para a condução das cargas e necessário. Dos brancos quase todos eram filhos de Portugal, um da Bahia e cinco ou seis paulistas com os seus índios, e negros e todos à sua custa.

2. Passado o Rio Theaté fomos pousar neste dia junto ao mato do Jundiaí, quatro léguas distante da Cidade de S. Paulo; na manhã seguinte entramos no mato, e gastamos nele quatro dias. Saídos do Mato passamos o Rio Mogí, que é rio de canoa, e muito peixe tem, e dá mostras de ouro, mas com pouca conta; aqui falhamos um dia, e no seguinte, marchando sempre ao Norte, demos com um rio também de Canoa, a que pusemos o nome............................. e nele pousamos esta noite. É o caminho todo campo com alguns capões de matos, bons pastos e bastantes aguadas.

3. No dia seguinte passamos o rio em um vão com água pelos peitos, e fomos pousar no meio do campo distância de três para quatro léguas; é todo bom caminho, bons pastos, e muita caça, e tem alguns Córregos com bastante peixe. Deste ponto fomos dormir distância de quatro léguas junto a um Córrego, que entra como os mais no Rio Grande. Daqui passamos na manhã seguinte encostados a uns paus, e presos com uns cipós para vencermos a muita violência e grande força dágua com que corria. Neste pouso falhamos um dia, sendo a causa o requerer toda a Tropa a Anhanguera, lhe fizesse a resenha que lhe tinha prometido antes fazer em Mogí, e a que tinha já faltado. Escusou-se este com a promessa, de que em chegando o Capitão João Leite da Silva Ortiz, seu genro, que nos tinha ficado atrás, e era o outro descobridor, a faria, e caso, que este não chegasse a tempo competente, a faria ele cabo no Rio Grande.

4. Com esta esperança marchou toda a Tropa, sete dias ou oito dias, sempre por campos, e matos grossos, e pousando sempre à beira de Córregos e rios; não faltou em todos eles caça e peixe. Deste último pouso fomos ao Rio Grande, passamo-lo em canoas feitas de paus de semauma depois de dormirmos; e falhamos nele dois dias, esperando se nos fizesse a resenha prometida, mas faltou como sempre, o Anhanguera. Partiu deste sítio toda a Tropa ainda junta, mas já desconfiada, e foi dormir distância de quatro léguas junto a um Córrego, que deságua no Rio Grande. Aqui nos começou a faltar o mantimento, e assim nos foi preciso marchar cinco dias passando com o que dava a espingarda, pássaros, macacos, palmitos e algum mel.

5. No fim destes cinco dias chegamos ao rio das Velhas, que entra no Rio Grande, é caudaloso, tem bastante peixe, mas sem mostras de ouro. Falhamos nele dois dias, pescando, e caçando por ter bons matos, e para provimento da viagem.

Aqui nos deixou o Anhanguera adiantando-se com parte de tropa, ficando a mais expedindo-se para o seguir. Neste tempo, e ausente já o cabo, chegou João Leite com a sua gente, por cuja causa falhamos mais esse dia. No seguinte seguimos com João Leite ao Anhanguera, e depois de quatro dias de marcha o achamos com ranchos feitos entre o mato, passamos do caminho alguns córregos, que nos permitiram o vadeá-los por ser tempo de seca.

6. Avistada a Tropa com o cabo lhe pediu João Leite, que fizesse a resenha prometida tantas vezes não só em S. Paulo, mas no Sertão, porque havia desconfiado, e temia se malograsse por esta causa a empresa que ambos tinham oferecido não só ao General Rodrigo Cezar, mas ao mesmo Soberano. Respondeu-lhes que a resenha era escusada, porque os Amboabas, assim chamam aos reinóis, não era gente que lho merecesse. Com esta resposta desconfiados não só os Amboabas, mas ainda os poucos paulistas, que nos acompanhavam, determinaram voltar-se logo para S. Paulo, mas acudindo a isto João Leite, os obrigou com rogos, e com promessas, e muito mais com o seu natural agrado, a que o não desamparassem.

7. Reduzida a Tropa se pôs em marcha depois de quinze dias de falhas, que se gastaram nestas desordens, como também em fazer algum provimento do que permitia o mato, e como este não era muito, nem todos tinham quem lhe caçasse, obrigou a alguns a matarem, e comerem um cavalo que tinha quebrado uma perna, e eu fui um dos que aproveitaram dela. Aqui quisemos falhar mais alguns dias por entrarem já as águas, e temermos não só os rios, e córregos, mas a falta de matos, e com ela o necessário, e preciso para o sustento. Resolveu porém o cabo a marchar em ódio dos Amboabas de quem era o voto. Seguiu a tropa, e fomos dormir nesse dia junto de um córrego, que tinha algum peixe com melhores pastos, e bastante mato. Aqui desconfiámos de todo persuadidos, que

o Anhanguera, nos queria acabar no meio daqueles matos, e alguns houve que se resolviam a ficar, lançando roças, e plantando alguns poucos pratos de milho, que tinham ainda para o seu sustento, mas o Capitão João Leite, os tornou de novo a animar, e reduzir a que passassem avante como passaram.

8. Passados alguns dias de marchas, e neles alguns rios, e Córregos com assaz trabalho, e perigo, por serem as águas muitas, e maior a fome, nos fomos arranchar perto da meia ponte. É a Meia Ponte um rio caudaloso, tem bastante peixe, bons pastos e muito mato. Passado este rio em umas pequenas canoas, que fizemos de cascas de árvores, fomos dormir na outra banda do rio, que nos hospedou toda a noite com uma famosa trovoada, que durou até a manhã seguinte com tanta água, que não nos deu lugar a podermos fazer ranchos, e por isso me valí de uma tolda, que tinha comigo. Da Meia Ponte, distância de dois dias de viagem, se deixou ficar Fr. Antonio com ânimo de lançar roça com dez negros, um seu sobrinho, e um mulato, com outro branco Paulista, que consigo tinha. Sentiu toda a Tropa naquela noite a falta do dito Religioso, deu-se parte ao Anhanguera, mandou-o este persuadir a que voltasse e marchasse adiante, como faziam os mais. Mas teve por resposta visto que, a falsidade que S. M.ce tinha usado com todos, faltando a tudo, o que lhes tinha prometido em S. Paulo, lhe não era possível o podê-lo acompanhar, que ele determinava plantar algum milho, com que se pudesse recolher a Povoado.

9. Desenganado o Anhaguera, marchou com a mais tropa e julgando, que indo sempre ao Norte, como até ali tinha feito, lhe ficavam já atrás os Guayazes, que procurava, mudou de rumo, e seguiu a Nordeste 4.ª do Norte.

Passaram de cento e tantas léguas, as que andamos a este rumo sem mais sustento, que o que dava o mato, e esse pouco. Nestes dias lhe fugiram ao cabo oito índios dos seus, publicando primeiro todos, que íamos errados, porque os Guayazes nos

ficavam já atrás. Destes índios foram apanhados depois de alguns dias só três, que trouxe presos João Leite, que se expediu a buscá-los com dois negros e quatro brancos: trouxe também nesta volta consigo a Frei Antonio, que nos ficava distante perto de oitenta léguas: mas ainda que veio Frei Antonio, nem por isso desamparou a sua roça, porque deixou nela o sobrinho com quase todos os negros. Nesta ocasião demos em umas grandes chapadas faltas de todo o necessário, sem matos, nem mantimentos, só sim com bastantes córregos, em que havia algum peixe, dourados, trairas, e upiabas, que foram todo o nosso remédio, achamos também algum palmito, do que chamam jaguaroba, que comíamos assado, e ainda que é amargoso sustenta mais, que os mais.

Aqui nos começou a gente a desfalecer de todo: morreram-nos quarenta e tantas pessoas entre brancos e negros, ao desamparo, e o eu ficar com vida o devo ao meu cavalo, que para me montar nele pela nímia fraqueza, em que me achava, me era preciso o lançar-me primeiro nele de braços levantados sobre o primeiro cupim que encontrava.

10. Vendo-se o cabo nessa miséria, e temendo a falta, e mortandade de gente, e muito mais considerando o erro que tinha dado no rumo que então seguia, se valeu do Céu, e foi a primeira vez que o vi lembrar-se de Deus, prometendo, e fazendo várias novenas a Santo Antonio para que nos deparasse algum gentio, que conquistado, nos valessemos dos mantimentos que lhe achássemos, para remédio da fome, que padecíamos. Passados quinze dias com bastante moléstia, e trabalho, demos em uma picada nos mesmos campos, seguímo-la nove dias, achando nela alguns ranchos feitos de pau e ramos, com alguns grãos de milho, já nascidos: no fim destes nove dias chegamos a uma serra, cujas vertentes deságuam para o Norte, e lançando adiante quatro índios a farejar o gentio os seguimos três dias de viagem. Éramos só dezesseis com o

Cabo, porque a mais tropa, e bagagem a deixamos atrás com os doentes.

Na noite do terceiro dia avistamos as rancharias do Gentio, e seus fogos: emboscamo-nos no mato para lhe darmos na madrugada, mas sendo sentidos dos cachorros que tinham muitos, e bons, quando os avançamos, nos receberam com os seus arcos e flechas.

11. Não demos um só tiro por ordem do Cabo, de que resultou o fugir-nos quase todo o gentio, o investir um deles ao sobrinho do Cabo com tal ânimo, que lançando-lhe a mão à rédea do cavalo lhe tirou a espingarda da mão, e da cinta o traçado, e dando-lhe com ela um famoso golpe em um dos ombros, e outro no braço esquerdo, fugiu levando-lhe consigo as armas. Desembaraçado do Tapuia o Paulista correu sobre ele sem mais efeito, que recuperar a espingarda que lhe largou o Tapuia, retirando-se com o traçado.

Nesta mesma ocasião outro Tapuia em uma das suas portas feriu levemente no peito com uma flecha a um Francisco Carvalho de Lordelo, e acudindo outro lhe deu na cabeça com um porrete de que caiu logo, caindo-lhe deu outra porretada outro Tapuia, que apareceu de novo, deixando-o já por morto.

É para admirar, que em todo este conflito não fizesse ação *alguma* mais o nosso Cabo, que o andar sempre ao longe, gritando, e requerendo-nos, que atirássemos só ao vento por não atemorizar o gentio.

Foi Deus servido levarmos os ranchos chovendo sobre nós as flechas, e os porretes.

12. Retiraram-se para o mato os Tapuias, mas sem nunca nos perderem de vista, e tanto, que querendo darmos sepultura ao Carvalho persuadidos, a que estaria morto, procuraram em duas avançadas que nos deram, o tirá-lo e comê-lo, e vendo-se rebatidos nos pediram por acenos lhe déssemos ao menos a metade para a comerem, por ser diversa a língua da geral. Re-

tirado o dito Francisco de Carvalho, o achamos com a boca, narizes, e feridas cheias de bichos, mas vendo que lhe palpitava ainda o coração, e que tinha outros mais sinais de vida, o recolhemos na rancharia, curando-lhe as feridas com urina e fumo, e sangrando-o com a ponta de uma faca, por não termos melhor lanceta: aproveitou tanto a cura, que o Carvalho pela noite tornou em si, abriu os olhos, mas não pôde falar, senão no dia seguinte: o regimento que teve, não passou dum pouco de angú, e algumas batatas, das que achamos nas rancharias.

13. Em todo esse tempo nos não deixou o gentio, perseguindo-nos os negros, que nos iam conduzir algumas batatas de vinte e cinco batatais que tinham grandes, e excelentes no gosto: destes negros nos mataram um, e um cavalo, o que visto pelo Cabo se fez forte em um dos ranchos, que lhe pareceu melhor, mandando recolher todo o milho, que se achou, a um paiol, a que pôs guardas, como o fez também a sete índios, que cativamos, mandando-lhe lançar a todos suas correntes, excetuando um índio torto, também cativo, a que ao depois deu liberdade. Recolhido no seu rancho o Anhanguera mandou logo buscar os doentes, e mais bagagem.

Nesse tempo se tinha humanizado já mais o gentio, buscando-nos, e servindo-nos sem arco e flecha, e admirando muito as nossas armas. Ofereceram-nos paus, trazendo-nos em um destes dias dezesseis índias ainda moças, muito claras e bem feitas, não éramos mais os brancos, em sinal de amizade. Repugnou o Cabo a aceitá-las, contradizendo todos os mais companheiros, e eu fui o que mais o persuadia a aceitá-las, dizendo-lhe, que na consideração de sermos tão poucos, e estes fracos, e mortos de fome, e muito o gentio o não escandalizássemos, e que postas em guardas as ditas índias com as mais, que se achavam já presas, podíamos facilmente catequizar a todo o mais gentio, não só a ajuste das pazes, mas a darem-nos alguns, que nos ensinassem o verdadeiro caminho dos Guayases.

Mas a nada disto se moveu o Anhanguera com a ambição de querer para si todo o gentio, motivo, por que escusou sempre a resenha, e porque desconfiado o gentio desapareceu logo no outro dia: temeroso, que ao entrar nova gente nas rancharias, eram os doentes, e bagagens, os queríamos matar para os comermos a todos; assim nô-lo certificaram as índias, que se achavam entre nós. Desesperado o Cabo com a ausência do gentio, largou o torto com algumas facas, tesouras, e outras galanterias, para que as persuadisse a voltar, mas o torto foi, e nunca mais o vimos.

14. Chama-se este gentio Quirixá, vive aldeado, usa de arco, flecha, e porrete, é muito claro, e bem feito; anda todo nu, assim homens como mulheres. Tinham 19 ranchos todos redondos, bastantemente altos, e cobertos de palmito, com uns buracos juntos ao chão em lugar de portas; em cada um destes viviam 20 e 30 casais juntos, as camas eram uns cestos de burítís, que lhes serviam de colchão, e cobertor; eram pouco mais de 600 almas; estava situada toda esta aldeia, junto dum grande córrego com bastante peixe, e bom: — no 2.º dia, que marchamos a buscá-la, encontramos um rio caudaloso, em que havia muitos peixes cayjus, palmito e muita e grande caça, que nos serviu de muito. Nesta aldeia achamos 200 mãos de milho, vinte e cinco batatais, muitas araras, e também alguns periquitos, que nos serviam de sustento, e de regalo: tinham também bastante cópia de cabaças e panelas, e uma grande multidão de cães, que mataram quando fugiram e se retiraram de todo, só a fim de não serem sentidos das nossas armas, como experimentamos depois nas Bandeiras, que se lançaram a espiá-los.

15. Aqui nos detivemos três meses sem neles nos dar cabo milho nenhum, reservando-o todo para si só, e para a sua comitiva, desculpando esta sua tirania com dizer-nos lhe era preciso para as Bandeiras, que havia de lançar, mas suposto

lançou duas, nem por isso foi muito o milho, de que as proveu; não faltou este, nem farinhas aos seus cavalos, e à sua comitiva. Eu só tive a fortuna de me darem 17 espigas, e se tive mais algum milho o devo ao trabalho, e perigo, com que o recolhi das roças, que tinha deixado, o gentio de refugo; assim o fizeram todos os mais não se isentando do mesmo trabalho ainda os religiosos, por que se o quiseram, o carregaram e tiraram por suas próprias mãos, escoltados sempre de outros por medo do gentio. Antes de nos ausentarmos nos fugiram quatro dos índios, que o Cabo tinha presos, e nunca mais se viram.

16. Na demora que fizemos nesta aldeia, vendo toda a tropa que o Cabo sobre faltar a resenha tantas vezes prometida, tinha a culpa de perdermos o gentio, se amotinou, e tanto que se resolveram dois bastardos e um mulato mamaluco com alguns paulistas a querer-lhe tirar a vida, e levantar a seu irmão Simão Bueno por cabo, por ser de melhor, e mais dócil condição. Eu que soube a sua resolução, não obstante o não mo merecer o Anhanguera, fiz todo o possível para os dissuadir de semelhante intento, insinuando-lhes o muito que deviam a João Leite. Dissuadidos os bastardos, e seus sequazes, seguimos viagem costeando o córrego da Rancharia, ou aldeia, até darmos em um rio, que fomos costeando também pela parte do norte a buscar novo gentio, que nos pudesse ensinar caminho dos Guayases. Nestas marchas gastamos 76 dias, andando dois deles sem achar água, de sorte que, quando chegamos às margens dum rio, foi tal a alegria em nós, que cobramos nova alma, e tanto, que nem os cavalos havia quem os tirasse da água por mais pancadas que para isso lhes davam. Aqui falhamos 12 ou 15 dias, esperando por João Leite, que nos tinha ficado atrás em busca dos índios, e não chegava.

17. Neste sítio ouvindo dizer ao cabo nos ficava já perto o Maranhão me resolvi a deixá-lo, e rodar rio abaixo buscan-

do alguma terra já povoada, por não perecer a fome e sede no meio daqueles matos. Seguiram-me três camaradas, que foram José Alves, Francisco de Carvalho, seu irmão, Manoel de Oliveira, paulista, e João da Matta, filho da Bahia, ainda rapaz, José Alves, com um negro, e uma negra, seu irmão com um só negro, eu com três, e um mulato, que foram todas as peças, que nos escaparam da viagem do Anhanguera, entrando eu com seis negros, e o mulato, o Alves com cinco, e o irmão com três. Repugnou o cabo que saissem comigo os dois irmãos sem que primeiro lhe satisfizessem quarenta e seis mil réis, que deviam a João Leite, que já era chegado com Frei Antônio, paguei por eles, porque lhe não vi outro remédio. Porém, João Leite vendo-me ausentar insistiu, e com ele Frei Antônio quanto lhe foi possível, a que não os desamparássemos; mas as insolências do cabo que dizia publicamente havia de enforcar aos Amboabas, me obrigaram a dar gosto a João Leite, e a Frei Antônio. O certo era, que o Anhanguera tinha passado ordem a um dos seus tapuias para matar ao Alves por uma bem leve causa; o pior, foi, que vendo o mesmo Anhanguera, que eu o deixava, me catequizou um negro bom mateiro, chamado Pascoal, e o deixou ficar consigo. Vendo-me sem ele voltei ao sítio do cabo distância de meia légua, rogando-lhe me restituísse o negro; respondeu-me que o negro não estava em seu poder, nem sabia dele. Fiz então procuração a Frei Antônio para que o tomasse a si, e me remetesse o procedido dele, caso que o vendesse, a minha mulher Leonarda Peixota, à Cidade de Braga. Soube João Leite, desta procuração, e estranhando esta ação de seu sogro, me mandou oferecer um moleque por Estevão Macaste Francez, em lugar do negro, que aceitei logo por ser preciso mais gente para remar nas canoas; publicando neste tempo o cabo, que já que nos íamos, e o deixávamos, morreriamos naqueles rios, e matos, por nosso próprio gosto, sendo que melhor seria o matarnos, que o deixar-nos perecer entre as águas; não duvido que

nos quisesse herdar os negros, como tinha feito a todos os mais sócios.

18. Estas duas canoas, e dado o meu cavalo a Frei Luiz, para mo dizer em missas a N. S.ª da Boa Viagem, por lhe ter morrido o seu — rodamos rio abaixo pelo interêsse do peixe, e caça, que era muita; passados oito dias de próspera viagem demos na barra doutro Rio, que vinha da mão direita, e terras de Portugal, tão grande, como o por que rodávamos; passada esta barra, e depois de quatro dias avistamos outra barra dum rio mais pequeno, que vinha da mesma parte direita, e desta a 15 ou 20 dias, buscando sempre o Norte, que era o rumo a que corria o nosso, demos em outro rio maior, que vinha da parte esquerda, em que achamos com as cheias inumeráveis jangadas feitas de buritís, que tinham rodado, e com elas sinal de haver gentio perto. Navegamos adiante, e depois de cinco ou seis dias avistamos alguns recifes de pedras, e não poucas cachoeiras, que passamos junto à terra da parte direta, cirgando as canoas por entre os penedos, mas não com tanta cautela, que não topasse uma em uma pedra, e se partisse pelo meio, perdendo nela duas canastras com roupas, ouro e prata, tachos, espingardas, traçados, anzóis, linhas, e outros trastes necessários no sertão, e que nele se precisam; entre estes foi mais sensível a perda de um pacote de chumbo com duas arrobas, escapando outro com o mesmo número, e um pequeno barril de pólvora, que veio boiando acima; escaparam também três espingardas de oito que trazíamos, e tudo o mais se perdeu.

19. Passado este perigo fomos na outra canoa buscar a parte esquerda por baixo da cachoeira, onde o rio fazia remanso com uma excelente praia: nela matamos dois porcos, que nos serviram de matalotage para a viagem, e fizemos de novo outra canoa com três machados, e duas enxós, que também nos escaparam, vertendo sangue as mãos por ser de tamboril duríssimo o pau de que a fizemos; gastamos na sua fa-

bricação 12 dias abrigados à sombra daqueles matos, e como perdemos os anzóis, e linhas, perdemos também gosto ao peixe, e nos valíamos do palmito bocajuba, que depois de esfolado, e feito em uns pequenos pedaços o secávamos ao fogo, e seco o socávamos em uma pedra, e o comíamos em mingaus, servindo-nos de taco ou panela uma pequena bacia de arame, que também nos escapou. Feita a canoa seguimos nossa derrota, e passados três dias de viagem demos com um pau cortado na beira do mesmo rio: abordamos as canoas a expiar algum macaco para comermos e matarmos a fome, que era já muita quando descobrimos um arraial de gentio pouco menos distante que um ou dois tiros de espingarda; era o arraial grande, e teria mais de trinta ou quarenta ranchos redondos. Vistos nos tornamos logo a embarcar, fugindo a todo o remar por não sermos sentidos deles, e tanto que fomos dormir distância de quatro ou cinco léguas rio abaixo, arranchando-nos no mato da parte esquerda, onde achamos algum palmito Indayá, mas foi tal a perseguição dos morcegos nessa noite, que sobre nos tirarem o sono, nos custou muito a livrar deles; porque como vínhamos já nus, tanto, que fechávamos os olhos, se pregavam logo e nós, e nos sangravam de sorte que acordavamos banhados todos em sangue, motivo por que desamparamos mais cedo do que queríamos, aquele sítio.

20. Daqui rodamos rio abaixo e demos em um Jenipapeiro, com cuja fruta nos regalamos dois dias, e no fim destes como a fome era muita entramos pelas sementes das ditas frutas; mas estas nos puseram em tal estado, e impediram de tal sorte o curso, que nos consideramos mortos. Valemo-nos duns pequenos paus, e com eles em logar de cristel obrigamos a natureza a alguma evacuação. Falhamos neste ponto 4 ou 5 dias, que gastamos em buscar alguma caça para comermos, e para que nos não faltasse também o peixe, fizemos do virote duma espada, que cortamos a enxó, um formoso anzol, e aguçado com uma pedra tiramos bastante peixe, servindo-nos de linha um pouco de ambé, era o peixe excelente, muito, e grande, e tanto

como o do mar: matamos também aqui muitos barbados que postos de moquém, nos serviram de nova matalotagem para o caminho — Caminhamos rio abaixo e depois dalguns dias nos quebrou a outra Canoa em uma pedra, que estava na beira duma grande correnteza, em que demos, aqui se nos acabou de perder tudo, e eu como não sabia nadar, me peguei à mesma Canoa, valendo-me dum cipó, com que me atei a ela e fui sair em um recife de pedras: pior sucedeu a um dos meus negros, que rodou pela cachoeira abaixo mais de dois ou três tiros de espingarda levado da correnteza da água, e quando o supunhamos já morto o achamos sentado sobre um grande penedo, que havia no meio do rio, tinha este um quarto bom de légua de largo. Perdemos também aqui o nosso estimado anzol, que nos roubou um formoso e grande peixe, e assim ficamos só a palmito e jenipapo, e esses quando os achávamos.

21. Neste pouso consertamos a canoa, e, rodando pelo rio mais de quinze dias abaixo nos vimos obrigados em todos eles a dormir nas suas Ilhas, que eram muitas, enterrados na areia por medo do gentio, que era inumerável, e o mais é sem podermos dar um só tiro, para remédio da fome, que não era pouca. Aqui vimos várias barras doutros rios pequenos, que duma e doutra parte se metiam no em que rodavamos: passadas estas descobrimos a poucas léguas a barra dum grande rio, que vinha da mão direita, dormimos essa noite entre uma e outra barra, mas saindo na manhã seguinte costeando o rio pela mesma parte direita, pela extraordinária largura, que aqui tinha, demos com um grande palmital, e nele com três gentios juntos à praia; pegou um dos companheiros na espingarda, tirou a um, e feriu-o; ferido, acudiu logo todo o mais gentio, que andava ao Corredio, (sic) dando tais urros, e tocando tão horríveis tararacas, que parecia se nos abrira naquele sítio o inferno, valeu-nos não ter este gentio de Canoa, atravessamos logo o rio, fugindo quanto então nos foi possível; aqui nos vimos perdidos novamente porque as ondas, e marrêtas eram tais, ao atravessar da corrente, que te-

memos muito nos submergissem, chegamos bem cansados, e quase mortos a uma Ilha, e prendendo as Canoas em uma das suas pontas nos fomos arranchar na outra enterrando-nos na areia para evitar o gentio se viesse sobre nós.

22. Passado este susto, depois de dois dias de viagem, sem mais sustento, que o dos coquinhos, que nos davam alguns palmitos, com algum palmito indaiá, onde se achava, demos em um outro novo perigo, topando no meio do rio com um recife de pedras, em que a minha Canoa se viu perdida, porque saída das pedras deu em um jupiá, aonde depois de 17 ou 18 voltas, que nele deu a mesma violência dágua, a lançou fora: a outra tomou melhor caminho foi encostada à terra, e passou sem susto: dormimos esta noite na beira do mesmo rio junto a um mato, com não menos fome, e chuva que foi muita e durou toda a noite. Passados dois dias de viagem matamos uma anta mas tão magra, que por tal nos esperou um tiro, de que caiu, e mal assada se comeu: nessa noite demos em trilha de brancos com que cobramos sem dúvida novos alentos: e vimos entrar no nosso da parte esquerda um rio, que ao depois soubemos ser o Araguay, e o por que navegamos o Tocantins. Seguimos a dita trilha, por ser esta sempre à beira do rio, e dando daí a três dias com oito ilhas, nos vimos perplexos por não sabermos o canal, que seguiríamos, buscamos então a terra, e junto a ela, e duns penedos quisemos varar as canoas, e não pudemos pela pouca água que ali havia.

23. Falhamos aqui quatro dias buscando algum palmito, ou caça, que era pouca, e como a fome era mais, mandei ao meu mulato a matar alguma coisa para comer; voltou este sem nada, mas só com o seguro de ter achado picada certa de branco, peguei da espingarda, e assim nu, como estava, segui a dita picada, acompanhado só do paulista, e a menos de quarto de léguas avistamos uma Missão dos R. R. P. P. da Companhia que formava de novo. Vendo-nos um dos padres nus, e com

armas, fugiu logo, e deu aviso ao mais persuadido que era gentio Manas, que também usa de armas de fogo pelo comércio que tem com os holandeses, e são nossos inimigos. Acudiu prontamente o capitão-mór, que se achava entre os padres, com toda a sua soldadesca armada, e tocando caixas; acudiam também os índios com os seus arcos, e flechas: lançando em terra as armas, e batendo as palmas em sinal de paz nos veio buscar logo o R. P. Marcos Coelho, que era o superior da Missão, e vendo que éramos portugueses nos levou consigo com extraordinária alegria e amor, e ouvindo-nos contar o que tínhamos padecido não podia reter as lágrimas, e assim sabendo, que tínhamos mais companheiros os mandou logo buscar pelos índios em uma das suas canoas, e chegados por não haver na capela outro sino, nos recebeu com três alegres repiques, que formavam os golpes dum pequeno ferro em uma pedra.

24. Nesta primeira e amorosa hospedagem começamos a matar logo a fome: não faltaram feijão e peixe, e como um e outro era temperado, não deixou de o estranhar por muito tempo o estômago. Durou-nos esta alegria só quinze dias, porque no fim deles nos remeteu ao Pará ao dito capitão-mor Domingos Portela de Mello, gastando 20 dias na viagem. Chegados ao Pará, se deu parte ao governador João da Maia da Gama, veio este ver-nos logo ao porto, e ouvindo os trágicos sucessos da viagem, que trazíamos, nos não deu crédito, antes intentou prender-nos para justificarmos, se os negros, que trazíamos eram nossos, ou furtados à mesma Tropa, de que tínhamos desertado; respondi-lhe que catequizasse os negros e que se catequizados confessassem não serem nossos, nos castigasse, o que não obstante e menos a miséria em que nos via, pois estávamos todos nus, e com a pele só sobre os ossos, nos deixou ficar na mesma praia, e porto das canoas sem resolver nada, e sem mais sustento, e cama que a que nos deram os cavacos e cascas dos paus do estaleiro Real.

Porém emendaram logo na manhã seguinte os particulares a indispensável falta deste seu Governador, vindo nos buscar à praia do estaleiro o R. Cônego João de Mello, com mais algumas pessoas graves da Cidade, e compadecidos do miserável estado em que nos viam, nos levaram a todos para suas casas. Eu tive a do mesmo R. Cônego João de Mello; João Alves foi para a de Manoel de Góes com seu irmão; Manoel de Oliveira para a de João de Souza, filho de Basto, e João da Matta para a de João da Silva, filho de Guimarães; — No Pará adoeci depois dalguns meses duma febre que me pôs em perigo, e tanto que degenerando em maleitas estive ungido; duraram-me estas oito meses enquanto estive de cama levaram alguns dos negros mau caminho, porque um me morreu de bobas, e o mulato de veneno que lhe deu uma Tapuia: e assim me embarquei só com dois para o Maranhão; destes conservo ainda um, porque o outro me foi preciso vende-lo para comprar dois cavalos que me conduziram a estas Minas, gastando no caminho dez únicos meses com alguns dias falhos; e desde que deixamos o grande Anhanguera até Deus nos trazer ao Pará quatro meses e onze dias, entrando nestes as falhas.

25. Lembra-me que antes de darmos no Jupiá, quando fugimos do gentio de que falo acima nos ns. 21 e 22, por ser o rio muito largo, e quase morto, nos lançamos à matroca aquela noite, prendendo uma canoa à outra, e dormindo todos os mais eu por mais temeroso e acautelado vigiei toda a noite, e não me valeu de pouco; porque ouvindo roncar ao longe o mesmo rio, os acordei gritando, que tinhamos perto cachoeira, e assim foi porque varados em uma ilha, vimos logo na madrugada o perigo de que escapamos de noite: porque a cachoeira era horrível, e tão alta, que teria 500 palmos, e entre penedo bruto, que a fazia mais formidável e com tantas ondas, fumaças e cachões que parecia um inferno; passamos por cima duns recifes lançando as canoas pelo canal à fortuna: sairam estas abaixo da cachoeira cheias de água, e rombos, tiramo-las,

então a nado, e consertadas como pudemos, seguimos nossa derrota. Estes são, R. Senhor os trabalhos, as misérias, e as grandes conveniências que tirei das novas Minas dos Guayazes, etc.

Minas Gerais — Passagem das Congonhas, 25 de agosto de 1734. — *José Peixoto da Silva.*

NOTÍCIA — 1.ª PRÁTICA

Dada ao R. P. M. Diogo Soares, pelo Sargento Mor da Cavalaria Francisco de Souza e Faria, primeiro descobridor, e abridor do dito Caminho.

Justa com o general de S. Paulo a abertura do caminho e provido das instruções e ordens necessárias para se me assistir na Fazenda Real de Santos, com gente e munições; me embarquei na dita Villa, para de Paranaguá com 35 pessoas, entre índios e brancos em a pequena Sumaca do M.e João Martins Roza; Gastei três dias nesta viagem, e na Vila de Paranaguá um mês, fazendo nela alguma gente mais para a diligência em que ia.

De Parnaguá, junta a gente, me embarquei com ela para a Vila de S. Francisco, gastei cinco dias na viagem, e um mês na dita Vila, procurando nova gente que me quisesse seguir.

Da Villa de S. Francisco passei na mesma Sumaca a Ilha de Sta. Catarina: gastei na viagem oito dias, e nove na dita Ilha, e adquirida nela alguma gente mais passei com toda ela, que seriam já 96 pessoas, por terra a Villa da Laguna, onde gastei dois meses, não só para dar descanso a toda a tropa, também para consultar ao Capitão-Mor da dita Vila, segundo as instruções que trazia de S. Paulo.

Saído da Laguna marchei com toda tropa pela praia a buscar o Rio Araranguá, e nele o sítio a que chamam os Conventos, distantes da Laguna, e ao Sul dela pouco mais de 15 léguas.

Neste sítio, e em 11 de Fevereiro de 1728 dei princípio ao caminho rompendo matos fechados, e dando a pouco mais duma

légua com um pântano, que teria meia de largo, em que me foi preciso fazer-lhe uma boa estiva para o podermos passar; passado ele dei quase a meia légua com um grande ribeirão que deságua no Araranguá, se chama Cangicassú, e como não dava vau lhe fiz uma boa ponte de 12 braças e meia de comprido, e braça e meia de largo.

Passado o Cangicassú busquei logo a margem do Rio Araranguá, e seguindo-a passei nela vários córregos e ribeiros fazendo em uns pontes, e desbarrancando outros para os poder passar. Chegado ao lugar, que chamam os Itaypabas passei o Araranguá, que terá no dito sítio pouco mais de 30 braças de largo; passado o rio caminhei sempre ao Norte, cortando matos em terras alagadiças, estivando-as com assaz trabalho, e com não menos fazendo pontes em alguns rios, até que andadas cinco léguas me foi preciso buscar outra vez o Rio Araranguá, por me livrar das serras, e morrarias altíssimas em que dei, e me era impossível o subí-las.

Segui rio acima, e o tornei a passar nas cabeceiras, em o sítio onde chamam a Orqueta, e aonde principiam os morros da serra chamada Paranapiacaba, e de que nascem muitos e vários ribeirões todos de pedras. Entre os morros achei um espigão por onde subi com toda a tropa, depois de 11 meses de contínuo trabalho, fazendo o caminho atalho aberto, e é o único por onde se pode subir a serra. — Desde os Conventos até este sítio que terão 23 léguas tudo são matos, e terras alagadiças, cortadas de vários córregos, e rios, em que entre pontes e estivas passaram de 73 as que lhe fiz, tudo a força de braço e só com 65 pessoas, e 32 cavalgaduras, por me ter fugido, e desamparado a mais gente, e parte desta a devo ao General de S. Paulo, que me mandou de novo.

Subida a Serra dei logo em campos e pastos admiráveis, e neles imensidade de gado, tirado das Campanhas da nova Colônia, e lançado naquele sítio pelos Tapes das aldeias dos P. P. Jesuítas no ano de 1712.

Nestes campos me demorei seis meses esperando por nova recluta, que tinha pedido a S. Paulo, e sustentando-me nelas do mesmo gado morto a espingarda, além de 500 e tantas vacas, que reservei, e levei comigo para a viagem. Em todo o tempo que aqui estive me animei a correr uma grande parte de toda aquela Campanha, em que passam, segundo julgo, de duzentas mil as vacas que nela há, tem muitas, e boas águas, bastante caça, alguns pinheiros, e umas pedras de coco que arrebentam com o sol, e dentro outras pedrinhas que parecem diamantes já lapidados, umas roxas, outras brancas, amarelas, cor de vinho, e algumas esverdeadas.

Nestes campos segui viagem arrumado sempre a serra do mar, e a pouco mais de 7 léguas de caminho achei uma grande cruz feita de um pinheiro e este letreiro nela: *Maries 16 de Dezembro anno de 1712 pipe Capitolo Marcos Omopo.* Descida a Cruz e adoradora com toda a veneração, lhe mandei tirar o título, e lhe pus este I. N. R. J. e junto à mesma cruz em um bom padrão de pau este outro — Viva El-Rei de Portugal D. João o 5.º, — ano 1729.

Dêste sítio a que demos o nome da Cruz dos Tapos, segui viagem encostado sempre à serra, e a pouco mais de quarto de légua demos com um rio com mato duma e outra parte, a que chamei o Rio dos Porcos, e até ele chega o gado de que acima falo. Passado este Rio segui caminho 6 léguas ao nordeste, em que achei um sítio em uma lomba que chamei a Boa Vista, aqui fiz uma grande rancharia, que depois chamaram as Tajucas, e destas é que Christovão Pereira d'Abreu, dali a dois anos entrando comigo ao mesmo caminho, fez nele o atalho que agora tem.

Das Tajucas fui sempre acompanhando a mesma Serra do mar, e achando sempre campos com alguns capões de mato e não poucos ribeirões, até chegar ao grande (Cambirela) ou Morro de Sta. Anna, fronteiro à Ilha de Santa Catarina neste me foi preciso gastar alguns dias para abrir um grande

mato, que teria 6 léguas de comprido, e aberto dei com um rio, a que chamei sta. Luzia.

Deste rio segui viagem por os Campos, e passando neles algumas restingas de matos dei num outro campo mais alto, e alegre, de donde avistei um morro, que pelo roteiro que levava dos Certonystas antigos julguei ser o rico e sempre procurado morro Tayó, e o mesmo pareceu ao meu Piloto, bons desejos tive de os socavar, mas a fome e miséria em que nos víamos todos, nos obrigaram, não só a deixar o morro, mas ainda a mesma serra do mar, pela muita aspereza, com que um e outro nos ameaçava, e assim fugindo à morte, e abrindo novo caminho por matos grossos, distância de quatro léguas saimos com não pouco trabalho nas primeiras cabeceiras do Rio Uruguay, e passamos nelas com duas braças de largo.

Deste passo seguindo rio abaixo dei com pastos admiráveis duma e outra parte do rio que, pelo passar 15 vezes, lhe pus o nome de Passaquinze, e tornando a procurar o morro do Birimbáo, que era a nossa baliza do caminho me fui afastando mais da serra e avizinhando mais para o campo, cortando várias restingas, e passando alguns córregos até sair pela ponta de outra serra a que chamarei Serra Negra, e que vai afocinhar sobre o rio Passaquinze, e este é o lugar em que Christovão Pereira saiu com o seu atalho.

Deste sítio passei ao campo chamado dos Coritibanos, caminhando sempre por campos em que há algumas restingas e capões de matos, e nestes não poucos córregos e rios.

Dos Coritibanos segui viagem, e passado um campo alto entrei em um mato grosso chamado Espigão, fiz nele não só estivas e algumas pontes mas também um bom caminho aberto à força de braço. Passado o mato, cheguei a um rio em que achei já canoas, e passando nelas segui por campos e matos até o mato grande de S. João, e passado este com assaz moléstia e trabalho, segui por campos e matos até outro rio que chamei de S. Lourenço, que terá de largura 20 braças, e passado este

tornei a seguir por campos e restingas até outro rio, que por muito negro e fundo lhe chamam o Rio Una, nele fiz alguns pastos, e lhe deixei uma boa canoa de pinheiro, e só nele achei indícios de gente.

Passado o Una, e seguindo sempre por campos e restingas cheguei ao Rio Grande pequeno, e destes aos Campos Gerais da Coritiba e Rio do Registo em dia de Nossa Senhora da Luz de 1730, saindo de S. Paulo a 20 de Setembro de 1727.

Todo este caminho desde a Serra da Vacaria até os Campos Gerais de Coritiba, e em seu tempo, isto é, em Março até Setembro abundante de caça e pinhão, principalmente antas e porcos. O mel é em tanta abundância, que não só serve de regalo, mas de sustento às tropas: todo ele é sadio e de 63 pessoas com que entrei, só morreu um negro meu e outro de Manoel de Sá Corrêa, de pura fome e miséria: também morreram nele um branco, e um índio pelo muito pinhão e mel de que se fartaram.

É o que se me oferece dizer e informar por ora a V. Rma., debaixo do juramento do meu cargo. Porto do Rio Grande de S. Pedro, 21 de Fevereiro de 1738. — *Francisco de Souza e Faria.*

ROTEIRO DO SERTÃO E MINAS DE INHANGUERA, VINDO DA VILLA DO CORITIBA PARA ELAS.

Partindo-se da povoação de Coritiba, passando-se o rio Grande da dita povoação, se vai logo buscar o rio Grande pequeno, que é o que chamam iguaçu-mirim, e passando este se irá alongando mais para o campo largo, por não ir rompendo matos por cima da serra.

Daí começaram a buscar o rio Negro, chamado Una, que é rio de Jangada por ser fundo. Passando-se este rio caminhando pelo rumo de sudoeste, darão com um ribeirão que cortando um pinheiro alto passaram por cima dele; o qual

ribeirão foi aguada do gentio Gabelhudo, e o Rio pela língua da terra Inhanguera.

Logo passaram outro ribeirão pequeno chamado Itupeba e avistaram logo a uma serra que corre para o poente, não alta, que pode estar desviada da nossa serra do mar, 2 léguas e meia, pouco mais ou menos.

Pela ponta desta serra passaram e deram com fachina dos Sertanistas do tempo do gentio, chamada Garcelhos, e logo avistaram o morro Negro, chamado pela língua da terra Bituruna, o qual morro vai afocinhar sobre o rio Uruguay.

Este morro negro tem um campo ao pé mui grande, mui raso, e com muitíssimos veados, muitas emas, muitos cervos, e muitos botiás, que dão muito e boa farinha, e por baixo dos botiás tem muita erva mimosa.

Dessa Serra Negra caminho de leste não poderão errar o morro chamado Taijó, que é o que se vai buscar.

Pelo pé da Serra Negra corre um ribeirão que vai buscar as cabeceiras do dito morro Taijó, o qual morro é baixo, redondo, e agudo com sua campina ao pé, e tem este feitio.

Tem também sua campina da banda do norte, e da banda do sul mato grosso carrasquenho, pelo pé deste morro podem buscar ouro; e quando se queiram alongar para os matos do mar, não seja pela parte do sul, seja pela parte do nordeste, que dali manam as cabeceiras todas do Pajay-mirim que não poderão deixar de achar ouro.

Estas são as chamadas Minas de Inhanguera, tão afamadas como as antigas, e ficam no sertão da Enseada das Guaroupas e Ilha de Santa Catarina.

As Serras da Costa do mar vão acabar de afocinhar perto a um rio chamado Taramandy, o qual está abaixo da Laguna 40 léguas pouco mais ou menos; deste Rio ao Rio Grande de S. Pedro da Costa do mar fazem 35 léguas pouco mais ou menos, e donde acabam estas Serras para adiante se não tem mais terras altas, nem serra alguma, até o dito Rio Grande e sua Campanha.

Na dita paragem onde acabam estas serras do mar é que se sobe, por ter menos dificuldade a chegar ao campo, no qual se dará com pinheirais, e na dita paragem vindo mais para a banda da Laguna farão diligência por umas pedras toscas as quais chamam pedras de coco, estas arrebentam com o sol, e do âmago lhe saem umas pedras pequenas toscas, e outras lisas, umas cor de bagos de romã, outras roxas e outras brancas como cristal, e todas estas pedras são finas depois de lavradas.

Para se descobrir e entrar para as minas de Inhanguera, é mais perto, e mais fácil entrar por este caminho donde acabam as serras do mar como fica dito, do que pela Vila de Coritiba.

Este roteiro é o mesmo, que diz trouxera consigo o sargento-mor Francisco de Souza e Faria, que se o seguira abrindo o caminho a onde acabam as serras e não em Araranguá, nunca experimentaria em perto de três anos que gastou nele, as fomes e as misérias que são notórias, verdade é que culpam nesta parte ao Capitão-mor da Laguna, que por seus particulares interesses, lhe quis fazer impossíveis a jornada e o caminho, facilitando-lhe a entrada pela parte mais dificultosa que há para esta abertura.

NOTÍCIA — 2.ª PRÁTICA

Dada ao P. M. Diogo Soares sobre a abertura do novo caminho pelo Piloto José Ignacio, que foi e acompanhou em todo ele ao mesmo sargento-mor Francisco de Souza e Faria.

Subida a Serra, e saindo no alto dela se dá logo, R.^{mo} Sr., com um campo admirável, que a nível da mesma serra, e abunda de capões, pinheirais, e em partes de matos carrasquenhos, com muitos e vários córregos, de que a maior parte deságua campo dentro, caminho de noroeste e poente.

Logo da saída do mato ao norte distância de um quinto de légua pouco mais ou menos se vê uma cruz ao pé duma lomba, e beira de um riacho, que corre como os mais ao poente, mais adiante ao mesmo norte se passa logo outra lomba não menos alta que a passada, tem várias pedras no cume, e pelo pé lhe passa um riacho, que nasce na grande serra do mar.

Passada esta lomba caminho de noroeste, e distância duma légua se encontra outra cruz em um alto que se chama Arraial Grande, de onde continuando ao norte achamos outras cruzes a pouca distância umas das outras, até chegarmos a uns pequenos morretes que se avistam da Real grande, distam dela 3 léguas.

Passados estes morretes seguimos ao nordeste, encostados sempre à serra, achando sempre os mesmos vestígios de sapés, e por entre os capões algumas picadas já abertas, e seguidas, muitas lombas, riachos e caatingas, enfim terra toda encharcada, por respeito das muitas lajes que em si tem. Neste mesmo caminho 2 léguas dos morretes a leste e nordeste, está o ribeirão

das Lajes, com muito boa passagem, e pouco mais de meia légua adiante ao nordeste e e dos Porcos, com não menos igual passo entre dois morros, um e outro, não sendo tempo de águas, não tem de fundo mais que 3 palmos.

Seguindo avante 6 léguas ao Nordeste demos em uma lomba bastantemente alta, que chamamos a Boa Vista, e dela vimos na costa do mar a lagoa de Guarupaba que está fronteira aos morros de Santa Marta. A dita lomba corre coisa de meia légua leste oeste, e fica noroeste sueste com a dita lagoa Guarupaba: pelo sul desta mesma lomba há bastante mato, e nele caminho feito, e no alto uma espaçosa chapada com uma formosa cruz.

Desta lomba, seguindo sempre a Serra, e o mesmo rumo, demos com vários morretes, em que achamos um bom caminho feito a foice e machado, mas durou pouco, porque nos metemos logo em uns tais matagais de taquari miúdo, e tão fechado que apenas divisávamos a Serra que era a nossa baliza: não nos faltaram antas, mas muito pouco pinhão, por causa da umidade, e fragosidade da serra. Chegamos finalmente a uma baixa que fica entre dois morros dos quais o que fica para a parte da serra é o mais alto, e se chama o morro do Incêndio: com o mesmo nome de Incêndio lhe passa pelo pé um ribeirão que corre a leste sudoeste, e distará pouco mais de 6 léguas de Boa Vista.

Passado, e seguido avante ao mesmo rumo por campos sempre, e alguns capões de mato, entramos logo a mui pouca distância de caminho no mato dos desertores. Consta este de vários campinhos, matos carrasquenhos, terras encharcadas e descidas e subidas dalguns morros.

Passado o mato demos logo em outro muito mais grosso, e nele com o rio das Antas que distará 5 léguas do morro do Incêndio: corre ao noroeste, e tem de largo na passagem 15 braças, e 4 palmos de fundo. Tem todo este mato muita caça, muito pinhão, excelentes pastos, boa cera, mas muito pouco mel.

Passado o rio das Antas nos avizinhamos mais a serra subindo e descendo grandes morros, até darmos em um campo que chamam da retirada: terá este pouco menos de légua de comprido e em partes meia de largo; deste campo seguimos ao noroeste afastando-nos da serra, e a pouco mais de 2 léguas demos no Rio da Vaca com 4 braças de largo, e de fundo só 2 palmos: seguimos o mesmo Rio, que corre ao poente, e depois de o passarmos 15 vezes chegamos ao de Santo André com 12 braças de largo, e de fundo pouco mais de 6 palmos. Este Rio de Santo André é o mesmo Rio da Vaca, e só nesta última passagem muda o nome; não falta por aqui caça, e mel, tem algum pasto, campos queimados, e algumas restingas de mato grosso: Dista o campo da retirada do Rio das Antas 6 léguas, e o da Vaca pouco mais de 7 de Santo André.

Passado este a pouco mais de 2 léguas caminho de norte e noroeste, chegamos a um campo que chamam Santa Luzia, e caminhando por ele meia légua ao poente demos no ribeirão da Faxina e é em si pequeno, mas para se passar necessita de estiva, porque atola muito.

Passado este 4 léguas ao noroeste corre o de S. Thomé com 10 braças de largo, e 4 palmos de fundo na passagem mas encantilado duma e doutra parte: e caminhando avante chegamos ao ribeirão do Norte distante do de S. Thomé pouco mais de légua e meia: 4 léguas ou 5 ao poente, caminhando sempre pelo mesmo campo passamos o ribeirão dos Cavalos com 10 braças de largo, e 13 palmos de fundo, quando há águas.

Neste Ribeirão dão fim os campos de Santa Luzia, que estão cercados todos de grandes morros, e terão em circuito 20 léguas; tem porém em si muitas caatingas, capões, pinheiros, e taquaras e por baixo muita congonha, e algum mel, pouca caça, e em parte nenhuma: é tudo terra enxuta, e com muitos bons pastos para gados.

Quase pelo meio dos ditos campos, passa o Rio da Vaca, ou o Passaquinze, buscando sempre o poente, e engrossando-se de cada vez mais. A serra desde o campo da retirada até o

ribeirão dos Cavalos corre a leste, e deste ribeirão começam já os campos de Tayó, como também avista-se o dito morro quase ao noroeste: seguindo avante pelos mesmos campos a leste e oes-noroeste chegamos outra vez a passar o ribeirão dos Cavalos por cima duns paus que lançamos para isso; duma e doutra parte, haverá entre estas duas passagens pouco mais de 12 léguas: 3 léguas mais adiante caminho de leste o tornamos a passar em outra semelhante ponte, e seguindo daqui ao nor-noroeste em busca do Tayó demos com o Birimbao, e assim deve-se advertir, que no travessio desta primeira e segunda passagem do ribeirão dos Cavalos, adonde virem dois ribeirões que correm para a serra, ambos de lajes, reparem que o morro que deles se avista a les-noroeste, estando o tempo claro não é o Táyó, mas o Birimbao.

Fica este Birimbao sobre a serra do mar e dele nasce uma outra serra que corta ao sudoeste, e parece negra; chama-se a Serra do Engano, terá de comprido 5 léguas, e olhando-se de longe para ela parece que se divide do morro do Birimbao, mas é engano, porque toda é a mesma: tem ao pé seus campestres e capões, e para mais conhecença alguns pés de botiás grandes, o que se não acha desde a última passagem do ribeirão dos Cavalos até a ponta do sudoeste desta Serra do Engano, que serão pouco mais de 8 léguas: neste travessio se passam 5 ribeirões, que em tempos dáguas, são rios de 2 e 3 braças de fundo, e 12 e 15 de largo.

Seis léguas mais avante caminho do poente demos com um campo raso já queimado, e nele com muitas cruzes. Aqui volta já a serra do mar caminho do nor-nordeste, e daqui se avista também ao mesmo rumo outra serra quase tão alta como a do Engano, lançada de leste oeste, chama-se a Serra da Onça, terá de comprido 5 léguas, e tem por conhecença uma lomba que despede da ponta, e olha para o nascente.

Pela ponta desta lomba é que seguimos caminho por campestres e restingas. Da Serra do Engano a esta Serra da Onça haverá 18 léguas, e no travessio 7 ribeirões grandes, mas tudo

campos, ficando-lhe os matos da serra sempre à vista, os quais vêm afocinhar no mesmo campo, formando outros quando rematam.

Duas léguas mais adiante da ponta da dita lomba, e caminho de nordeste, entramos na restinga grossa, tem 3 léguas de travessia, pouco mato grosso, sem pasto algum de capim, mas muito e boa folha de taquara.

Saidos deste mato passamos 7 campinas com belos pastos, distância de légua e meia, e no fim delas o rio das Canoas que costuma ser o desembarque dos que rodam de Curitiba pelo rio grande abaixo, légua e meia mais adiante chegamos ao alto da lomba grande, da qual se vê próximo à parte do nascente uma largueza grande de mato, que segundo julgo vão fenecer, na Serra do Mar, tem a dita lomba grande um despenhadeiro para a parte do Nascente, e olhando dela para a parte do sueste se vê estar sobre a Serra do Mar, um morro só, quase redondo, do feitio de uma cela: fica a dita lomba no mato de S. João, o qual terá de travessia 7 ou 8 léguas; no meio deste mato há um ribeirão que corre para o nascente com grande barrocada, duma parte, e outra, muita pedra, e 4 braças de largo com só 2 palmos de fundo, e se chama o Ribeirão de S. João.

Quase na saída deste mato fica outro ribeirão que chamam o Criste, com 4 palmos de fundo na passagem, e 7 braças de largo: passado este, subimos uma ladeira, e continuando pelo mesmo mato, caminho de nor-noroeste quase um quarto de légua chegamos à Desejada. É esta uma campina que terá 2 léguas de circuito, com muito e bom pasto, tem porém um pantanal que a cinge quase toda pelo norte, e no mais estreita uma grande estiva com 128 pranchões: aqui há tambem um ribeiro chamado o Desejado com pouco mais de 5 braças de largo, e de fundo só 3 palmos, e daqui é que começa o mato do Desengano, e a pouco mais de 2 léguas o ribeiro do mesmo nome: passado este caminho de nor-nordeste, e 6 léguas de distância por matos e campinas, chegamos a outro ribeiro cha-

mado de S. Lourenço, terá 10 braças de largo, e 4 palmos de fundo, e daqui principia o Campo Alegre.

Entrado nele caminho de nordeste, e distância de 2 léguas, fica o rio do mesmo nome do Campo, tem 5 braças de largo, e 3 de fundo, e deste a légua e meia, e sempre do mesmo rumo fica o ribeirão de Bartolomeu com 8 braças de largo, e só 3 palmos de fundo no sítio em que o passamos: mais adiante caminho de norte fica o rio Grande pequeno; terá de largo 12 braças, e pouco mais de 5 palmos de fundo, e distará do de S. Bartholomeu 5 léguas.

Seguindo o mesmo rumo do norte 7 léguas mais avante demos no rio Grande da Coritiba, e passado este saimos com o caminho pouco mais de 9 léguas distante da mesma vila, junto ao Capão Bonito, que é uma légua digo das fazendas do sargento-mor de Santos, Manoel Gonçalves d'Aguiar.

Isto é o que posso informar a V. Rma., segundo o que observei neste caminho, no que toca às alturas não posso dizer nada, porque nem as misérias que passei nele, juntas com a falta de mantimento, nem a pouca saúde que sempre tive me deram lugar algum para a mais mínima observação. Porto do Rio Grande de S. Pedro 29 de março de 1738. (a) *José Ignacio.*

* * *

Desta informação se colhe com evidência a facilidade com que se asseverou ao general de S. Paulo, e este à corte, que a saída do mato, e entrada do campo da Vacaria no alto da Serra, estavam em 28º e 20' de latitude Austral, motivo que obrigou a crer-se de que estes campos e gados entestavam não só com a Ilha de Santa Catarina, que segundo o Roteiro Português está na mesma altura, mas ainda com a Vila de S. Francisco, porque nem este piloto tomou altura alguma, nem a ilha está na em que diz o nosso roteiro Português, mas muito mais ao norte, como o está também o morro de Santana, ou Cambirera, distante tantas léguas quantas diz o primeiro descobridor do rio dos Porcos até onde chega o gado.

Ouçamos agora o coronel Christovão Pereira d'Abreu, e a seu piloto, que foram os segundos que entraram no caminho, e conferidas as suas com as minhas observações feitas não só na ilha mas no rio Araranguá, se verá manifestamente o erro daquele informe, além de que, se da ilha de Santa Catarina à laguna há 18 léguas, e desta ao rio Araranguá 15 léguas ou 13, e o dito caminho sai no alto da serra ao sul do rio, como é possível enteste com a ilha de Santa Catarina? (Nota do Padre Diogo Soares)

NOTÍCIA — 3.ª PRÁTICA

Dada pelo coronel Christovão Pereira d'Abreu, sobre o mesmo caminho, ao R. P. M. Diogo Soares.

Pede-me V. Rma. o informe do novo caminho que abrí pelo sertão para a Vila de Coritiba, as utilidades que se podem seguir dele, e também os seus inconvenientes. Melhor pudera fazer esta diligência, se me achara aqui com um mapa que fiz do dito caminho, e dei ao Exm. Sr. conde de Sarzedas, governador e capitão-general que foi da Capitania de S. Paulo, mas na falta dele, direi o que tiver presente na minha lembrança, certo, de que a prudência de V. Rvma. desculpará os meus erros.

É bem sabido, que por falta de gados, e principalmente de cavalgaduras, se não tem desfrutado mais os grandes, e ricos tesouros, com que a providência divina dotou e enriqueceu nesta América os vastos domínios que S. Majestade nela possui, e que nas poucas que há pelo seu grande valor consomem os vassalos muita parte dos seus cabedais.

Querendo dar-lhe remédio Antônio da Silva Caldeira Pimentel, que governava S. Paulo, discorreu mandar abrir o caminho para por eles se introduzirem destas campanhas naquela capitania, e nas das minas, gados e cavalgaduras, de sorte que se utilizassem os vassalos, e aumentasse a Fazenda Real de S. Majestade.

A esta diligência foram sempre opostos vários moradores das vilas de Santos, Parnaguá, e Coritiba, e da mesma sorte

os da Vila da Laguna, e de Sta. Catarina, estes porque vivendo retirados, ou por crimes, ou por outros iguais motivos, como régulos sem obediência nem terror algum de justiça, receosos de que com a abertura do novo caminho perderiam as suas liberdades, o faziam impossível; e aqueles, porque sendo senhores dalgumas limitadas fazendas, que há nos campos de Coritiba, temiam o ficar com muito menos valor, e por seguirem a sua opinião, publicando com arestos falsos de paulistas antigos serem aqueles sertões impraticáveis, querendo também persuadir-nos, que sendo aquelas terras confinantes com as aldeias dos P. P. Castelhanos, poderíamos ser invadidos pelo Gennellas aldeados.

Contra todas estas oposições resolveu o dito general Antônio da Silva Caldeira, mandar penetrar o dito sertão, principiando deste Rio Grande de S. Pedro, e a esta diligência despachou ao sargento-mor Francisco de Souza e Faria, mandando-lhe assistir com todo o necessário por conta da Fazenda Real, e dando-lhe ordens amplas, para que as câmaras de todas as vilas, e capitães-mores delas lhe dessem toda a gente, e o mais que lhos pedisse.

Neste tempo me achava eu na nova Colônia do Sacramento, e tendo esta notícia, me pus logo a caminho a ver o estado em que se achava esta diligência, e chegando à Vila da Laguna achei o dito Francisco de Souza com alguma gente, mas quase impossibilitado a dar execução ao que se lhe ordenava, porque o capitão-mor da dita Vila, ou pelos motivos já ditos, ou por contemplação dos moradores das Vilas de Santos, Parnaguá, e Coritiba, com que era aparentado, simuladamente lhe fazia impossível, principalmente na gente, porque tanto se lhe alistava de dia como lhe fugia de noite; e vendo-o eu neste estado, cuidei em aplicar-lhe o remédio, fazendo-o primeiro congraciar o dito Francisco de Souza, com o capitão-mor a quem não falava, e tive a fortuna de que ele se pusesse a caminho e na consideração de que o acharia feito, parti daquela

praça com 800 cavalgaduras, e cheguei a este porto nos fins de outubro de 1731, e passando a parte do norte achei várias pessoas com um grande número de animais para entrarem ao dito caminho, e sem embargo de haver notícia certa, que os descobridores tinham saído fora, nenhum se animava a isso; assim por se dizer que o tal caminho necessitava de reforma, e de muito benefício, como por umas vozes vagas que corriam de haver gentio dos P. P. em cima da serra, o que me resolvi a ir em pessoa examinar levando comigo só três pessoas, confiado em trazer cartas do Provincial das Missões para o general de S. Paulo, e para quem comandasse o dito gentio, e chegando acima da serra me demorei dois dias, sem ver mais que campos e gados.

Voltando desta diligência deixei a tropa da banda do norte, passei a Santos, e a S. Paulo a falar ao general Antonio da Silva Caldeira, como também a buscar nova providência de gente, armas, ferramentas, e munições, para a dita entrada com novas ordens do dito general, que mo deu liberalmente, e com efeito chegando de volta, e seguindo os rumos dos primeiros descobridores entrei pelo Rio Araranguá com um piloto, e sessenta e tantas pessoas, ocupando muita parte dela no benefício do caminho, em que gastei dilatado tempo em até sair a serra, por serem matos muito espessos, morros, rios, córregos, e pântanos, em que precisamente se haviam de fazer pontes e estivas.

Feita esta diligência mandei marchar as tropas divididas em troços, que entre a minha, e a dos particulares eram perto de três mil cavalgaduras, e cento e trinta e tantas pessoas; saídas esta me acampei, e mandei ver, e examinar logo o caminho dos primeiros descobridores, e vendo que a pouca mais distância tornava a entrar em grandes asperezas, por se encontrar sempre a serra, e que precisamente, dava uma grande volta pelo rumo que levava, determinei buscar outros entrando mais pela campanha, e receando já a grande

demora que poderia ter, tomei a providência de levar comigo perto de 500 vacas que mandei colher naqueles campos, e nesta forma fui continuando a minha diligência, que conclui, gastando nela treze meses, e topando em partes com o caminho ou picada dos novos descobridores: cheguei à Vila de Coritiba deixando-o na última perfeição com estivas, canoas em rios, e mais de 300 pontes, de sorte, que em menos dum mês gente escoteira a pé podia passar todo o em que gastei 13.

Subida a Serra se compõem aquelas terras duma aprazível vista, com campos mui dilatados, cruzados todos de vários córregos de cristalinas águas, que correndo para leste, formam vários rios caudalosos, que sem dúvida irão desaguar no Grande Rio da Prata, há também neles muitas madeiras, bons matos, e grande número de pinhais.

Logo a subir se topa com gados que chegam somente acompanhando o caminho até a cruz chamada dos Tapes, por uma que ali acharam os primeiros abridores, mas entrando para dentro se topa um grande número do dito gado em campos mui dilatados, que vão confinar com uma grande serra, em uma grande distância que se mete de permeio com as terras das aldeias dos P. P. da Companhia, a qual serra fez uma quebrada com matos mui espessos, e é por onde os ditos P. P. há poucos anos, com muito trabalho, e força de braço, e machado, abriram caminho para passar os primeiros gados, o que sei pelo mandar examinar por duas pessoas de quem me fiava.

Estando eu naqueles campos por várias vezes do dia vi pegar fogos, e a primeira me deu algum cuidado, e toda a tropa, por entendermos seria gentio, mas mandando-se examinar se não achou sinal algum disso, e viemos a entender, que nascia do grande número de cristais que há por aqueles campos e córregos, não só de várias cores, mas lapidados, e tão finos, que com a força do sol pegam fogo, ou duns cocos de diferentes tamanhos formados pela natureza por fora duma

fina pederneira, e por dentro de uma pinha de cristais já lapidados, que ao arrebentar com o sol faz o mesmo efeito.

Além do referido com que a natureza formou e criou aquelas terras tem admiráveis paragens para criações de gados, e tem mais a excelência de serem tão salutíferas, que em todo o tempo que gastei naquele sertão não houve uma sangria, nem me morreu mais que um homem, que já entrou mui doente. São também muito farta de todo o gênero de caça, mel e pinhão, e mui férteis para todo o gênero de plantas, como eu experimentei nos campos do coritibanos, onde tive alguma demora.

Sobre tudo isso prometem muitos haveres, e não menos aumento para a Fazenda de S. Majestade, pois só as cavalgaduras que entraram em minha companhia renderam para a mesma fazenda mais de 10 mil cruzados, e se tivera continuado, se com a ocasião da guerra do Rio da Prata não fora preciso vedar o dito caminho para não divertir assim a gente como os cavalos, de que se podia necessitar, e isto sem experimentarem já tanta mortandade neles, como eu, e os que foram comigo experimentamos, assim por estar o dito caminho já perfeito, como por se povoarem os campos de viamão, e se descobrir neles novo atalho à subida da serra, que é onde se experimentava a maior perda, sem que possa haver inconveniente algum que o embarace.

Porque o afetado temor, que nos querem introduzir os apaixonados de sermos invadidos pelos Tapes, se não pode recear em nenhum tempo, assim pela estreita garganta por onde sabemos entram naquelas terras, com 50 armas se lhe pode cortar o passo: como por ser aquela nação tão traidora, como cobarde, incapaz de por si só combaterem com outra alguma, como a poucos anos se viu nas diferenças que tiveram com os Paragaes que bastaram só 500 destes para passar à espada 4000 para mais de Tapes.

Menos nos devemos persuadir que peçam socorro aos espanhóis, pelo grande ciume que os P. P. têm de que estes lhe entrem nas aldeias, temendo perdê-las finalmente parece indigno de vir à imaginação, que por temor de semelhante gente haja S. Majestade se deixar usurpar os seus domínios, e perder as grandes conveniências, que pelo dito caminho podem resultar à Sua Real Fazenda e vassalos.

NOTÍCIA — 1.ª PRÁTICA

Que dá ao R. P. Diogo Soares, o capitão-mor Luiz Borges Pinto, sobre os seus descobrimentos da célebre casa da casca compreendidos nos anos de 1726-27 e 28, sendo Governador e Capitão General D. Lourenço d'Almeida.

PRIMEIRA VIAGEM

1. Saí do Arraial da Guarapiranga nos princípios de Abril de 1726, com 97 armas todas à minha custa, e providas de facões, patronas, pólvora, chumbo, o Prático a oitava e os mais à proporção: saiu também comigo o R. P. Manoel da Silva Borges, que sempre nos disse Missa a meia oitava de esmola. A primeira marcha que fizemos, foi à barra do Xipotó, gastamos nela dois dias por estar por aquela parte já feito todo o caminho, é todo mato geral com bastantes roças, fazendas e lavras, e algumas não têm dado pouco ouro. Passado o Guarapiranga, e o Xipotó, no sítio de Manoel Valente, comecei a romper o mato, que há, e grosso, buscando o sul, e costeando o Xipotó; depois de 12 ou 13 dias de boa marcha, voltando quase ao sueste, fui dar com um quilombo de negros, que tive ao princípio por alguma aldeia de gentio pela força, roças e ranchos, de que estava provida: foram cercados, investidos e mortos quatro, e os restantes se amarraram para serem remetidos a seus senhores.

2. Fica este quilombo nas cabeceiras de um córrego, que chamam o Turvo, e deságua no Guarapiranga 6 léguas abaixo do Xipotó, e antes do sumidouro. Daqui fui buscar logo as ca-

beceiras do rio dos Coroados seguindo o rumo do sudoeste: gastei na viagem 17 dias, é tudo mato grosso com bastante caça e vargeria. Nestas cabeceiras fui ameaçado do gentio chamado Lopo, que habita nelas, e por todo o rio Lopo, que lhe dá o nome. Este rio é o que vem do Pinho Novo, e Velho, e se passa neles no caminho geral do Rio de Janeiro para estas minas, e com outra cabeceira, ou riacho, que nasce, e corre da ponta da tromba da serra da Casca, forma por entre a mesma serra, e o morro redondo, que lhe fica quase ao oes-noroeste, o dito Rio Lopo, que recebendo em si da parte do leste ao Rio Fundo com mais alguns córregos se vai meter no Parabuna e esta na Parahyba.

3. Das cabeceiras dos Coroados abri picada costeando o mesmo rio e encostado sempre à serra com bastante trabalho e perigo; cheguei ao Rio da Casca que deságua nele, e nasce na mesma serra, gastando neste caminho 21 dias.

Fiz roças na sua barra de uma e outra parte do rio, e para mais diligências, que nele fiz, não achei o ouro que precisou aos paulistas a deixarem as suas casas pelo seu descobrimento, porque é tudo vargeria e mato grosso.

Desta barra dos Coroados correndo abaixo o mesmo rio dei em um córrego, a que pus o nome de Poço Grande, gastei 7 dias nesta picada. Pus-lhe uma cruz para mostrar algumas faiscas d'ouro.

Não passei adiante por me faltar já o mantimento e temer ao gentio, e assim atravessando os Coroados, vim com a nova picada, e mais direita, sair ao quilombo por entre mato fechado, e vargerias. No quilombo lancei novas roças, e dele parti com toda a tropa para o Guarapiranga, trazendo comigo os negros, que tinha deixado nele com guardas, e saindo nos princípios de abril chegamos nos de outubro do mesmo ano.

SEGUNDA VIAGEM

1. No ano seguinte de 1727 saí segunda vez aos 17 de maio com 44 armas, vinte cargas, e sem o R. P. Manoel da Silva Borges, que seguiu diversa picada. Passei o Guarapiranga no sítio do Medeiros, o Xipotó no do Velloso, e abrindo picada até o primeiro braço de um pequeno rio, que entra no mesmo Xipotó da parte do leste, três léguas abaixo do Velloso, reparti nele a gente, e levando comigo só dezoito armas, fui costeando o rio, e o Xipotó, buscando-lhes as cabeceiras, nelas achei o Melo, que trouxe então comigo para servir de Prático, e valer-me também com algumas armas.

Pela mesma picada voltamos ao sítio, onde tínhamos repartido a gente, e achavamos já no quilombo.

2. Nesta picada que fiz para o Melo, achei sinais de gentio; e com efeito tinham morto ao mesmo Melo no seu mesmo sítio a uma índia, e nos matos vizinhos dois mulatos. Do quilombo fui buscando o caminho e picada, que tinha deixado feita no ano antecedente, e para elas as roças do Rio da Casca; cheguei a elas depois de alguns dias de viagem a 26 de julho dia de N. S. de Sant'Ana, e achei já nela R. P. Manoel da Silva, com a mais tropa que o acompanharam.

Aqui me deixou o Melo, deixando-me também só sete armas, por lhe ser preciso voltar a sua casa, e não sem risco pela notícia que teve de lhe fugirem dela os negros na sua ausência.

3. Nestas roças achei já colhido os milhos, e feita nova matalotagem, marchei abrindo picada até o pé da serra, onde cheguei depois de quatro dias de marcha; subia no primeiro de agosto com insuportável trabalho, em que gastei 7 dias, e quatro em a descer, para que é altíssima; passada esta, subi logo outra serra, entrando por uma quebrada dela, mas não

com tanta facilidade que não gastasse três dias em a subir e descer; e deixando outra à mão esquerda, que tem a ponta ao sul e corre como as mais quase ao norte, dei em um grande ribeiro, a que dei o nome de Rio Fundo: e costeando por ele abaixo sempre ao sul encontrei outro, que se mete no mesmo Rio Fundo, da parte de leste, e nascem ambos nas ditas serras da parte do Sul, e um e outro deságua no Rio Lopo e este na Parabuna.

Gastei nesta picada 57 dias com os de falha que foram nove, para descanso da Tropa.

Restabelecida a Tropa passei na barra este rio, e costeando o Fundo um ou dois dias, me resolvi a voltar pelo evidente perigo do gentio, que habita por todo o Rio Lopo, e tanto que já nos caíam nos ranchos, e nas picadas as folhas das suas queimadas, e assim seguiu pela mesma picada o caminho das serras, e antes delas tive algumas das folhas acima ditas, e descobri também no mencionado ribeiro que entra no Rio Fundo, boas mostras d'ouro.

4. Tornei a subir a serra, e vendo, que era já tempo de planta precisa para sustento da tropa, busquei entre as duas serras as cabeceiras do Poço Grande, e nelas lancei uma roça; ocupou-se neste serviço alguma gente, enquanto eu com a mais marchava às roças da casa da casca e prover-me de mantimentos, conduzidos estes à cabeça dos negros segui logo a mesma serra pela volta que faz ao norte, e desci por uma quebrada gastando na viagem cinco dias.

Nestes dei com as cabeceiras do Rio Abatipó, e correndo por ele abaixo lhe encontrei as águas mortas, e vermelhas em bastante distância, e vi, que estas despediam ao depois em uma grande e forte correnteza, que segui, e experimentei achando nela alguns sinais de ouro.

No fim desta correnteza passei o Rio a outra parte de leste e socavando-o também achei ouro. Passado este dei em outro rio, que não sei, se é o que chamam Capibari e deságua no

Ribeirão do Carmo, ou Rio Doce, se braço ou cabeceira Rio Tapeba, porque lhe não via barra.

5. Passado este busquei logo o Tapiba, e depois o Rio Cuyeté, mas antes de chegar a ele, me vi precisado a voltar-me por medo e receio do gentio, que nele habita, e é inumerável, de que eram sinais certos as muitas panelas que achamos suas por todo este caminho além de que já me achava a 8 de outubro, vizinho às águas, e era preciso plantar as roças da Casca, e quilombo para sustento da Tropa, porque as da serra se tinham plantado no mesmo tempo que andei nesta derrota, e assim voltei à Casca em 8 dias, e desta ao quilombo em cinco, dele ao Xipotó em três, e desta ao Guarapiranga em um que foi aos 25 de outubro, deixando tudo preparado e pronto para no ano seguinte fazer nova viagem com as plantas das três roças pelas mesmas picadas antecedentes, e passar a buscar os Rios Arary, Prê e Pardo, e descer a ver na parte do norte a célebre Bituruna, onde dizem há muito ouro, e sítios capazes de uma boa povoação.

TERCEIRA VIAGEM

Nesta terceira viagem, que empreendi os meus descobrimentos determinava sair no princípio de maio de 1728, e estando já preparado com 50 armas, poucas para o fim que intentava, todas como sempre à minha custa, e com o mais necessário de pólvora, chumbo e bala, me resolvi a dar parte ao general D. Lourenço d'Almeida, e valer-me juntamente da sua atividade, e proteção para me pôr pronta mais alguma gente, pois a expedição a que agora saía, era muito mais arriscada que as duas antecedentes, e o sítio habitado de inumerável gentio: mas como as ordens que para isso se deram, não sortissem efeito algum, faltando-me não só a gente, mas consumindo-se-me nestas demoras o tempo, e os mantimentos, que tinha pron-

tos, me resolvi a deixar a viagem do Aray e Rio Pardo, e com eles a da Bituruna, e assim costeando novamente a Xipotó, busquei outra vez o Melo resoluto a lançar fora daqueles matos um bom lote de gentio coroado, que nos dias antecedentes tinham morto a três brancos, e com efeito o fiz gastando dez meses com esta viagem por me entrarem mais cedo as águas, e não me darem lugar a poder passar adiante. — LUIZ BORGES PINTO.

NOTÍCIA — 2.ª PRÁTICA

Dada pelo Alferes .... Moreira ao P. M. Diogo Soares das suas Bandeiras no descobrimento do celebrado Morro da Esperança empreendido nos anos de 1731 e 1732, sendo general D. Lourenço d'Almeida.

1. Saí da Vila de N. Sra. da Piedade no Pitangui a 15 de agosto de 1731, com 20 armas, todas à minha custa. Cheguei ao Bamboy, que é última fazenda do Rio de S. Francisco, rio acima, depois de 20 dias de viagem, abrindo em todos êles picada por matos carrasquenhos, campos cobertos, e catadupas: a poucas marchas passei o Lambary, que é um rio, que nascendo emparelhado com o do Pitangui, entra nele oito léguas abaixo da vila do seu mesmo nome: mas como perdi o rumo, e temi as águas foi-me preciso o voltar pela mesma picada, em que gastei 15 dias.

2. Tornei a tentar fortuna, vendo que se demoravam as águas, nos princípios de setembro saindo pela picada antiga, que vai do Pitangui para S. Paulo, mas abrindo-a de novo por estar já cerrada com o mato cheguei ao Cururu em 23 dias com marchas pequenas, e algumas falhas, depois de passado outra vez o Lambary.

É o Cururu um brejo grande , distará pelo caminho velho de S. Paulo da Vila do Pitangui, donde sai só três dias de viagem. Passado o Cururu cortei ao poente a buscar o Rio Grande com intento de empreender o descobrimento do Morro da Esperança, de que dizem os sertanistas antigos ter muito

e excelente ouro. Depois soube, que fora lançada, e plantada esta roça por outros aventureiros do mesmo Morro, mas sem efeito. Situado fiz logo duas canoas, rodei nelas rio abaixo dia e meio de viagem achando duma e outra parte do Rio várias rancharias que ao depois me constou tinham sido de duas tropas que sairam do Rio das Mortes para os Guayases, pela parte em que a serra das Carrancas faz a primeira cabeça no Rio Grande, e passado o Piauí entraram pela primeira bocaina, onde sai um dos braços, ou primeira cabeceira do Rio de S. Francisco, e buscando o campo dos Cayapós, foram sair à estrada de S. Paulo, no sítio a que chamam de Lanhoso.

3. A parte, que rodei do Rio Grande é limpa e boa, mas para baixo tem inumeráveis cachoeiras principalmente até o sítio, onde chamam o sumidouro que fica abaixo da barra do Rio Sapucaí oito dias de viagem. São chapadas tudo, morrarias. Da roça ou sítio em que me arranchei lancei uma bandeira, que se recolheu no fim de cinco meses de passados inumeráveis trabalhos, perigos, fomes, e todas as mais misérias, que costumam experimentar em semelhantes empresas os sertanistas. Buscou-me esta na roça, não me achou já nela por me ter recolhido a Pitangui supondo-a perdida.

4. Nesta retirada que foi da roça para o Pitangui encontrei perdido naqueles matos o Capitão Thomaz de Souza, natural das Ilhas, que com outra bandeira buscava a altura dos Guayases, com o sinal de três morros, em que nasce um formoso Rio, que chamam o Rio das Velhas, deságua no Parnaiba, este no Rio Grande; recolhemos ambos ao Pitangui onde chegamos a 23 de Junho véspera de S. João. Descansamos na Vila alguns dias, os que bastaram para nos provermos de pólvora, e munição, e voltando ao sertão seguimos a minha mesma picada, e a primeira que eu nela abri, passamos o Bamboy, e nos fomos arranchar no Piauí: gastamos nesta derrota 23 dias por respeito dos cavalos, em que conduzíamos os trastes e mantimentos.

5. Do Piauí lancei uma bandeira que me gastou um mês e foi buscar o Morro, onde as carrancas atravessam o Rio Grande e socavado o morro, achou não ser o da Esperança, como dizia o guia: enfim não consegui então aquele descobrimento; porque quando o quis empreender de novo me desamparou o guia, induzido dum Bautista Maciel Paulista, que se acha situado no Piauí, e o mais foi, que não só me privou do guia, mas ainda de cinco escravos meus, a quem induzia também a me deixarem; e assim vendo-me sem gente, e sem meio para a desejada conquista me tornei a recolher ao Pitangui sem mais lucro, que o que V. R. pode inferir destas misérias.

6. É de advertir, que da Bocaina, ou primeira cabeceira do Rio de S. Francisco a estrada geral de S. Paulo para os Guayases, cortando os campos dos Cayapós, são onze dias de viagem; e da barra do Rio Grande ao Sapucaí será um mês por mato, e só quinze dias pelo rio. Do Sapucaí ao Morro da Esperança serão três dias: neste corta o Rio a Serra ficando-lhe esta sempre à mão direita; fronteira ao morro da Esperança fica o Bituruna-guassu, este morro exala fogo, e há muitas torrentes nele; dizem que tem muito ouro, e que pouco abaixo dele está uma boa aldeia de gentio. Do morro da Bituruna à primeira bocaina da serra talhada serão oito dias de viagem, e desta à segunda bocaina quando muito meia légua. Entre o Piauí, e a terra há um grande tremedal, em que são inumeráveis os mosquitos; tem porém muito peixe e algumas poagás de ouro. Os rios de canoas são os rios Grande e pequeno, o Lambary, o Rio Verde, o Juruoca e o Sapucay, que é maior que este nosso rio das Velhas, e com muito mais cachoeiras, mas tem bom peixe, a água é limpíssima, e muito clara.

O Alferes Moreira

NOTÍCIA — 3.ª PRÁTICA

Que dá ao R. P. Diogo Soares o Mestre de Campo José Rebello Perdigão, sobre os primeiros descobrimentos das Minas Gerais do Ouro.

1. Manda-me V. Revma., que por serviço de S. Maj. que Deus Gde. e como habitador dos mais antigos destas Minas, o informe dos primeiros descobrimentos digo descobridores delas principalmente do célebre, e precioso Ribeirão de Ouro Preto, e dos mais que nele entram até formar o famoso Ribeirão de N. Sra. do Carmo; com particular individuações do que nesta matéria souber, e como para semelhantes empregos é a minha obediência cega direi o que se informou ao primeiro general, que com esta incumbência passou às capitanias de S. Paulo, de quem vim por Secretário do seu Governo.

2. Tendo-se feito presente a S. Majestade o muito alto e poderoso Rei D. Pedro 2.º de gloriosa memória, que para estes sertões tinham vindo os primeiros descobridores do ouro, foi o mesmo senhor servido mandar a Arthur de Sá e Menezes, às Capitanias de S. Paulo para lhe pôr em arrecadação os seus Reais quintos, e passar igualmente a estes grandes e preciosos sertões, e dar as primeiras normas precisas ao aumento da Sua Real Fazenda, o que com efeito fez indo primeiro a S. Paulo onde se informou dos homens e sertanistas mais práticos, e fidedignos, do princípio que tiveram estas minas, e sítio em que se achavam, e com as suas informações formou o Regimento, que fundamos nesta capitania, com a experiência do que vimos, e experimentamos nestas minas, e é o mesmo, que hoje se observa

nelas, remetendo-se primeiro ao Conselho Ultramarino, segundo o que ordenou o mesmo soberano ao Desembargador José Vaz Pinto, primeiro superintendente das mesmas Minas.

3. Pelas notícias que deram em S. Paulo os primeiros sertanistas, que vieram do descobrimento das esmeraldas com o capitão-mor Fernando Dias Paes, e principalmente pela dum Duarte Lopes, que fazendo experiência em um certo ribeirão, que disse desaguava no Rio Guarapiranga, de que com uma bateia tirava ouro, e tanto que chegava em Povoado a fazer dele várias peças lavradas para o custo de sua casa, se animaram os moradores de todas aquelas vilas a formarem uma tropa com o intento de buscarem e descobrirem a paragem, ou sertão da desejada casa da casca onde diziam era muito e precioso o ouro.

4. Sairam estes do Povoado no verão de 1694, trazendo por seus primeiros cabos, Manoel de Camargo, seu cunhado Bartholomeu Bueno, seu genro Miguel d'Almeida, e João Lopes Camargo, seu sobrinho, que ainda hoje existe nestas Minas. Chegados a Itaberava fizeram na sua serra as suas primeiras experiências, e descobriram nela o primeiro ouro; mas como este descobrimento não fosse de grande lucro, prosseguiu o dito Manoel de Camargo, com seu filho Sebastião de Camargo, a sua primeira derrota da ideada casa da casca, mas antes de chegar a ela teve a infelicidade de o matar o seu gentio, deixando só com vida ao filho com mais alguns negros, com que êste retrocedeu a viagem, retirando-se o gentio para o mato, como natural dele.

5. Depois deste primeiro descobrimento se animou a empreender segundo um Miguel Garcia, descobrindo na foz da Serra da Itatiaya um ribeirão a que deu então o nome, e se chama agora o Gualaxos do Sul; mas como neste descobrimento recusaram os paulistas, ou naturais de S. Paulo, a dar par-

tilha nas lavras aos de Taubaté, desconfiados estes lançaram sua Bandeira, e por cabo dela a um Manoel Garcia, e com tanta felicidade que em breve tempo descobriram o celebrado e rico ouro preto. Com esta notícia chegou de Povoado tanta gente, que apenas se repartiram três braças de terra a cada um dos mineiros por cuja causa lançou nova Bandeira um Antonio Dias, e correndo a mesma serra descobriu o ribeiro que hoje chamam do mesmo nome, que com a continuação e disposição que lhe deram, é agora uma continuada rua, e forma a riva de Vila de Ouro Preto.

6. Com a mesma emulação fez sua tropa o Pe. João de Faria, e em breve tempo descobriu o Ribeiro de seu nome: porém como os que tinham mais armas, e mais séquito eram sempre nestes descobrimentos os mais bem aquinhoados, determinaram os mal contentes formarem novas Bandeiras: uma destas descobriu e socavou o Ribeiro que chamam Bento Roiz, nome do cabo, de tanta grandeza, que tiraram nele algumas bateadas de duzentas e trezentas oitavas: sendo a pinta geral de duas, e três oitavas; e foi tanta a gente, que concorreu, que no ano de 1697, valeu o alqueire de milho sessenta e quatro oitavas, e o mais à proporção.

7. Outra Bandeira fez também o capitão João Lopes de Lima, morador no Tibaya de S. Paulo, levando consigo ao Pe. Manoel Lopes, seu irmão; o Buá, de alcunha, e descobriram o famoso ribeirão do Carmo, que mandou repartir, estando já em S. Paulo, o meu general, nomeando para isso por Guarda-Mor destas Minas ao Sargento-Mor Manoel Lopes de Medeiros; o ouro deste novo ribeirão se avaliou então por melhor, que a do ouro preto, por este ser mais agro, e de se fazer em pedaços ao pôr-se-lhe o cunho, tanto que se julgou por inútil, chegando-se a vender a oitava por doze e treze vinténs, na cidade de S. Paulo, motivo porque se abandonou três vezes aquele descobrimento, como eu presenciei.

8. Este ribeirão do Carmo se repartiu coisa de duas léguas em 15 de agosto de 1700, dando ao descobridor a esperança de que para baixo se seguiam maiores pintas, e assim se tem experimentado em tantos anos se descobriu também o Ribeirão de Antônio Pereira, nome do descobridor; a que chamam hoje Gualaxos do Norte: e como este descobrimento foi só nas cabeceiras do dito ribeiro, passou a descobri-lo no meio Sebastião Roiz da Gama, porque o seu fim ou barra a descobriu um João Pedroso, descobridor também do Rio Bromado, e da do sumidouro, que não deram menos riqueza. Estes rios desaguam ambos no de Miguel Garcia, ou Gualaxos do Sul, e todos no Ribeirão do Carmo junto ao Forquim.

9. No mesmo ribeirão do Carmo deságua o ribeirão do Bom Sucesso, que descobriu o coronel Salvador Fernandes Furtado, deu muita grandeza, e foi o seu descobrimento um ano depois do de Ribeirão, e o mesmo coronel o repartiu por ordem do meu general, com este exemplo continuaram os mais mineiros a prosseguir os seus descobrimentos, ribeirão abaixo: e o primeiro que o investigou, foi o capitão Antonio Rodovalho, distância de dez léguas pouco mais ou menos, hoje do Ouro Preto, e então 6 dias de viagem, e se situou, onde V. Rma. me acha agora situado. Passou mais abaixo João Lima Bomfante, e se sitiou, onde hoje é a Freguesia do Bom Jesus do Monte, chamado comumente Forquim, e o que depois foi mais abaixo, foi o pe. Alvarenga, que investigou muita parte deste Sertão. O último de todos que se situou neste rio o foi Francisco Bueno de Camargo, grande sertanista, e lançou o seu primeiro sítio junto à barra, em que este ribeirão se incorpora com o rio Guarapiranga, maior que todos os mais, e que deságua nele por três grandes bocas.

10. Todos estes descobrimentos se fizeram do ano de 1700 para diante. Esta informação a dou a V. Rma. por me achar morador nessas Minas, e neste ribeirão do Carmo há

perto de 32 anos, e como V. Rma. me não encarrega a notícia das mais partes, e não dou, o que farei sendo necessário. Da. G. do a V. Rme. Sr. ribeirão abaixo, 2 de janeiro de 1733. *José Rebello Perdigão.*

NOTA PRIMEIRA

Depois de alcançada esta notícia que ao depois experimentei ser verdadeira, se me disse no arraial de S. Caetano 3 léguas antes do do Forquim, e aonde fiz esta mesma diligência que os primeiros seus descobridores foram sim o dito Antonio Rodovalho da Fonseca, mas acompanhado do capitão Francisco Alvares Correia, e Sebastião de Freitas Moreira, e que estando arranchados no Pissarrão com suas roças, as deixaram; e entraram a descobrir pelo ribeirão abaixo tudo, o que corre até o Forquim, e que a primeira rancharia, que tinham feito, fora no morro Grande, onde estiveram alguns meses lavrando o dito ribeiro, dondo passaram depois ao Forquim arranchando-se e lavrando nele, e que isso haveria pouco menos de 30 anos.

NOTA SEGUNDA

O ribeiro a que esta notícia chama de Miguel Garcia seu primeiro descobridor, não é o verdadeiro Gualaxos do Sul, ainda que é cabeceira sua; porque este nasce na serra da Itatiaya, e o Garcia unido com o do ouro branco entra no do Gualaxo pela parte direita junto ao sítio, onde hoje tem as suas lavras do Dr. Guido. O mesmo sucede ao Gualaxo do Norte, com o de Antonio Pereira, que sendo diversos ribeiros correm a unir-se com o mesmo nome. Notas são estas, que não mudam a sustância, mas são precisas para algum escrupuloso, etc..

NOTÍCIA — 4.ª PRATICA

Que dá ao R. P. Diogo Soares, o sargento-mor José Mattos sobre os descobrimentos do Famoso Rio das Mortes.

1. O que posso informar a V. Revma. sobre o que me ordena, é, que no ano de 1702, pouco mais ou menos, descobriu Thomé Portos d'El-Rei junto ao sítio, em que hoje está a Vila de S. José, um ribeiro que ele, como substituto, do guarda-mor Garcia Roiz Paes, repartiu entre sí, e alguns taubateanos, onde formaram todos um arraial, a que deram o nome de Santo Antonio, levantando nele uma pequena capela com a invocação do mesmo santo, e neste teve princípio a primeira Freguesia deste distrito.

2. No ano de 1704, com pouca diferença, morando sobre o rio das Mortes desta parte, aonde hoje é, e foi sempre o porto da passagem, Antonio Garcia da Cunha Tabatiano, que por morte do dito Thomé Portos, seu sogro, sucedeu em guarda-mor para a repartição das terras minerais, assistia na sua vizinhança um Lourenço da Costa, natural de S. Paulo que servia ao dito Antonio Garcia de seu escrivão das datas; este descobriu o ribeiro que corre por detrás dos morros desta Vila de São João, para a parte do Noroeste, e foi repartido entre várias pessoas com o nome de S. Francisco Xavier, e tem dado, e dá ainda hoje ouro, e não só no princípio do seu descobrimento, mas em alguns anos depois se lhe acharam em algumas paragens pintas ricas.

3. Neste mesmo tempo um filho de Portugal chamado Manoel João Barcelos, descobriu pelo morro desta Vila, em que hoje se minera muito, e bom ouro, e foi o primeiro que se descobriu pelo campo fora dos ribeiros, e suas margens. Descoberto e repartido o dito morro, o primeiro que nele se pôs a faiscar foi um Fr. Pedro do Rosário, da Ordem de S. Paulo e a seu exemplo os mais que tinham na dita repartição sua parte, acharam estes pela raiz do capim muitas e boas manchas, a que naquele tempo chamavam panelas de 300 500 e 700 e mais oitavas com tanta facilidade que convidados dela alguns dos vizinhos, e outros vindos de fora, uns pedindo alguns restos do dito morro, e outros associando-se, formaram arraial ao pé do mesmo morro, pela paragem que está da Matriz até ao mesmo morro, com uma Capela dedicada a N. S. do Pilar, que depois foi a segunda freguesia, e assim lhe deram o nome de Arraial Novo de N. S. do Pilar em razão do Arraial de Santo Antonio ser primeiro, pelo que ficou sendo arraial velho nome que perdeu criando-o Vila no ano de 1718, o Conde d'Assumar, D. Pedro d'Almeida, sendo governador e general destas minas, e dando-lhe o nome de S. José quatro anos depois da ereção desta por D. Braz Balthazar da Silveira, seu antecessor no ano de 1714, debaixo do título de S. João d'El Rei.

4. Nesta, e na de S. José, e seus termos se lavra até o presente por terra, e pelo mesmo rio das Mortes, e suas margens, e se tem topado em diferentes tempos com boas pintas, e grandes manchas; porque da outra parte do rio, aonde chamam o Córrego, que também é descoberto desde o princípio destas minas, se tem dado várias catas de grandes conventos, como também por mato dentro da Vila de S. José, e ainda na mesma Vila com boas e ricas Guapiaras.

5. Nesta roça de S. João se tem achado pelo pé do morro dela várias manchas de consideração na primeira formação, e

na que chamam segunda muito maiores aprofundando-a alguns dos mineiros, que a têm lavrado pela baixa do mesmo morro, que corre da parte do ribeiro da Vila para o poente, por alguns sinais, que toparam na primeira formação; como também pela vargem, que se estende pelo mesmo ribeiro da Vila até onde chamam o Tojuco, se tem extraido muito ouro.

6. Também no mesmo rio das Mortes no sítio a que chamam o Cuiabá se tirou estes anos próximos uma grande mancha de pedaços d'ouro, no mesmo ano de 1730 tirou o capitão João Ferreira dos Santos, uma excessiva grandeza, havendo tirado no mesmo Cuiabá, 5 ou 6 antes, em todos eles bastante ouro: no mesmo ano de 1730 teve a mesma fortuna Jorge d'Oliveira, e seus sócios, tirando igual grandeza a de João Ferreira dos Santos, e só com a diferença, que este o achou no veio do rio, e aquele no barranco do mesmo rio, e no sítio, que partia com o veio, que lavrou o dito João Ferreira dos Santos; e assim por todos os barrancos de uma e outra parte se tira atualmente bastante ouro. Como também pelo veio do mesmo rio nas suas Itaibas, ou ilhas cobertas dágua, tirando-se de mergulho; porque onde as não há de faisca com canoas armadas de uns ferros à maneira de colheres.

Todo este lavor se faz com excessivo trabalho, valendo-se toda para esgotar a água da força de negros com bateias ou outros engenhos de rodas e rodas sobre rotas mas com ser igual o trabalho o preceito é de poucos porque os haveres só são para quem Deus os tem determinado etc. .

À pág. 271 — Notícia, 2.ª prática — Nota (2), há esta

"Chegando ao Rio Grande com bastantes dias de viagem me arranchei em uma roça que achei plantada nele: recolhi o mantimento, rocei e plantei de novo outro". Depois soube etc.

BREVE NOTÍCIA

QUE DÁ O CAPITÃO ANTONIO PIRES DE CAMPOS

Do gentio bárbaro que há na derrota da viagem das minas do Cuiabá e seu recôncavo, na qual declara-se os reinos, a que chegou e viu por maior, sendo em tudo diminuto, porque seria processo infinito, se quisesse narrar as várias nações, nos mesmos usos e costumes, trajos e vantagens que fazem, e menos numerá-los, por se perder o algarismo, principalmente no dilatado reino do Perecizes, tão extenso e dilatado, e seus habitadores por extremo asseadíssimos e estáveis, e tão curiosos que podem competir com as mais das nações do mundo no seu tanto, e dos que aqui não faz menção, o farão outros mais curiosos que ele. Se o faz, do que a experiência lhe tem mostrado no decurso de tantos anos, até o dia 20 de maio de 1723.

Principio a falar do Rio-Grande, porque do Rio Tietê que é o primeiro que se navega, saindo de povoado, e tem de navegação um mês, o não faz por não haver nele gentio, e falando do Rio Grande (em que mete o Tietê e perde o seu nome) navegando por ele acima, se dá em um rio chamado Pernaiba, e por ele acima habita o gentio chamado Caiapó. Este gentio é de aldeias, e povoa muita terra por ser muita gente, cada aldeia com seu cacique, que é o mesmo que governador, a que no estado do Maranhão chamam principal, o qual os domina, estes vivem de suas lavouras, e no que mais se fundam são batatas, milho e outros legumes, mas os trajes destes bárbaros é viverem nus, tanto homens como mulheres, e o seu maior exercício é serem corsários de outros gentios de várias nações e prezarem-se muito entre eles a quem mais gente há

de matar, sem mais interesse que de comerem os seus mortos, por gostarem muito da carne humana, e nos assaltos que dão aqui e presas que fazem reservam os pequenos que criam para seus cativos: as armas de que usam são arcos muito grandes e flechas muito compridas e grossas, e também usam muito de garrotes, que são de páu de quatro ou cinco palmos com uma grande cabeça bem feita, e tirada, com os quais fazem um tiro em grande distância, e tão certo que nunca erram a cabeça; e é a arma de que mais se fiam, e se prezam muito dela. Este gentio não usa pôr guerra, como fazem outros, tudo levam de traição e rapina, e nas suas campinas cursam muita terra de outros gentios a quem causam muitos descomodos com as suas traições; este próprio gentio chega a fazer dano ao rio chamado Tacoari.

Rodando pelo Rio Grande abaixo passam duas barras, a primeira se chama Guacuruí, a segunda barra chamada Rio Verde, estes dois rios não têm gente habitante neles, mas são cursados e batidos do mesmo gentio Caiapó, e para baixo temos a barra do Rio Pardo, todas elas são da parte direita, subindo por ele acima, se dá na barra do Rio Nhanduí da parte esquerda, e por ele acima habita o gentio chamado Gualaxo, e sem embargo que estes tenham mantimentos não são de aldeias, mas vivem de corso, e montarias, as suas armas de que usam, são arcos e flechas e usam muito de laços para as caças. Os trajes dêste gentio, os homens andam nus, as mulheres usam de seus reparos de palha; estes só têm algumas guerras com as Caiapós que até lá alcançam e por todo o Rio Pardo, e Camapoan e Guichum, não há outra nação de gentio habitante, porque os índios Caiapós tudo infestam por d'onde têm feito consideráveis danos, assim em barcos e escravos, como nas canoas dos viandantes, e mineiros que passam para as minas do Cuiabá, fazendo despovoar todas as roças que já haviam no Rio do Tacoarí, matando a maior parte da gente, e queimando-lhe as casas, fazendo-lhe despovoar aquele rio, e o mesmo fariam em Camapoan se os roceiros não estivessem com armas na mão de noite e de dia, sem embargo de haver já perdido às mãos do

RIO PARAÍBA — (RUGENDAS)

gentio, mais de vinte escravos, e proximamente mataram quatro escravos a... Vieira do Rio que estava na roça de Nhanduí mirim que faz barra no Rio Pardo.

Tacoarí. — Por este rio habitou muito gentio, e habita parte por ele abaixo, tanto de uma banda como da outra, e sem embargo de que este gentio tenha uma mesma língua nos nomes dos caciques, são diversos os apelidos, o maior lote que houve é chamado Achihanes e o outro lote Escolhexez, e outro lote Cazoyas, estes assistem à beira rio do dito Tacoarí e pela terra a que chamamos vargens onde habitam várias nações de gentio chamados Chicaocas. Hahunos, Juniacas, Tiquinitoz, todos estes são de uma língua, e de um traje, e no viver não diferem uns dos outros, vivem de montarias, algumas lavouras que têm de mandioca, e suas batatas coisa mui pouca, e gente sem aldeias, nem lugar certo, e andam sempre após de boas montarias; os trajes é andarem os homens nus, e as mulheres com seus reparos de palha, estes algumas guerras têm entre sí por desconfianças que há entre eles, as armas são arco, flechas e lanças. Estes gentios em sentindo brancos em suas terras unem-se todos com uma paz geral para darem guerra aos brancos, como têm feito por muitas vezes apresentando batalha campal e destas guerras têm padecido muitos brancos.

Detrás deste Rio Tacoarí, passa outro chamado o Rio Claro, este vai dar no rio chamado Gothetehu e neste Rio Claro habitam bastante lotes de gentio; o primeiro lote chama-se Abathihe, outro lote Chiquiaez, outro lote Humegay, estes vivem de seus mantimentos, mas mui poucos, o dito mantimento é mandioca e batatas, e pouco milho e alguma cana de açúcar que desta paragem veio no princípio para os engenhos que nestas minas se acham, e muitos bananais, vivem embarcados, as suas armas são arcos e flechas e lanças; estes algumas guerras têm com os Paiaguás, e alguns encontros com os cavaleiros chamados Guaicurús de d'onde têm eles grandes diminuições de gente, e sanguinolentas guerras, os trajes são como os mais acima nomeados.

O Rio chamado Botetehu, cujas cabeceiras vêm dos campos da Vacaria, neste vem dar outro rio chamado Araquazue, cujas cabeceiras também vêm das campanhas da Vacaria, e por este rio algum lote de gentios, também embarcadiços, a saber: Avahuahy; Ahins, estes sendo de uma nação e de uma língua, estão em muitos lotes, nas armas e nos trajes não têm diferença dos outros, e também guerreiam com os Paiaguás e Cavaleiros; estes três rios param-se em um só, o qual se chama Botetehu, o Rio Claro e o Araquahu, todos estes fazem barra no Paraguay. Abaixo desta barra habitam os gentios Paiaguazes, cujas moradas são sempre andarem embarcados e não terem domicílio certo, não mais que como corsários rio abaixo, e acima a ver se têm encontros, aonde se aproveitem, fazendo suas emboscadas nas voltas dos rios aonde fazem e têm feito grandíssimos danos aos brancos que navegam ao dito rio Paraguai, matando no ano de 1725 a Diogo de Sousa de Araujo, e a uma negra e um moleque, e no ano de 1726 unidos com os cavaleiros acometeram no rio Tacoarí, a uma tropa e por não poderem vadear o rio, foi esta bem sucedida, por virem os inimigos, sem canoas; no ano de 1727 acometeu o dito Paiaguá no rio Peraguaí, a uma tropa de mineiros que contava de mais de 30 canoas, e trazendo só dez bem equipadas acometeram duas nossas que roubaram matando a Miguel Antunes, Manoel Lobo, e dez escravos, levando um menino branco cativo, e por misericórdia de Deus não levaram todas as canoas. Este gentio consta de lotes grandes, que demandam todos unidos de muita gente, e os cavaleiros chamados Guaicurús companheiros e amigos com eles andam por terra, e os ditos pelos rios, de quais a quais mais mal hão de fazer. O vestuário dos Paiaguás é viverem os homens nus, e as mulheres embuçadas com panos que fazem de algodão a modo de mantas que é o mesmo que mantilhas, estes vivem de montarias do rio, não têm aldeias, as suas armas são flechas e lanças, em que são destríssimos, que fazem vários tiros, enquanto da nossa parte, se faz um, pelejando em canoa, se lançam à água, levando uma

borda dela debaixo dágua e com o fundo fazem rodela para repararem as balas, e no mesmo instante que parece coisa invisível, tornam a endireitar a canoa, e a fazer novos tiros e se acham grande resistência, e sentem pouco partido no mesmo instante alagam as suas canoas, e desaparecem por baixo dágua, e antes de passar muito tempo as tornam a desalagar e fogem navegando com tal velocidade que parece levam asas.

Os cavaleiros chamados Aycurús vivem também de montarias, andam sempre a cavalo com seus arreios, e em lugar de selas, trazem lombinhos, e são tão fortes que fazem as maiores vantagens assim por andarem sempre a cavalo, como por serem os cavalos andaluzes, e os melhores que se tem visto, e se tem observado que este gentio tem as pernas arqueadas e compridas, sendo a maior parte deles curtos do corpo, mas mui socados e largos das espáduas, e pela passagem que lhe dá o gentio Paiaguá para a outra parte, nas suas canoas no rio Peraguaí fazem cruel guerra a outros gentios, e também a algumas povoações de castelhanos, que por se livrarem das suas hostilidades, e grande número de cavaleiros, lhe pagam tributo, levando cada um 4 e 5 cavalos a dextra. Costumam andar nus. As suas armas são lanças, garrotes e laçadas, com que fazem grandes tiros não só a seus contrários, mas a caças e feras. Cursam até o rio de Araquaí, rio de Botetehuço rio Claro, e todas as vargens de Tacoarí e por todos estes distritos, andam fazendo grandes destruições em todo o gentio nomeado até de onde podem alcançar com a sua cavalaria em que recebem pouco dano, subindo da barra do Botetehu pelo Peraguaí acima. Corsam os Paiaguás até o rio dos Porrudos, e daí para cima pelo dito Peraguaí habitam muitos lotes de gentio, chamado o primeiro lote Guatos, outro Caracará, outro Guacharapos, outro Surucuha, Guacamão e outros Cuvaqua e Tuque; estes todos vivem embarcadiços, gente de corso e sem aldeias. Vivem de montarias, o seu maior sustento é do muito arroz que colhem no seu tempo em forma que lhe chega para

passarem o ano, e o mais sustento é do rio pelo muito peixe que pescam e capivaras que matam que são os porcos dágua, Jacarés, e Jucurís, que são umas cobras de estranha grandeza, e todas as mais imundícies que dão os pantanais, nos quais cria Deus o arroz sem mais cultura que a da natureza, e são estes pantanais tudo terra alagada, que fará de caminho mais de quinhentas léguas, e com as enchentes dos grandes rios que se vêm ajuntar no rio Peraguaí, represam as águas, de sorte que faz um mar oceano, e se não conhecem as madres de tão caudalosos rios no tempo de seis meses, que dura a sua enchente, fazendo-se deste tempo a navegação para as minas do Cuiabá com mais gosto, e brevidade, havendo bons práticos, e no tempo da enchente se colhe o arroz, crescendo a sua palha à medida das enchentes enquanto não amadurece. Os trajes de todos estes gentios é andarem os homens nus, e as mulheres com seus reparos de fio de algodão franjados, e estes todos têm concurso com os Paiaguás, mas sempre receosos das suas traições. As armas são arco, flechas e lança. Subindo pelo mesmo Peraguaí acima em passando uma baía muito grande chamada Hiahiba se acha uma cruz de pedra que por tradição deve ser posto pelo Apóstolo S. Thomé, passada a dita baía fica uma ilha de morro donde habita o gentio chamado Ahiguas e Crucurus; estes dois lotes cada um é diferente nas línguas, e nos trajes, vizinhos inimissíssimos um lote do outro, vivem em guerra atuais, comendo-se uns aos outros, e as suas armas iguais, arco, flecha e lança; também embarcadiços e vivem de suas montarias, os homens andam nus e as mulheres com suas tipoias, que é o mesmo que um saco com duas bocas que as cobre do pescoço até os pés; estes são os Ahiguez e os Crucaniz, os homens nus com mulherio coberto de palhas tecidas.

Entra outra nação chamada Hayucares, estes vivem de corso, nos trajes e armas como os mais, andam embarcados, e têm guerra com a nação chamada Guarecis, que também andam embarcados, os mesmos trajes e armas. Plantam algum milho

muito pouco, e o mais do tempo se sustentam de montaria, e andam em dois lotes. Vizinhos a este rio acima morou o gentio chamado Sarayes, esta nação é reino repartido em muitas aldeias, em uma delas se contaram novecentas e tantas choças, gente mui limpa e asseada, no seu viver pouco ocioso e mui grandes lavradores, assim viviam muito abundantes de mantimentos, e outras farturas, que lhe permitiam os seus países, e muito pacíficos, vivendo com o mais gentio de paz, que nunca se soube pusesse guerra a ninguém, e todos estes viviam em terra firme aldeados; os nomes deles são os seguintes: Manui, Curataré, Guaçadacuri, Oticotó sana, Creigua verodosano e outras mais nações, que me não lembro, e marchando dois dias acima faz barra o rio chamado Yahuri, e por ela acima habitam a nação chamada Caravere, outro lote chamado Yuparã, estes vivem em aldeias, fabricam mantimentos e falavam a língua geral, os homens se vestem de marlotas, e o mulherio de tipóias, estes mesmos viviam em guerra com outra nação chamada Tembez, por outro nome de três botoques no beiço de baixo que ficam horrendos, e da mesma língua, e vivem em guerras atuais, uns com outros; estes chamados Tembez se sustentam em carne humana, e são também de aldeias, cultivam mantimentos, gente muito guerreira, e também fazem suas entradas ao gentio dos Parecís, com o interesse de os prisionarem para comer estas nações, moram pelo Jahuru acima.

Subindo mais pelo Peraguaí acima, nele habita a nação Aravira Guahonez, Caypanes, Araparis, Itaporis todas estas nações vivem de corso, sem aldeias, não têm mantimentos, o seu uso de pelejar uns com outros, é tudo de traições, e armas arcos, flechas e porretes, e comem também carne humana. Estes gentios também habitam o rio chamado Hycipotiba que vem entrar no de Peraguaí, e nas cabeceiras deste rio mora um lotão de gentio chamado Yorauvahiba de boa língua, e com este lote tinham os acima ditos excessivas guerras, estes também faziam suas entradas no gentio do reino dos Parecis, e dos

que apanhavam os comiam, e nos dias que tinham algum padecente se preparavam com grandes festas, e faziam seus batizados, em mudarem seus nomes, causado isto da muita alegria que nestes diás tinham, e rematado este rio de Hycipotiba, se dá em chapadas mui grandes e dilatadas.

REINO DOS PARECIS

Naquelas dilatadas chapadas habitam os Parecis, reino mui dilatado, e todas as águas correm para o Norte. É esta gente em tanta quantidade, que se não podem numerar as suas povoações ou aldeias, muitas vezes em um dia de marcha se lhe passam dez e doze aldeias, e em cada uma destas tem dez até trinta casas, e nestas casas se acham algumas de 30 até 40 passos de largo, e são redondas de feitio de um forno, mui altas e em cada uma destas casas, entendemos agasalhará toda uma família; estes todos vivem de suas lavouras, no que são incansáveis, e é gentio de assento, e as lavouras, em que mais se fundam são mandiocas, algum milho e feijão, batatas, muitos ananazes, e singulares em admirável ordem plantados, de que costumam fazer seus vinhos, e usam também cercar de rio a rio o campo, entre esta cerca fazem muitos fojos, em que caçam muitos veados, emas, e outras muitas mais castas; estes gentios não são guerreiros, e só se defendem, quando os procuram; as suas armas são arcos e flechas e usam também de uma madeira muito rija, e dela fazem umas folhas largas que lhes servem de espadas, e também têm suas lanças mas pequenas, que com elas defendem suas portas para o que fazem as ditas portas tão pequeninas que para se entrar, é necessário ser de gatinhas, e também usam estes índios de ídolos; estes tais têm uma casa separada com muitas figuras de vários feitios, em que só é permitido entrarem os homens, as tais figuras são mui medonhas, e cada uma tem sua buzina de cabaça que dizem os ditos gentios, serem das figuras, e o mulherio observa tal lei, que

nem olhar para estas casas usam, e só os homens se acham nelas naqueles dias de galhofas, e determinados por eles em que fazem suas danças e se vestem ricamente. Os trajes ordinários deste gentio é trazerem os homens uma palhinha nas partes verendas, e as mulheres com suas tipóinhas a meia perna, cujos panos fazem elas mesmas de teçume de penas, e de ricas cores, com muita curiosidade e lavores de várias castas e feitios, e a curiosidade nos machos e fêmeas é por extremo, muito asseados e perfeitos em tudo que até as suas estradas fazem mui direitas e largas, e as conservam tão limpas e consertadas que se lhe não achará nem uma folha. Este gentio feminino é o mais parecido que se tem visto porque são muito claras e bem feitas de pé e perna, e com todas as feições perfeitas, e tão ágeis e habilidosas que nada se lhes mostra que não imitem com a melhor perfeição, e o mesmo se acha nos homens. Costumam criar araras, papagáios e outros pássaros em casa como quem cria galinhas, e os depenam, e lhe dão com tintas que fazem de diversa cor como querem que depois lhe saiam as penas, e em eles saindo em estando com conta lh'as tiram para as suas obras que fazem, e lhe tornam a pôr segundas tintas para criar novas penas, e de novas cores, e estas são tão vivas e singulares que parecem labirintos, sem que lhe levem vantagens nas cores, as melhores sedas da Europa.

Faz este gentio obras de pedra como jaspe em forma de cruz de malta, insígnia que só trazem os caciques, ou principais, dependurada ao pescoço, tão lisas e polidas como marfim lavrado, e a este respeito obram em paus tão duros, como ferro, outras curiosidades, sem instrumento de ferro, nem aço, e fazem machados de pedra, e outras coisas mais dificultosas de se acreditarem.

Esse reino é tão grande e dilatado que se lhe não tem dado com o fim; é bastíssimo de gentio e muito fértil pela bondade das terras, o clima é bastantemente frio, a língua boa de perceber, suposto se acham muitas diferentes por corrupção, que

a geral dos Parecís quase todos entendem, e sendo todos desta nação é desgraça, que não têm uma só cabeça a que todos obedeçam como a rei ou cacique, mas muitos em quem está dividido o governo; são os que me parece se acharem mais hábeis entre todos os mais para se instruirem na fé católica, havendo pregadores evangélicos, que lha vão ensinar, e suposto que estes gentios de sua natureza são bandoleiros e pouco constantes, como a experiência tem mostrado que perseveram na idolatria se deve esperar que a misericórdia divina há de permitir que algum abrace tanta multidão de pagões nossa santa fé católica romana, como se espera em Deus o permita assim para maior glória sua, honra e crédito da nação portuguesa, e extensão dos domínios de S. Majestade.

Adiante destes parte outra nação chamada Mahibarez dos mesmos costumes e usos tanto nas lavouras e trajes, como iguais nas armas, e em quantidades são infinitos que se não podem numerar, estes só têm alguma diferença em algumas palavras na linguagem, e têm as orelhas com buracos mui largos que em alguns lhe chegam ao ombro, estes sendo vizinhos dos Parecis usam de suas traições e rapinas para roubá-los de seus bens e plantas, e também nestas rapinas matam aos que podem, e só não entendem com o mulherio, e estes também usam de seus ídolos como os mesmos Parecis, e usam das mesmas armas e demais trazem umas adagas feitas de pau mui rijo. Este gentio fica para a parte do Norte, e daí se segue mais gente que não posso declarar porque lá não cheguei.

Todos os rios por donde habitam os Parecis, e todos os mais que não posso nomear correm as suas águas para o Gram-Pará e desta chapada indo para baixo também habitam outras nações que confinam com o Gram-Pará. Os do fronteiro chamam-se Poritacas, estes vizinham com outra nação chamados Cavihis, estes vivem de andar a corso matando gente para seu sustento e com a mesma carne criam seus filhos, por cuja causa são mui temidos, e para diante vão mais gentio e aldeias aonde

não cheguei, e para esta parte dou fim à minha narração e notícia deixando de dizer muitas coisas que vi nestes sertões, como foi no ano de 1727 no sertão dos Cavihis, entrando em uma aldeia, cujos moradores andavam a corso, dando-nos um grande fedito que se não podia suportar, e entrando nas casas que eram boas achamos nelas muitas vasilhas cheias de carnes humanas, que tinham a apodrecer para fazerem seus vinhos e mais guizados de que usam: achamos as casas por cima esteiradas de paus, e naqueles sobrados muitas caveiras, canelas e mais ossos de corpo humano, o que guardam aqueles bárbaros para seu timbre porque quem mais ossada tem, maior honra adquire entre aquela gentilidade, e andando observando estas e outras coisas semelhantes, se veio recolhendo o gentio da dita aldeia que eram muito agigantados, valentes e atrevidos, e nos obrigaram a pôr em retirada, sem embargo de a fazer com cento e trinta armas de fogo, que eles mesmos temem; e me não alargo mais a dar notícias de outras coisas semelhantes, assim por falta de tempo, como por serem sabidas, dos que cursam sertões, e não causar espanto, aos que as ignoram; e para continuar a narração que a vossa mercê vou dando, torno ao Rio dos Porrudos, que havia deixado.

Deixado o grande rio do Paraguí e subindo pelo do Porrudos acima habitam os gentios chamados Tacohaca, Guellechez, Arioconez, estes usam andar embarcados, e vivem de corso e montarias, os homens andam nus, e as mulheres com seus reparos de fio, as suas armas, lança, arco, flechas, estes têm por seu destrito até a barra do Cuiabá.

Tornando pelo dito rio do Cuiabá acima, habita na paragem chamada o arraial velho, a nação chamada Elives, estes eram repartidos em muitos lotes, e tinham outros vizinhos chamados Cuchianes, estes eram da mesma linguagem e costumes, iguais nas armas, de arcos, flechas, porretes e viviam em uma pura guerra comendo-se uns aos outros, estes tinham por distrito o vão do rio do Cuiabá e Porrudos.

Subindo o rio do Cuiabá acima habita a nação chamada Guachevanez repartidos em muitos lotes, a saber os nomes: Curianez, Guahonez, Candaguaris, Pavonez, Gualez, Cathaxos, Bobiarez, estes tinham algumas guerras uns com os outros, sendo da mesma língua, e do mesmo viver, os que ainda hoje há quando tem algumas, fazem logo pazes com casamentos de filhos e filhas, vivem nùs, as mulheres usam de seus reparos de fios; estes são de terra firme, e também usam de canoas para as suas montarias, as armas são as costumadas de lança, arco e flecha. Subindo mais para cima vem um rio dar neste do Cuiabá, que lhe chamam Cuiabá-mirim, que nasce de uma baía na qual habitava um lote de gentio chamado Cuiabás. Estes usavam de canoa, e nos trajes, e costumes eram como os acima nomeados, e tinham pazes com todos por serem mansos e pacíficos. Estes têm outros vizinhos terra dentro, chamados Chacrurez, mui valentes e guerreiros, que sendo poucos tiveram sempre guerras com muitos, é gente de corso, e vivem de montarias, os trajes é andarem os homens nus, e as mulheres com seus reparos de enviras, as armas são as costumadas, e só usam de mais de um garrote de duas mãos.

Subindo mais acima pelo rìo Cuiabá habitam as nações Tuetez, Japez, Cruanez, Gregonez, Curianez, os costumes e armas de todos estes é o mesmo que os chamados Chacrurez, e só têm a diferença de não serem tão guerreiros como os ditos, e subindo mais acima pelo dito rio habitava a nação chamada Tammoringue, estes eram repartidos em dois lotes de um costume, e da mesma linguagem, tanto nas armas, como no traje, e subindo mais acima habitavam dois lotes chamados Arica, Poçonez, estes usavam por de onde quer que andavam de suas tranqueiras por viverem receosos de outros gentios; nos costumes e trajes eram como os outros, e da outra banda fronteando com estes mesmos habitavam outros chamados Copemerins, gentios muito valentes, e vistosos, os costumes e trajes o mesmo que os mais de corso e guerreiros.

Subindo mais acima habitava outra nação chamada Cuchipone, estes tinham por distrito todo o circuito do Cochipo, viviam de corso e de montarias; nas armas e trajes o mesmo que os mais. Subindo mais acima pelo rio Cuiabá habita outro lote chamado Puponez e tinham por distrito o Cochipoassú; nos trajes costumes e armas como os acima.

Entre estes dois rios Chipos, que fazem barra no do Cuiabá subindo para cima da parte direita aonde está um ribeirão, que faz barra no dito rio Cuiabá, se descobriram as minas do Cuiabá em ano de 1719 e 1720 pelo capitão Paschoal Moreira Cabral Leme, que depois foi Guarda-mor delas, em 721 mandou o general Rodrigo Cesar de Menezes a S. M. que foi o primeiro que pagou de quintos, que veio com a notícia daquele descobrimento, ao qual deu tão vigoroso sabor o dito general, escrevendo aos paulistas e mais pessoas que nele se achavam, e animando a outras a que passassem aquele sertão que com efeito conseguiu o seu estabelecimento, e passando a ele por ordem que teve de S. M. em 7 de Julho de 1726, chegou às ditas minas em 15 de Novembro do dito ano, e no 1.º de Janeiro do ano seguinte criou vila a que se chamou vila Real do Sr. Bom-Jesus.

Continuando a subir rio do Cuiabá faz barra nele o rio Manso, habitava dele outro lote de gentio chamado Popuz, e subindo mais acima habita a nação chamada Araripoçonez; estes são dois lotes e demandam de muita gente, eles muito valentes e muito guerreiros, senhores de suas armas e muito temidos de todos, e subindo mais acima habitam os Acopocones, também são dois lotes muito grandes, e também muito guerreiros, em grande forma gentio muito vistoso.

Subindo mais acima habita outro lote que lhe chamam Tambeguiz, subindo mais acima habita outro lote chamado Itapores, este é um grande lote também de boa gente, e subindo mais acima às cabeceiras do dito rio, na chapada habita outro lote o qual anda por 600 fogos; este chama-se Itapore-mirim.

Todos estes nomeados são do mesmo viver e traje assim em armas como em tudo o mais, são de corso, e chegam com as suas bandeiras a fazer mal ao gentio chamado Bacairis, que estão sobre as vertentes Maranhão, e daí se seguem várias nações de gentio, que tenho por notícia, são as aldeias infinitas e todo o gentio mui guerreiro e senhores de suas armas.

Trata-se agora do rio dos Porrudos: subindo por ele acima habita o primeiro lote de gentio chamado Taraquí, lote pequeno mas muito valente. Estes em certo tempo usam de canoas, é gentio de mantimentos e aldeias, usavam de muita mandioca, batatas, abóboras e tabaco. Os trajes suas palhinhas nas partes verendas, as mulheres com seus reparos de fios, e subindo mais acima habitam os chamados Araripoçonez, e são dois lotes valentíssimos pelas suas armas; usam de arcos e flecha e garrotes de duas mãos, estes vivem de corso e de montarias; subindo mais acima habitam os Cruaraz, também são três lotes de gentio muito grandes, estes dão guerras àqueles vizinhos chamados Araripoçonez, e fazem grandes estragos uns aos outros só a fim de dizerem que são valentes, também vivem de montarias, nas armas e nos trajes não há diferença, e subindo mais acima nas cabeceiras do próprio rio habita o gentio chamado Porrudos, resto de muitíssima gente, e estes senhoreavam todo o rio, é gente de língua geral, e aldeados com muito mantimento, e também usavam de canoas de cascas, e o seu modo de remar era sentados, e o resto deles que há hoje dizem são governados por um doméstico que fugiu da companhia dos brancos.

E passando para outras vertentes habitam muitas nações de gentios as quais não posso declarar por não ter andado o seu distrito, isto dizem ser cabeceiras do Maranhão. Neste rio dos Porrudos faz barra outro chamado Piquiri nas cabeceiras do qual habita uma nação chamada Vanhereis, e são três lotes aldeados, gentio de muito mantimento, valentes pelas suas armas, estes resistem aos Caiapós, sendo uma das nações temidas em todos estes sertões pelas suas astúcias e traições, pelas

quais basta um só caiapó para destruir uma tropa de quinhentas armas de fogo, sendo em qualquer deles usual correr tanto como um cavalo.

Isto é o de que por agora posso dar notícia e pela brevidade do tempo o não faço com mais distinção o que faria se me desse parte mais cedo. Todos estes sertões e gentios de que dou notícia foram descobertos pelos paulistas.

"No ano de 1722, sendo eu de idade de 20 anos, sentei praça de soldado aventureiro para ir a esta conquista de Goiás. Em o tempo que andei explorando esta vastíssima campanha, vi ouro em muitas partes, mas só em três me pareceram de boa pinta. A primeira é em uma das pontas deste Mato-Grosso, no lugar que se chama as *Palmeiras*. Foi visto em 1723 e descoberto por João Leite, genro do Anhanguéra. Eu não me achei presente, porque tinha ido com os meus soldados a outra diligência mais fragosa e arriscada, mas quando me recolhi no mesmo dia e hora, chegou o dito João Leite com grande estrondo de tiros e foi recebido do sogro com muitos mais, com a alegria do ouro que se tinha descoberto.

No dia seguinte se fez junta com todos os conselheiros sobre quem havia de ir à cidade de S. Paulo levar a amostra do ouro ao governador que era o Snr. Rodrigo Cezar de Menezes, e todos os conselheiros assentaram uniformemente que fosse o aventureiro.

Quando pronto com as cartas feitas e tudo arrumado e o ouro que devia de ir já pesado, que eram 28/8, de um dia para outro tomaram nova resolução, dizendo que não era aquilo Goiás que procuravam... Em outra parte de onde se viu ouro que me parece senão as maiores grandezas que haverá na comarca e fora dela é nas contra-vertentes do rio dos Pasmados (Rio Claro); este rio eu fui quem lhe pôs o nome, e muitos outros que não estavam nos Araés. Nasce na divisão das águas em campo limpo e por ele corre para o sul e se mete no Rio Grande e juntos vão à Colônia ou Buenos Aires.

Tem no seu nascimento uma pedra muito alta de várias cores; seu feitio é de uma galera sem mastros. Ao norte desta, rumo direito, está outra pedra no centro dos matos dos Araés — que, me parece será ainda vista e povoada de muita gente, e será rica; é uma perfeita obra da natureza, que se poderá ter por uma das maravilhas do mundo; é a tal pedra redonda tão alta como dizem da Torre de Babel; tem da parte do sul uma escada bem feita, obra da natureza, por onde se sobe e tem em cima um assento em que bem poderiam estar 20 mil soldados formados à vontade; da parte do norte nenhuma pessôa, por mais animada que seja pode olhar para baixo que não tema, porque não alcança com a vista o fundo: corre de leste a oeste uma serra tão alta que parece vai às nuvens e que parece ser fiadora de muitas riquezas: eu pus-lhe o nome de *Serra Escalvada.* Entre esta torre e a serra será uma distância de 15 a 20 léguas. Olhando-se mais ao longe, de cima da torre, vê-se no abismo do fundão uma planície de mato, que toma toda esta distância e pelo meio se vê sinal de correrem dois rios ou ribeirões, tudo faz barra nos *Araés,* onde estão 14 pilões e uma tapera antiga que foi do cunhado do Anhanguéra, Manoel Pereira Calhamaro, que quando andava ao gentio aí fazia escala, por ter roça e ajuntava o gentio para ir para S. Paulo. Neste lugar eu só estive com dois soldados, e Antonio Ferraz, sobrinho do cabo; este me pediu fizesse um sermão a seu tio, para que arribasse, e eu nesse dia não estava com vontade de pregar, porque estava bem cheio de fome, mas tanto me pediu e rogou, que eu fiz o sermão, que foi o último que me ia custando a vida, sendo que os mais sermões deram vida a muita gente, porque vendo meus companheiros cada dia morrerem 3 ou 4 de fome, depois de terem comido todos os cachorros, e alguns cavalos, principiei a pregar e fiz 35 sermões sem mudar de tema, animando a todos que não esmorecessem, certificando-lhes para adiante rios de muita caça, mel e gavirobas. Perguntavam os miseráveis: quando? Respondia-lhes: nestes dias; e nestes permitiu Deus que chegassemos, e tudo se achou certo.

Com esta cessaram as mortes e não morreu mais ninguém, e mal de muitos, se não fora o pregador. Neste lugar da tapera, onde se acham os 14 pilões, é o legítimo rio Araés, onde fazem barra os ribeirões que se vêem da Torre de Babel. Neste mesmo rio, disse o Anhanguéra ao seu irmão Simão Bueno, que era aonde seu cunhado Calhamaro tinha achado numa parede de pedra alta os martírios de Cristo, e outros homens que estavam com ele, que todos ouviram. E este é o legítimo rio dos *Pilões,* mas seu nome próprio é *Araés;* eu só nisso posso falar e depois de Deus me favorecer tanto.

Servi de piloto e pensei no leme e logo andou a nau a caminho, e foi Deus servido levar-nos a estes rios, e eu ser vivo para deles dar notícias. Corre para o norte e faz barra num ribeirão que vem da Serra Escalvada, onde eu pus uma cruz grande por ordem do cabo, para posse da Comarca e pertence a esta pela repartição que depois fiz com as provedorias, por ordem de Martinho de Mendonça, em 1739, que abri um caminho dos gerais para estas minas, são terras que medeiam com a comarca de Cuiabá. E parece-me, sem ser profeta que neste lugar haverá uma populosa cidade e muito rica, intitulada os Martírios.

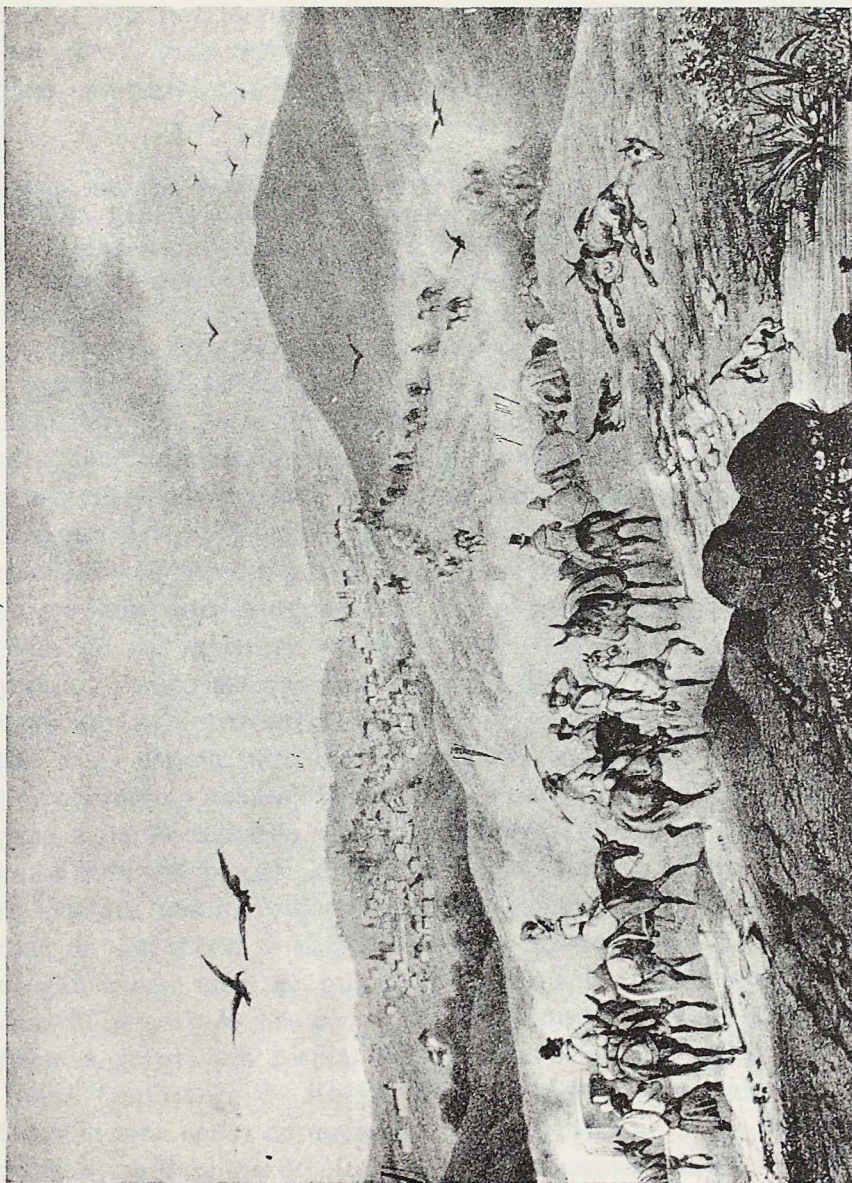
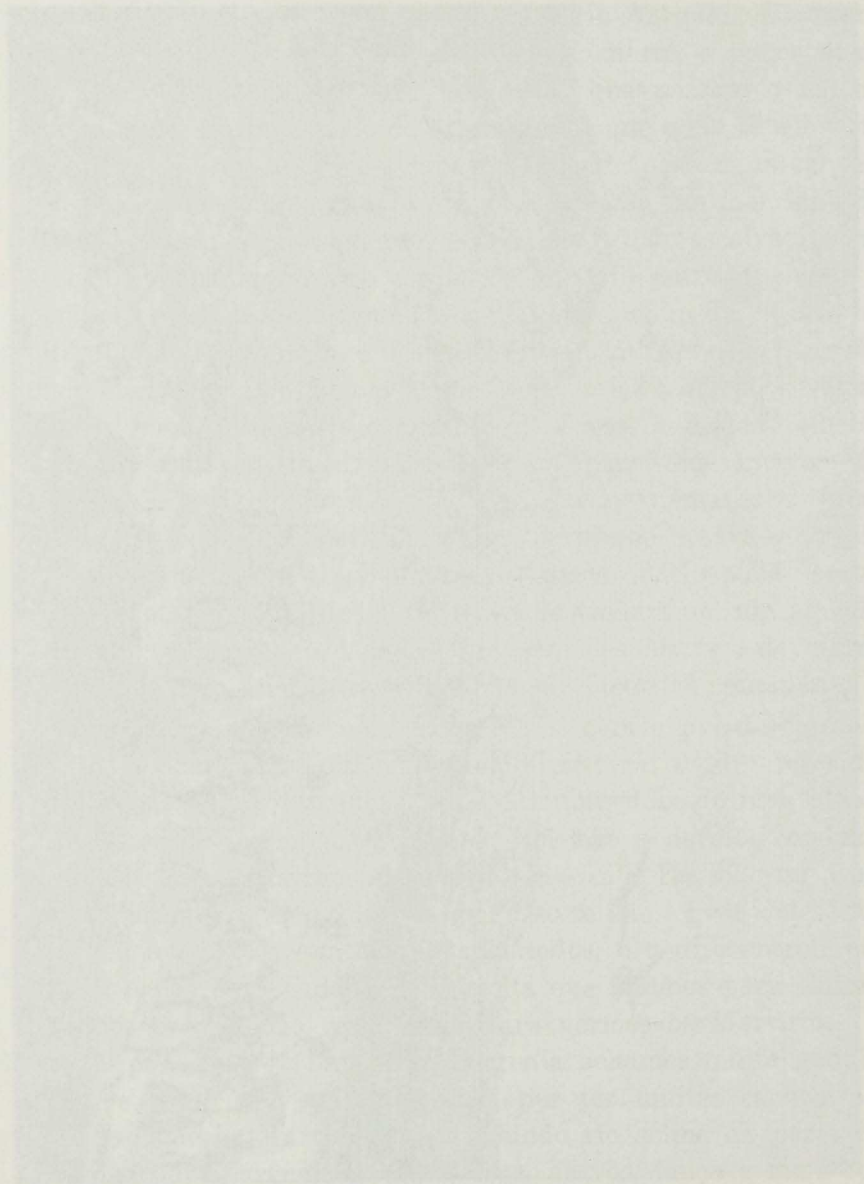
Na nota n. 19 aponto o *Roteiro* dado pelo capitão-mor de Cuiabá António Pires de Campos ao capitão-mor Luiz Rodrigues Vilares, para a descoberta das terras dos índios *Araés.* Esta peça é mui curiosa, e por isso a apresento como a transcreveu o erudito autor das *Memórias Goianas,* e como eu também a consegui, por favor do muito reverendo Manoel da Silva Alves, vigário da vara e igreja de Trairas.

A primeira está mutilada talvez por incúria do copista; a última é muito mais interessante.

"Depois de subir o morro de S. Jerônimo seguiram ao nascente até o Rio da Casca, e daí seguiram ao norte, e o maior rio que acharem desceram em canoas por ser a marcha mais breve; e qualquer rio que encaminhe a sua corrente para o nascente dá no Araguaia, que é grande: desçam por ele abaixo, que nele

se metem muitos rios e riachos configurados por terem ouro, que vertem de serras muito grandes. O rio Araguaia faz barra no Paraupéba que corre do sul quase ao norte, e pouco abaixo desta barra tem grandes pedrarias, que passam o rio de uma a outra parte, e visto de longe parece que o rio se subverte por baixo, porém tem bons canais, por onde passam as canoas. Seguindo pelo mesmo abaixo até onde se acha um morrinho de Taguá, para a parte esquerda, ao pé do rio todo escalvado, com trabalho subiram por ele arriba, e olhando entre o poente e norte, se avistaram uns morros azuis, que distam daqui sete ou oito dias de sertanistas, e nestes chegaram à Tapera dos *Araés,* onde chegamos com meu pai, que Deus haja, e achamos várias cunhas com folhetas pelo pescoço e braços, e destas folhetas mandou meu pai fazer um resplandor para uma imagem de vulto de Nossa Senhora do Rosário, que na nossa casa tínhamos, e também uma corôa do mesmo ouro, que pesava quarenta e tantas oitavas, para a Senhora do Carmo do Hospício de Itu. E perguntando aos ditos índios a onde tinham achado aquelas folhetas, respondeu o cacique, que naqueles morros, depois de chover. E isto foi o que ouvi, e não são histórias contadas.

Na volta que fizemos, encontramos com o pai do capitão-mor Bartolomeu Bueno, e ouvindo a meu pai todo o referido, foi nas mesmas vizinhanças onde tínhamos deixado uma aldeia de gentios da mesma nação *Araés,* por não podermos conduzir duas aldeias, por serem numerosas; e o dito Bartolomeu Bueno aleivosamente os conduziu e por isso se não logrou deles, que lhe deu a peste, e quase acabaram todos, e o dito entrou por Goiás, e nós para Cuiabá; e na volta que fizemos para Cuiabá subimos todos o rio, para cima para vermos os Martírios.

E por cima da barra do Araguaia achamos muita gentilidade, e o rio com má navegação, por ter muitas cachoeiras; e onde estão os Martírios, fica subindo rio acima da parte esquerda com aparência de galo, cruz, cravos, lança e mais coisas; e é dificultosa esta navegação até subir a ponta da ilha dos *Carajás;* e na ponta de riba fica um rio à mão direita, que

TROPA DE NEGOCIANTES A CAMINHO DO TEJUCO — (RUGENDAS)

é o Rio Mortes, pelo qual subimos até as cabeceiras, e depois saimos por terra, e pusemos vinte e tantos dias à vila do Cuiabá. E tudo isto que digo afirmo com a verdade que costumo, e jurarei aos Santos Evangelhos se necessário for.

Roteiro que deu o capitão-mor Antonio Pires de Campos ao capitão-mor Luiz Rodrigues Vilares, procurador do povo da Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá, para o descobrimento de grandes haveres para as aldeias dos gentios Araés, o seguinte:

"Depois de subir o morro de S. Jerônimo seguiram para o nascente até ao rio da Casca, e daí seguiram o norte, e no maior rio que se achar farão canoas, e por ele descerão, por ser a marcha mais breve; e qualquer rio que se encontrar para o nascente, sua corrente dá no rio Araguaes, que é grande; e desceram por ele abaixo, que nele se metem muitos rios e riachos bem afigurados por ter ouro, e vertem de serras mui altas; e este dito Araguaes faz barra no rio Paraúpeba, que corre do sul quase ao norte; e pouco baixo desta barra tem grandes pedrarias, que passam o rio de uma á outra parte, e visto de longe parece que se subverte o rio por baixo, porém tem bons canais para andar e passar as canoas; e seguindo por ele mesmo abaixo até aonde se achar um morrinho de tauá, para a parte esquerda, ao pé do rio todo descalvado, com trabalho subiram por ele arriba, e olhando entre o poente e norte se avistara uns morrinhos azuis, que distam daqui sete ou oito dias de sertanista, e nestes achara a tapéra dos *Araés,* aonde chegamos com meu pai, que Deus haja, e achamos várias cunhãs com folhetas pelo pescoço e braços; e destas folhetas mandou fazer meu pai um resplandor para uma imagem de vulto de Nossa Lembrança do Rosário, que em nossa capa tínhamos, e também uma coroa do mesmo ouro que pesava quarenta oitavas, para Nossa Senhora do Monte Carmo do hospício da vila de Itú; e perguntando aos ditos índios aonde tinham achado aquelas folhetas, respondeu o cacique dizendo: por aqueles morros, de-

pois de chover; e isto foi o que eu ví, e não são histórias contadas; e na volta que fizemos, encontramos com o pai do capitão-mor Bartolomeu Bueno da Silva, *e na mesma companhia ia seu irmão Simão Bueno, que seria pouco mais ou menos da minha idade,* e ouvindo a meu pai todo o referido, foi na mesma vizinhança aonde tínhamos deixado uma aldeia de gentios da mesma nação *Araés,* por não podermos conduzir duas aldeias por serem numerosas; e o dito Bartolomeu Bueno aleivosamente os conduziu, e por essa razão se não logrou deles, que lhe deu a peste, e quase acabaram todos; e o dito entrou para Goiás, e nós pelo Cuiabá *na era de 1746,* e na volta que fizemos para o Cuiabá subimos todos do rio para cima para vermos os Martírios, e por cima da barra do Araguaes achamos muita gentilidade, e o rio com má navegação por ter muitas cachoeiras; e onde está o Martírio é o *rio muito afunilado com pedrarias de parte a parte;* e o dito Martírio fica subindo rio acima, da parte esquerda, com aparências de galo, cruz, coroa, lança e mais coisas; e é dificultosa esta navegação até subir à ponta da ilha dos *Carajás,* e na ponta de riba fica um rio, à mão direita, que é o Rio das Mortes, pelo qual subimos até as cabeceiras, depois saimos por terra, e pusemos vinte e tantos dias à vila de Cuiabá; e tudo isto que digo, afirmo com verdade e jurarei aos livros dos Santos Evangelhos, se necessário for. —

Antonio Pires de Campos Bueno.

DEMONSTRAÇÃO

Dos diversos caminhos de que os moradores de São Paulo se servem para os Rios Cuiabá e Província de Cochiponé.

A Cidade de São Paulo à V.ª de Parnaíba e um dia de viagem a cavalo: gente com carga gasta dois dias de Parnaíba à V.ª de Itu: o Rio Tietê é quase todo impraticável para navegação por ser pedra continuada; e só até Maroyri se pode navegar de São Paulo, o que não é demasiada conveniência por ser perto.

A a V.ª de Itu junto ao seu alto Cachoeira (sic) se fez ponto das canoas: daqui partem as frotas para o sertão, e navegando pelo Rio Tietê abaixo aí e a duas horas depois do meio dia; gastam vinte dias até chegar ao Rio Grande; em duas passagens tem salto; e por causa dele tiram as canoas em terra, por cima de estaleiros, para, digo as arrastam, para passar o salto, e em outras duas partes levam as Canoas descarregadas a sirga, até passar certos canais e pedras. Outros que são temerários, arriscam-se às vezes, perdem tudo; necessita esta navegação de Pilotos práticos; e têm algum trabalho.

Os moradores dêste Rio de Sorocaba, descem por esse Rio abaixo, até entrar no Rio Tietê, e fazem a mesma viagem.

Tanto que entram no Rio Grande, como este Rio recolha em si todos os Rios, assim os que vão desta nossa costa do mar, como os que vêm de parte interior do Sertão, os Paulistas para as suas entradas tomam os braços aos rios conforme os Sertões ou Nação, que querem conquistar e muitas vezes para o mesmo Sertão uns tomam um Rio mais abaixo, outros outro mais acima. Assim sucedeu com Cuiabá, como já digo.

Entrando no Rio grande navegam alguns por ele abaixo seis dias; os quais acabados, acham à mão direita a barra do Rio Pardo. Entram por ele de cima com a proa ao Nordeste e navegam por tempo de quinze dias: estes acabados lançam as canoas em terra, porque já não se pode navegar, fazem plantas de mantimentos os que querem. Daí caminham por terra a qual tem muito pouco mato, em alguns Caponetes nesse Caminho, os que não querem servir-se mais de canoas, para por outros Rios chegar a Cuiabá, vão caminhando por tempo de 25 dias ou mês, chegam a Cuiabá mas os que não querem ter o trabalho de carregarem por terra tanto tempo as cargas encostam-se a alguns Rios, em cujas cabeceiras fazem canoas, nas quais navegando por este, ou por aquele Rio, vão a vários portos, ou paragens que já pertencem às Regiões do grande Rio Paraguai, e para melhor inteligência disto, deve-se saber que o mesmo Rio Cuiabá tem vários nomes, conforme os braços de rios menores, de que se forma: um chama-se Itibira, entre Piauí. E que com breve distância se ajuntam, e juntos já vão entrar em outro maior chamado Pikirí, e este vai entrar no Rio dos Porrudos que foi nação do gentio o daquele lugar; este Rio dos Porrudos entra no Rio Cuiabá, e êste no Paraguai. Pelo que do porto do Rio Pardo aonde ficaram as canoas que sairam de Itú, uns Paulistas caminham logo direito ao Cuiabá, outros vão em menos distância, viagem seguinte dias fazer canoas nas Ribeiras do Itikira, Piauí, Pitikirí e pelos tais dias abaixo por espaço de cinco, ou seis dias estão no Cuiabá, e por ser o lugar das Minas, não têm mais que navegar.

Outros Paulistas do Porto do Rio Pardo acima, inclinando à mão esquerda vão a dar no Rio Tacoarí abaixo, por tempo de oito dias entram no Rio Paraguai; subindo logo por este acima ao fim de dez dias acham a barra do Rio Cuiabá, a que alguns neste lugar chamam tão bem dos Porrudos.

Nesta barra e o lugar aonde hoje os Mineiros têm as plantas dos mantimentos, e daquí as levam em Canoas às Minas novas. Quem vai a Tacoarí acha Pantanais, mas quem vai no

Rio Pardo ao Itibira, Pirajuí, Pikirí vai por caminho enxuto e livre dos Castelhanos, e do gentio cavaleiro Guaicurú, que é hoje o maior perigo, que receiam os Paulistas, que inclinam nessa jornada mais para a mão esquerda, e Pantanais de Paraguai.

Outros Paulistas que não se querem servir do Rio Pardo, deixam a barra deste à mão direita e navegando pelo Rio grande mais abaixo por tempo de quatro ou cinco dias entram no Ivinheyma por um braço ou esteiro chamado Anhanguepí; porque o tal Rio Ivinheyma entra no Rio grande dividido em dez braços, que de uma lagoa correm por diversas partes; navegando pois pelo Rio Ivinheyma de cima entrasse em um braço chamado Iaguarí, com dezoito dias se chega ao lugar, aonde deixam as canoas, e tão bem alguns fazem plantas.

Esse Rio Ivinheyma corta dos campos da Vacaria, povoação antiga dos Castelhanos; aonde vão algumas vezes de Paraguai com Cavalaria: desse porto, aonde ficam as canoas no Rio Jaguarí caminham os Paulistas por terra por espaço de oito dias, e chegam às cabeceiras do Rio Boteteí, aonde fazem suas canoas nas quais em doze dias chegam ao Rio Paraguai; e subindo por esse acima por espaço de três dias, chegam à barra do Rio Tacoarí, de que acima já falamos: esse Rio Boteteí entra no Rio Paraguai por dois braços: esse caminho é mais arriscado de encontrar os Índios Guaicusús.

Outros Paulistas fazem a navegação do Rio grande mais pequena, porque saindo do Rio Tietê, navegando só dois dias abaixo, entram pela barra do Rio Verde, pelo qual sobem por espaço de dez ou doze dias, até um salto do mesmo Rio, aonde deixam as Canoas; e daí tomando por terra por caminho de 25 dias, vão andar no porto do Rio Pikirí, de que já acima dissemos.

Outros Paulistas não entrando pela barra do Rio Verde descem mais abaixo dois dias de viagem; e entram por outro Rio chamado Ipitanga: pelo qual tão bem em dez dias, e dei-

xando as Canoas, fazem a mesma viagem, que fizeram os que entraram pelo Rio Verde.

Esses caminhos são parte de navegação, parte de viagem por terra, por onde se vai às Províncias de Paraguai e Cachiponé correndo ao Norte pelas terras dos Parans acham-se nas cabeceiras dos Rios de Paraiba, a que os moradores do Maranhão chamam Rio dos Tocantins do Grão Pará.

Outros Paulistas, que não tratam deste Sertão de Paraguai, tanto que sairam do Rio Tietê, virão pelo Rio grande acima, e logo acham o grande Rio Parnaiba, o qual Rio faz cabeceira com o Rio de S. Francisco mas assim este Rio Parnaiba como o Rio Grande nestas partes são violentíssimos nas suas correntezas, tem contínuas cachoeiras, matas muito grossas, povoadas ainda de muitas nações de gentio, muito ferozes que vivem vagos sem domicílio e por esta razão nunca deles se faz caso.

Visto o caminho ordinário e viagem, que fazem os Paulistas, direi o caminho, que alguns dizem-se poder fazer todo por terra de S. Paulo para o Cuiabá, do que se representa mais fácil e de Itu caminhar para o Rio Pirachicaba (sic) aberto caminho pelo mato da outra parte.

Em quatro dias se pode chegar ao Campo de Aracoarara, daí ao Nordeste levando a mão esquerda a mata do Rio Tietê, chegasse ao Rio grande, julgam alguns será caminho de um mês; mas outros julgam que feito o caminho e abatidos os pastos, que são altos com o fogo, em menos dias se fará esta viagem.

Passado o Rio grande, brevemente se chega ao Ribeirão chamado Guacurí; e daí tão bem em breves jornadas se acha o Rio Verde, e caminhando pela margem do Rio Verde acima alguns dias de viagem, chegasse a Cachoeira lugar, aonde já acima dissemos ficam as canoas, que entram pelo Rio Verde; passando o Rio Verde, chegasse, digo, seguisse a mesma viagem que acima dissemos, dos que entraram pelo Rio Pardo, e do Rio Pardo caminham por terra ao Cuiabá.

De Itu ao Rio grande não se encontram facilmente os Caiepós, a que por outro nome chamam Bilreiros, porque com dificuldades passam ao Rio grande, senão que já em alguma ocasião passaram, e chegaram tão perto de S. Paulo, que tocaram o sino da Igreja de Jundiaí, com cujo som aterrados fugiram.

Mas passado o Rio grande até o Rio Verde, será necessário nos Mineiros grande vigilância porque os assaltos dos Caiepós hão de ser contínuos.

Para se entender o que acima fica dito é necessário saber que nessa nossa América há muitos Rios do mesmo nome. Os Castelhanos de Paraguai chamam Paranan ao Rio principal, que compõe o Rio de Buenos Aires, e é o que nasce nas nossas Minas Gerais, e recebe em si, o Rio das Mortes, e outros inumeráveis Rios: a este Paranan chamamos o Rio grande, que por ter margens altas nunca espraia como o de Paraguai: por isso ainda que esse Rio grande é muito largo, é muito furioso por essa causa e das doenças, que se experimentam, quando enche não o navegam os Paulistas, se não de junco por liame. Tão bem os que seguirem o caminho da terra (caso que se faça) com dificuldade acham de passar no tempo das cheias. Tão bem se chama o Rio grande outro rio, que nasce nos currais de Curitiba; e correndo para o sertão vai unir-se com o do Rio grande abaixo de sete correntes onde estão algumas Aldeias dos Religiosos da Comp.ª da Prov.ª de Paraguai.

Tão bem se chama Rio grande, o que nasce nas terras próximas do mar ad. da Laguna, o não Penetra a sua nascença ao sertão mais formado de vários braços, se é o mar ad. da Laguna com o nome de Rio grande de São Pedro. Há outro Rio grande junto ao porto seguro, e outro adiante da Paraíba do Norte.

Vistos os caminhos que usam os Paulistas que se podem usar poderá perguntar algum se pode penetrar ao Cachiponé por outros Rios ou Caminhos.

Ao que respondo, que pelo Rio de S. Pedro ad. e de Laguna, ou pela mesma Laguna é o tal caminho impraticável. O

tal Sertão só foi visto dos Paulistas na conquista da nação dos Patos e dos Religiosos da Companhia do Brasil da redução dos Patos e Carejós. Os Religiosos da Companhia da Província de Paraguai vão de Buenos Aires pelo rio acima, em suas embarcações e entram pelo Rio Paraguai acima, e pelos braços destes visitam as muitas missões que têm naquelas Províncias: isto viram com os seus olhos Paschoal Moreira e outros seus companheiros primeiros descobridores do ouro de Cachiponé, porque estando na barra do Rio Boreteí, passaram os Padres com Bagantim, e lhes ofereceram mantimentos de que necessitavam; e se os nossos Portugueses de Colônia se quisessem servir desta navegação, necessariamente encontram inumeráveis Aldeias de índios, e povoações de Castelhanos.

A última mais melhor navegação, que se pode oferecer para as montanhas de Cachiponé é do Grão Pará para sair pelo Rio dos Tocantins, o qual é muito manso, espraia, e tão bem tem arroz natural como têm os Rios de Paraguai; por este Rio dos Tocantins a que os Paulistas chamam Paraipabá, navegasse até a morrariada do Cachiponé, onde tem o tal rio a sua fonte, formando-se da mesma Visraria (?) da outra parte do Rio Cuiabá, e outros, que são fontes do Paraguai. O Sertão destas novas Minas é estéril de mantimentos. Porque tem os matos onde se planta longe, mas suavisasse, sendo a serventia de Canoas. Está o tal Sertão também rodeado de bastantes nações de índios; e em pouca distância e uma grande aldeia, a qual esperam os Paulistas agora mais para esta empresa, com que está, por nela fazerem uma habitação, por ser o lugar mais Cômodo aos Mineiros.

Explicada a ida, e estada de Cachiponé, resta dizer a volta para São Paulo, na qual também há alguma dificuldade, e diversidade de romper a correnteza do Rio Grande, e ao depois a do Rio Tietê, por esta razão alguns, tanto que chegam de volta ao Rio grande, tomam a barra do Rio Panapanema, que é grande, e nasce na costa do mar; e sobem por ele acima, até o Salto chamado Paranan Itú.

Aí deixam as canoas, depois de quatorze dias de navegação, do Salto do Paranan Itu, por mato caminham seis dias; estes acabados, caminha-se por Campo até os matos de Botucatú sete dias de viagem: daí a Sorocaba oito dias de viagem.

Alguns Paulistas passam por terras as canoas no Salto de Paranurú, e saindo mais acima o Rio Parnampanema, podem vir a sair na fazenda nova do D^{o}. R^{or} do Colégio de S. Paulo, que aí fundou; donde para Sorocaba, é o mesmo caminho de Botucatú.

ROTEIRO PARA OS MARTÍRIOS, INDO EM CANOA PELO RIBEIRÃO DE GOIÁS

Descendo pelo dito ribeirão em canoa, se dará em rio largo, e indo por ele se avistará uma grande ilha, quase já no alojamento dos Caraiahiras. O ribeirão, que se achar à mão esquerda, avistando-se a ilha, se tomará por ele acima até onde puderem chegar as canoas, e daí se tomará a parte direita para o lado dos Caraiahiras, e se avistará a parte dos morros, para o qual se caminhará, e dobrando o primeiro morro, se buscará no segundo, terceiro, quarto e quinto, até o décimo morro, a paragem dos martírios, que é em um destes morros, que têm admiráveis vistas, e nesta parte, com o favor de Deus, se acharam muitos haveres. Porém, para esta viagem se irá depois de Páscoa, pela razão das vargens que há, que são malígnas, e há gentio que é preciso andar com cautela. Este roteiro me deu o coronel Bartolomeu Bueno da Silva, que ficou de seu tio Simão Bueno da Silva, e de seu pai Bartolomeu Bueno Anhanguéra, e me não custou poucas rogativas para lh'o apanhar, que mo deu pelo interesse de uma causa que lhe patrocinei na cidade de S. Paulo.

NOTÍCIAS DE ANTONIO PIRES DE CAMPOS, DADAS POR ANTONIO DO PRADO SIQUEIRA NO ANO DE 1769

Notícias que me participou muitas vezes Àntonio Pires de Campos, o velho, da paragem chamada — Martírios —, cujo nome indaguei, querendo saber a sua etimologia: explicou-me ele que na serra ou pedernais de cristais, que do meio dela se emparedam até o alto, tinha por obra da natureza umas semelhanças da Coroa, lança e cravos da paixão de Jesus Cristo, mas tudo tosco; por esta razão apelidaram a dita serra com o nome — Martírio — à qual paragem fora ele dito Antonio Pires, sendo de idade de quatorze anos, com seu pai Manoel de Campos, que era o cabo que governava a tropa de sessenta homens armados, que iam nesta bandeira a conquistar o gentio daquele distrito, chamado — Serranos —, que habitam pelas margens da dita serra, a qual tinha a sua vereda do nascente para o poente, e tão elevada na altura, que se fazia incomparável, à vista das mais serras que haviam em todo o sertão. Nesta mesma bandeira também andára com ele o defunto Bartolomeu Bueno, que teria a mesma idade, com seu pai, que indo depois de muitos anos descobrir ouro, que na tal paragem tinha visto, ressalvou, errando o rumo, e indo já de volta para o povoado, descobriu as minas de Goiás, nome de gentio que ali habitava.

Da cachoeira da Chapada, sítio que é hoje de Martinho de Oliveira, dizia o dito Antonio Pires, que partiram, seguindo o rumo dentre o norte e noroeste, levando o nascente do sol pelo lado direito, e o poente no esquerdo, fazendo marchas tão somente de metade do dia, para no mais tempo que sobrasse, buscar a vida, matando caças, e tirando mel silvestre, que era o sustento comum de todos os sertanistas; e marchando assim

ao cabo de oito dias, deram com um rio, que fazia sua corrente para o norte, o qual era de cor do leite suas águas, com muitos botos do mar salgado, a que chamaram — Paranatinga, que vertido em nosso idioma vem a dizer, mar branco. E fazendo êles canoas passaram o dito rio, seguindo mesmo rumo, chegaram ao pé da sobredita serra, achando outro rio largo que acompanhava esta serrania, e vendo a fúria e desembaraço com que o gentio os desafiava, fizeram uma trincheira de madeira grossa ao pé deste rio, não tendo mais saida que para a parte do mesmo rio, dentro da qual se aquartelaram, o que não teve efeito; e como este rio no tempo sêco mingua as suas águas, ficando somente algumas poças, daí veio o chamarem-lhe — Paráupáva, que quer dizer, mar cortado. Neste dito rio como moços êles iam brincar, apanhando às mãos granitos de ouro, que levaram a ofertar às suas parentas e obrigações em povoado, por lhes parecer bem a cor daquele metal, cujo valor ignoravam naquele tempo; e por prenda a Nossa Senhora da Penha da cidade de S. Paulo, lhe puseram no braço umas dessas folhetas com o peso de treze oitavas, que a pouco tempo se desfez para um resplendor do Menino Deus; e passados muitos anos, se descobriram as Minas Gerais, e se começou a dar valor a ouro. Dizia mais o dito Antonio Pires, que para esta conquista se não podia entrar com menos de cem armas de fogo, pois o gentio é terrível, se sustentam de carne humana doutras nações que apanham. Também disse o dito defunto, que nestas minas não podia permanecer descoberto algum, por falta de disposições de terras minerais, e só neste lugar tinha visto capacidade igual às que vira, e experimentára naquele terreno de Minas Gerais, que tudo tinha sulcado e visto, e que por se achar com noventa anos de idade, o não ia descobrir. É quanto posso testemunhar de ouvido ao sobredito defunto Antonio Pires, que faleceu haverá vinte anos, sendo meu vizinho muitos anos; e por verdade assino esta, jurando em minha alma, quanto aqui se acha dito. Vila do Cuiabá, em 27 de agosto de 1769. — *Antonio do Prado Siqueira.*

NOTÍCIAS DAS MINAS DOS MARTÍRIOS, OFERECIDAS AO GOVERNADOR E CAPITÃO GENERAL LUIZ D'ALBUQUERQUE DE MELLO PEREIRA E CÁCERES, POR JOÃO LEME DO PRADO

Andando antigamente Bartholomeu Bueno da Silva no sertão para o rumo entre poente e norte, achara o riacho chamado — Paráupava —, e em seus barrancos muito ouro, que sem instrumento de o extrair, apanharam às mãos umas poucas de oitavas, entre as quais foi uma folheta, que puseram na mão de Nossa Senhora da Penha, em S. Paulo. Estes homens, mais cobiçosos do gentio, do que de ouro, não fizeram dele a estimação que hoje se faz; ainda que houve algum como o coronel Antonio Pires de Campos, que também lá andou, e dizia que por estarem faltos de pólvora e ferramenta, e cheios de gentio, não tiveram outro remédio, que recolherem-se para S. Paulo, como fizeram, com o projeto de tomarem, aprestados. Chegados que foram à dita cidade de S. Paulo, que as Minas Gerais de novo se freqüentavam com muita grandeza, que os obrigou a passarem-se para elas, esquecendo-se do que em outro tempo tinham visto, e assentado de obrar; e como nem todos que se metem em minas acham o cabedal que procuram, saindo muitas vezes mais necessitados, como aconteceu ao dito Bueno, que se viu tão pobre, como nunca esteve, e com nove filhas para casar, com cuja necessidade se lembrou do que tinha visto no dito Paráupava. Pelo que ofereceu esta conquista ao Sr. General de S. Paulo, e logo tomou à mão a empresa, e dando-lhe todo o socorro necessário, também o fez capitão-mor regente, e guarda-mor geral do seu descoberto.

Marchou pois o dito Bueno animado deste calor; mas como já nesse tempo estava descoberto este Cuiabá, e era o caminho por onde ele devia entrar como da primeira vez, temeu pela distância que vai de S. Paulo ao Cuiabá, se desanimassem os soldados e desertassem para o mesmo Cuiabá. Procurou rumo diferente, dando grande volta pelos sertões de Goiás; e como haviam já bastantes anos, estava alguma coisa esquecido, ainda tomando a referida volta, não pôde no decurso de três anos topar com a paragem procurada, ou para melhor dizer, não foi Deus servido. Nesta diligência fez experiência no ribeirão de Goiás, achou e descobriu aquelas minas, que hoje existem; e como já se achava muito velho só cuidava em instar a várias pessoas, que procurassem a dita paragem dos Martírios. E com efeito se animou o coronel Amaro Leite a meter-se no sertão, com trezentos homens; com como era a entrada por Goiás, sempre a rumo foi diferente, pelo que apenas puderam chegar aonde hoje é denominado — Araes —, e me persuado de que o mesmo há de acontecer às expedições que proximamente me dizem fizera o governo de Goiás.

O certo para se descobrir e entrar no dito Paraupáva, como dizia o dito capitão-mor regente Bartholomeu Bueno, e o coronel Antonio Pires, é entrar pelo Cuiabá, procurando levar rumo entre norte e poente, levando o sertão dos Bacaris à direita, e passando pelo sertão dos Aguitis, e marchando a rumo direito procurar o gentio chamado — Mamberiára — da língua geral, como que já tive fala, e também visto parte dessa campanha, que acho muito suficiente para outras Minas Gerais. É isto o que pode informar a V. Ex. o seu mais humilde súdito. — *João Leme do Prado.*

Notícias Práticas da Costa e Povoações do Mar do Sul

NOTÍCIA — 1.ª PRÁTICA

E resposta que deu o Sargento-mor da Praça de Santos, Manoel Gonçalves de Aguiar, às perguntas que lhe fez o Governador e Capitão General da Cidade do Rio de Janeiro, e Capitanias do Sul, Antonio de Brito e Menezes, sobre a costa e povoações do mesmo mar.

1.ª PERGUNTA: Se a entrada da Ilha de Santa Catarina é facil a toda a casta de navios, ou se necessita de monção alguma, assim de ventos, como de correntes de águas?

Resposta: — Digo que a dita entrada da Ilha de Santa Catarina é sim fácil a toda a casta de embarcação, mas não tanto, que possam estas passar da Ilha de Ratonez, onde costumavam dar fundo os navios Franceses, que iam e vinham do mar do sul em tempo, que tínhamos guerras com eles, como ainda agora o estão também fazendo, uns a refrescar-se, e fazerem aguada, e lenha, e outros a esperarem o tempo das monções chegando ali antes, ou depois delas; porque dos Ratonez até a Povoação só podem entrar Sumacas, ou Patachos pequenos, que demandem pouca água, porque em partes tem somente duas braças de fundo, o que se entende entrando os ditos navios, pela barra do Norte, que entrando pela do Sul só Sumacas grandes, ou Patachos pequenos podem chegar à Povoação, saindo por uma barra e entrando por outra, tudo por dentro da Ilha e terra firme.

Também na barra do Sul costumam dar fundo os Franceses entre uma Ilha que fica na boca da mesma barra, e a Ponta da terra firme, onde puseram um marco ou padrão que ainda hoje existe sobre a dita Ponta das Pedras, e aí faziam aguada, e lenha, mas com não pouco risco de darem à costa, entrando qualquer vento Sueste ou Sul. Para se buscar esta Ilha não se necessita de monção, e menos o esperar marés, mas com todo o tempo se navega para ela por fazer um como cabo desta Costa do Sul.

Sem embargo de que revirando os ventos Sues no seu tempo dará detrimento a se alcançar.

2.ª Pergunta: — Se os navios que estão ancorados no Pôrto da Ilha estão seguros de todos os ventos, e de todo o mar?

Resposta: — Respondo, que os navios na Ilha, e porto dos Ratonez estão seguros dos ventos tendo boas amarras, e do mar muito melhor, por estarem entre a terra firme, e a Ilha onde somente há mar quando venta. É verdade que no Porto da Povoação têm as Sumacas e Patachos, que nele estão muito mais abrigo, assim dos ventos, como do mar.

3.ª Pergunta: — Se há abundância de peixe, e se tem capacidade para se fazerem nela pescarias de Baleias?

Resposta: — Não há dúvida, que há na dita Ilha bastante peixe para os moradores que nela moram, e tanto que fazem suas secas; que carregam as Sumacas, que ali vão para negócio, mas se se povoarem com bastante gente, terão o preciso para o sustento, que para secas só as poderão fazer no tempo do piraquê. No que respeita à pescaria das baleias, respondo, que não tem a dita Ilha capacidade alguma para isso; porque pelos baixos que tem não entram baleias nela. Só no Rio de S. Francisco se poderá fazer uma boa pescaria, e melhor,

o mais suave que a do Rio de Janeiro. A mesma se pode fazer em Santos com não menos comodidade.

4.ª Pergunta: — Se a Ilha é sadia, se tem bons ares, e boas águas?

Resposta: — É sem questão, que de todas as terras, que há povoadas nesta costa, é esta a Ilha a melhor, e a mais sadia, e com as melhores, e mais saudáveis águas, e com os ares semelhantes aos de Portugal, assim na Ilha, como na sua terra firme.

5.ª Pergunta: — Se a terra é montuosa, ou campina das a que chamam Massapé?

Resposta: — Digo que a terra da Ilha é toda Lavradia, tem algumas campinas, e os montes, e serras que tem se lavra ao pé delas; não é massapé, mas é uma terra de areia grossa que sempre está fresca, e por isso produzem nelas todos os mantimentos por ser a mais dela com pedregulho miudo.

6.ª Pergunta: — Se do tempo em que foi povoada lhe ficou algum gado, que moradores tem, e se farão mais em outros tempos, que frutos dá, e de que se sustentam seus moradores?

Resposta: — Não há dúvida, que do princípio que foi povoada esta Ilha até o presente, sempre teve moradores, e o gado sempre o conservarão, ou pouco ou muito antes que França tivesse guerra conosco havia mais do que hoje tem por os seus corsários lhe mataram quase todo em um campo chamado Araçatuba, que fica na barra do Sul na terra firme.

Este gado teve o seu princípio na Ilha, pelo levar a ela da Vila de Curitiba um morador da mesma Ilha: passando-o em balsas pela mesma costa do mar. Os moradores que atualmente tem não passam de vinte e dois casais. Dá todos os

frutos do Brasil, e também os da Europa, como trigo, uvas, e figos. O de que por ora se sustentam é mandioca em farinha, milho, feijão, fumo, e peixe.

7.ª Pergunta: — Se a Ilha pela parte do mar tem algum desembarcadoiro, ou se a terra é em alguma parte baixa com capacidade para ele?

Resposta: — Em toda a Ilha, assim pela parte do mar, como pela da terra há várias enseadas com suas praias de areias, onde se pode facilmente desembarcar, e nas mais das ditas paragens tem terra rasa, sem embargo de que pela parte do mar, sendo o tempo ruim, não se desembarcará sem perigo, principalmente não sendo prático.

8.ª Pergunta: — Se a Ilha da Galé tem porto em alguma parte, água, e lenha?

Resposta: — A Ilha da Galé é rocha toda do feitio, e forma de uma Galé que lhe dá o nome e assim não tem porto algum, água, ou lenha.

9.ª Pergunta: — Se a Ilha do Arvoredo, que também aí fica tem algumas das ditas coisas ou propriedades?

Resposta: — A Ilha do Arvoredo, que está fronteira à da Galé, é sim maior que ela, e coberta toda de árvores; tem alguma água, mas pouca, e sem porto nenhum, por ser tudo pedras em roda.

10.ª Pergunta: — Se a terra firme fronteira à Ilha de Santa Catarina a que chamam Manduí é montuosa, coberta de mato, abundante de águas, e de bons ares?

Resposta: — A terra que fica fronteira à Ilha de Santa Catarina não se chama Manduí, mas Mariguí: esta tem seus montes não muito altos: tem vargens lavradias todas cobertas

de matos, tem abundância de águas com vários rios, e com os mesmos ares que os da Ilha por estar à vista uma da outra.

11.ª PERGUNTA: — Que coisa é a Enseada das Guaroupas, e se defronte dela, ou da Ilha da Galé, há também alguma Baía?

Resposta: — A Enseada das Guaroupas é uma enseada capaz de receber em si uma armada, e aonde pôde fazer esta água, e lenha, com boas âncoras e amarras: e de uma ilhota que tem da dita Enseada para a terra podem estar Sumacas seguras de todos os ventos amarradas com qualquer cabo: mas nem por isso é capaz de se povoar, porque as suas serras vêm ter ao mar, e assim não tem terras, mais que só praias.

De fronte da Ilha da Galé fica uma Enseada ou baía, a que chamam da Tojuca a Lès-sudoeste dela; e esta Enseada ou Baía poucas embarcações dão fundo nela, porque os Terrais são sempre ali contínuos, e com grande força, além de ter também bastantes lajes sobre aguadas.

12.ª PERGUNTA: — Se entre o Rio Tamandaré e Mandui há gentio algum, e se faz resgate? Se os campos ficam perto, e se há neles gado?

Resposta: — Em toda esta costa do mar do sul não há rio, que se chama Tamandaré, nem Manduí: só abaixo da Povoação da Laguna há un rio chamado Taramandí 30 léguas pouco mais ou menos ao sul da dita Povoação; e ao Norte deste rio está outro a que chamam Ibopetuba; e nem em um nem em outro há já gentio, nem fumo dele, e neles tudo são campos até o pé das serras com muitas e várias Lagoas.

13.ª PERGUNTA: — Se há notícia, que os càstelhanos neste sertão, ou nesta vizinhança venham buscar a Erva chamada Congonha, ou fazer alguma descoberta, de que tenham notícia os Paulistas?

Resposta: — Pelas notícias que me deram os moradores da Laguna no ano de 1716 em Janeiro que ali estive sei, que os Castelhanos, dando se proviam das congonhas era da Cidade a que chamam Paraguai, e outros lugares circunvizinhos, e principalmente das aldeias dos P. P. da Companhia Castelhanos, que todos ficam pelo rio de Buenos Aires acima e da nossa parte, e que aí faziam negócio para a levarem para a outra banda da parte do Perú; e sobre fazerem alguma descoberta não há notícia alguma.

14.ª Pergunta: — Se fazendo-se uma fortaleza na Terra firme, ou na ilha de Santa Catarina defenderá, e impedirá a entrada do seu porto a todas as embarcações?

Resposta: — Ainda que se fizessem não só uma fortaleza, mas quatro, era impossível o impedir-se a entrada de navios, e defender aquele porto, ou fossem na terra firme, ou na Ilha, principalmente na barra do Norte, que é a melhor, e a mais segura; porque os Navios dão fundo no Ratonez há de ter mais de uma légua de largo; e só na paragem onde chamam o estreito, ou na terra firme, ou na Ilha, é, que se poderá fazer uma boa fortaleza para defesa da Povoação; porque de qualquer das partes a descobre, por ser um tiro de mosquete seguro de pontaria de uma, e outra parte.

15.ª Pergunta: — Que Rios há desde a Ilha de Santa Catarina até o Pôrto ou Rio Grande da Lagoa de S. Pedro?

Resposta: — Da Ilha de Santa Catarina até a Laguna há três rios: o 1.º junto à Ilha, que chamam Ivaí, o 2.º que sai de uma Lagoa chamada Viariquira, o 3.º que é a barra da Laguna. Deste ao porto de S. Pedro há outros 3. O 1.º é o rio Araranguá, o 2.º o Ibopetuba, e o 3.º o Taramandí. Antes de chegar ao dito Porto há também uma lagoa que terá de comprido 14 ou 15 léguas pouco mais ou menos chamada Boripú, que em ocasião dáguas abre barra. Em todos estes rios não

entram nem ainda lanchas, exceto no da laguna, em que entram também Sumacas.

16.ª PERGUNTA: — Que distância do Rio Taramandí ao Pôrto de S. Pedro, que qualidade tem este Porto, se tem terras altas, ou campinas, se tem muito gado, boas águas, bons ares, e se é fértil, e habitado de gentio, que faça algum resgate?

Resposta: — Do Rio Taramandi à barra do Rio Grande, e Pôrto de S. Pedro fazem 36 léguas. As qualidades das terras, segundo as notícias, que me deram vários moradores de todas aquelas Povoações, que cruzaram estas Campanhas no tempo do Gentio, são as melhores, e as de mais fertilidade, que tem todo este Brasil, o que tudo melhor consta das certidões, que me deram Câmaras, e moradores de todas as Povoações desta costa, em duas ocasiões, que fui a elas em diligências do serviço de S. Majestade, a 1.ª por ordem de Francisco de Castro Moraes, sendo Governador, e Capitão General da Cidade do Rio de Janeiro, sobre haverem informado a S. Majestade de ser capaz a enseada das Guaroupas para nela se fundar uma cidade, — a 2.ª por mandado do Governador e Capitão General Francisco de Tavora, acerca dos mesmos particulares, e outros mais do serviço de S. Majestade que umas e outras certidões remetí aos ditos Governadores, das quais constam as conveniências que se podem ter de as povoarem S. Majestade e seus Vassalos, como também das qualidades das terras.

São as mais destas, campos, e por alguns rios tem algumas madeiras boas, e de toda a casta. O gado, que há nelas é só da outra parte do Rio chamado de Buenos Aires. Dizem-me, que indo-se por um rio dentro, a que chamam Cabopoana, por onde pode navegar a maior Sumana, ou Patacho, se vai matando da mesma embarcação o gado preciso para o sustento, e que este rio corta por toda a campanha até dar perto dos Castelhanos.

Dizem mais que as águas todas até a Barra do Rio Grande são doces, os ares os mesmos de Buenos Aires, e com muito mais vantagem a sua fertilidade, porque os veados, e mais caça é como o gado, — o peixe tanto, que póde carregar frotas, e que nos Lagamares se apanha só com cestos: são pouco habitadas de Gentio, e só ao pé da Serra, e antes de chegar a ela se vêem bastantes fumaças de Gentio bravo, mas êste não comerceia com ninguém.

17.ª Pergunta: — Se a lagoa tem mais de 12 ou 13 léguas, em que lugar fica, se tem peixe, e se é habitada de Gentio?

Resposta: — A lagoa a que hoje chamam Laguna tem 10 léguas de comprido, e fica ao Sul da Ilha de Santa Catarina 15 léguas, e é tão abundante de peixe, que todos os anos saem dela três e quatro embarcações carregadas, e poderão sair mais se houvessem nela moradores bastantes para fazerem: tem atualmente trinta casais, e a povoação, o Título de Santo Antônio da Laguna, que é Orago da Matriz. Foi o seu primeiro Povoador o Capitão-mor Domingos de Brito Peixoto, com mais alguns camaradas, e assim não há nela mais gentio algum, que o que assiste com os moradores.

18.ª Pergunta: — Se o Porto, e entrada do Rio Grande de S. Pedro é facil em todo o tempo a toda a embarcação, que altura tem de fundo e que distância de boca?

Resposta: — A entrada do Rio Grande de S. Pedro é ao presente dificultosa, por não ter agora entrado na dita barra, Sumaca alguma grande; mas será muito fácil a qualquer Sumaca ou Patacho o entrar nela se levar bom prático, e se governar pelo mapa, que agora fiz desta Costa, principalmente navegando na monção de Setembro até Janeiro do N. para o S. A altura que tem entre os bancos fora da barra são 3 braças, e obra de légua e meia ao mar tem duas braças e meia de fundo, em um banco que tem, mas não quebra nele o mar,

de sorte que tenham as embarcações perigo nele; sem embargo de que eu falei nesta Vila de Santos com um Inglês, e me disse haveria 8 anos, pouco mais ou menos entrara no dito Rio Grande com uma fragatinha corrido do tempo, vindo do mar do sul, o que saira com bom sucesso. Terá este porto na barra pouco mais de légua, mas dentro pode estar, e ainda a maior nau que houver.

19.ª Pergunta: — Depois de entrada a barra, que forma toma a terra? a que rumo corre, e se lhe entram muitos Rios?

Resposta: — A Costa corre Nordeste Sudoeste, e o mesmo corre a terra. O Rio dentro corre ao noroeste, recebendo em si 6 rios, e uma Lagoa, além de vários riachos, de que se não faz conta.

20.ª Pergunta: — Que gentio povoa esta marinha, e se o que habita o fundo desta Enseada tem tido algum comércio com algumas embarcações nossas, e se fez algum resgate com elas, se tem ouro, e dá mostras de haver grande abundância dele, como também de gados para se fazer courana?

Resposta: — O Gentio que habita esta marinha chega até Castilhos, Maldonado, e Monte Vedio; é gentio livre, e os mais deles das Aldeias dos Padres da Companhia Castelhanos: uns em quanto tivemos guerras vinham acompanhar os Castelhanos que estavam de guarda em Monte Vedio, e Maldonado, como também o faziam os das Aldeias: outros nesse mesmo tempo negociavam com os Franceses, receosos sempre de que os Portugueses passassem aos dos Portos a povoá-los, e assim quase todos os meses se achavam neles três, e quatro navios carregados de courana, e cebos, que lhes vendiam os índios: o que sei pela notícia de um mesmo Castelhano, que esteve em um dos ditos navios Franceses naqueles portos, o qual se acha hoje casado no Rio de S. Francisco em que o deixou um navio Francês voltando dos mesmos portos, e não tendo notícia nem

até ao presente a há, de que embarcação alguma Portuguesa passasse aos ditos portos a comerciar com os Castelhanos, ou Índios; só o que sei é que alguns moradores da Laguna foram ao centro desta campanha a resgatar algum gado, e cavalgaduras, e com efeito fizeram o dito resgate com os Índios, e as conduziram para a mesma Laguna, trazendo em sua companhia alguns dos Índios, que tornaram a voltar para as suas toldarias, e campanhas.

A notícia que tenho, e me deram os moradores de Laguna sobre o ouro, é que nas cabeceiras do rio a que chamam Tecuarí havia bastante cópia dele, e que se o buscassem em todos os mais, que desaguam, como este no mesmo Rio Grande o achariam, segundo as disposições das terras, e o não estar já descoberto fora por estimarem mais que o Ouro, o gentio para se servirem dele, como também por não ter mais valor entre eles que 320 a oitava, e menos quintado. Também me disseram que em direitura do mesmo rio grande na serra chamada — Botucaraiba haviam minas de prata, por notícias, que havia dado um índio apanhado naquelas partes a Francisco Dias Velho, e ao Capitão-mor Domingos de Brito Peixoto; e com efeito foram estes com uma boa tropa a certificar-se do dito, e subindo pela serra chegaram perto do morro, onde o Índio dizia havia a prata, mas ouvindo alguns tiros de espingardas, e mandando explorar o que seria, acharam situados já naquela mesma parte aos P. P. Jezuitas Castelhanos com os seus Índios com caminhos feitos de Carros, e cavalgaduras em que conduziam a prata para as suas Aldeias, e como foram sentidos, vendo ser maior o poder dos ditos P. P., e receando o ficarem todos mortos na empresa, se retiraram logo para a Laguna, e certificaram que desde as cabeceiras do Rio Grande a estas minas puzeram 15 dias só de viagem, e 6 unicamente na volta pelo medo de que os seguissem.

No que toca à abundância de gado dizem-me que em tempo de secas descem inumerável ao dito Rio a beber água, e que no mais do tempo para se fazer courama é fácil sair a campanha

a faze-la principalmente havendo cavalos, o que os mesmos Índios nos vendem, exceto no Rio Cabopoana, como já disse em que pelo gentio, que o habilitava, ser bravo, é mais dificultosa a courama.

21.ª Pergunta: — Em que parte se pode fazer uma Povoação conveniente assim para se aproveitar de toda a utilidade, como para o aumento da nova Colônia, e prontidão para os seus socorros, assim dentro deste Porto do Rio Grande como fora da Costa do mar, ou perto da Ilha de Santa Catarina?

Resposta: — Duas paragens julgo próprias para duas Povoações que sirvam de socorro, e utilidade à nova Colônia do Sacramento, no Rio Grande de S. Pedro, dizem todos os que nele estiveram, e cursaram aquelas campanhas, Rios, matos, e serras, que não só se pode fazer uma cidade muito grande, mas de grandes conveniências para sua Majestade, e seus Vassalos, segundo consta das Certidões das Câmaras, e moradores das Povoações desta Costa, em que afirmam haver nele ouro e pedras de valor, achadas por vezes naquelas terras, como também abundância grande de prata, e muito maior de gado, que com facilidade se pode conduzir da campanha, e criar naqueles campos havendo moradores, que o domestique. Do peixe se podem carregar muitas embarcações que o transportem à Colônia quando o não queiram levar por terra em cavalos ou carros, por ser tudo campanha rasa, e de bons caminhos para isso.

Esta mesma bondade dos caminhos facilita à mesma Colônia todo o socorro, que se lhe queira fazer por terra em caso de necessidade, por que pode suceder ser em tempo, que não possam sair daquele porto as embarcações destinadas para isso por necessitarem da conjunção, tempo, e marés. Verdade é que não pode entrar por ora navio na dita barra, mas segundo me parece, de se povoar, e houver navegação, fará a Continuação fácil, o que agora se julgar dificultoso, como sucedeu ao prin-

cípio na barra da Laguna, que sendo perigosa ao princípio a entrada, hoje a faz sem receio qualquer Sumaca.

É preciso porém se faça na barra do mesmo rio uma Torre, ou no Pontal do Norte, ou no Sul para divisa não só das embarcações que a buscarem por ser tudo terra rasa, mas ainda para impedir, e represar os soldados que desertaram da Colônia.

A outra parte própria para o socorro da Colônia é a ilha de Santa Catarina pela facilidade com que se lhe pode acudir daquela Ilha por mar, e em todo o tempo, assim com madeiras que as tem excelentes, como com mantimentos que os produz de todo o gênero com abundância. Povoando-se esta Ilha poderão formar nela seus moradores alguns Engenhos de açúcar, porque as suas canas, são tão pingues e açucaradas, que de qualquer pingo delas se faz em açúcar; a sua entrada não depende de monção, de dia ou de noite a pode tomar qualquer navio, e sair dela; e para a sua defesa bastará uma única fortaleza no Estreito, e para impedir dos inimigos as lenhas, e as aguadas com uma companhia de Infanteria paga entre aqueles matos se consegue facilmente como o tem já conseguido por vezes os poucos moradores que ali se acham.

Isto é o que respondo às perguntas que se me fazem com declaração, que da Laguna, última povoação desta Costa do Sul até a Cidade do Rio de Janeiro ví, corri, e examinei, e sondei em pessoa, e do Rio Grande, sua campanha até dentro de Buenos Aires me informei de pessoas fidedignas, que cursaram todas aquelas campanhas muitos anos, o que tudo constará das certidões que tenho por vezes remetido aos Srs. Governadores do Rio de Janeiro de todas as Câmaras, e moradores das Vilas, e Povoações desta Costa Jurados aos Santos Evangelhos, e de como todo o referido passa na verdade o juro também aos mesmos Santos Evangelhos. Praça de Santos, 26 de Agosto de 1721 — *Manoel Gonçalves d'Aguiar*.

— : : —

Declaro que o Rio Grande de S. Pedro, terá de distância da barra às suas cabeceiras 50 léguas pouco mais ou menos, segundo dizem as pessoas que por melhor andarem, e em partes é tão largo, que se não vê terra d'uma para outra parte, e parece tudo um mar.

Declaro também, que a Ilha de Santa Catarina tem de comprido 9 léguas pelo rumo de N. S. e de largo em partes terá 3 léguas pouco mais ou menos, e me parece, que se S. Majestade a povoar será de mais utilidade a Povoação a fortaleza feita na barra, e terra firme na ponta do Estreito, em que algum tempo esteve a primeira povoação, e por causa de gentio bravo que então ainda ali havia, e passaram para a Ilha, na mesma ponta da terra firme se pode fazer também a Povoação por receio dos inimigos, sem embargo de que os navios onde dão fundo, que é na Ilha dos Ratões pouco mal lhe podem fazer por, distarem 3 léguas da Povoação, e menos o podem fazer pela barra do Sul distante 5 léguas da mesma Povoação.

— : : —

NOTÍCIA — 2.ª PRÁTICA

Que dá ao P. M. Diogo Soares, o Capitão Christovão Pereira, sôbre as Campanhas da nova Colônia, e Rio Grande ou Porto de S. Pedro.

Pede-me V. Rvma o informe da capacidade dessas terras até o Rio Grande, Laguna e Ilha de Santa Catarina, e das utilidades que delas se podem seguir, assim aos vassalos, como à Coroa, e Fazenda Real, e suposto me sobra o desejo de acertar, me falta a capacidade para discorrer, mas na confiança de que V. Rvma. desculpará os erros nascidos da minha ignorância, e obrigado da obediência, exporei o que tenho visto, e palpado em onze anos que tenho de experiência destas campanhas, e o que sente a rudez do meu discurso, e me ficará grande glória, e desvanimento se limitado, e aperfeiçoado no útil engenho de V. Rvma. tirar dêle algum fruto.

Compõe-se este d'um clima muito ameno, saudável, e criador de riquíssimas e férteis terras em que produz em grande maneira, e com vantagem mui crescida todos os frutos da Europa, assim Trigos, como vinhos, linho e toda a Casta de frutas, que pode causar inveja às de qualquer parte do mundo, com perto de cento e cinqüenta léguas de Campanha até o Rio Grande toda cruzada, de rios, revestidos de soberbos e vistosos arvoredos, que servem de sombra às suas correntes compostas de riquíssimas e salutíferas águas, nascidas d'uma serra, que começando do Maldonado vai cortando a Campanha, correndo ao Nordeste até altura de Castilhos, a qual com riquíssimos, e amenos vales pelo meio, do generoso lugar a que se possa cruzar, e comunicar duma a outra parte.

Em Castilhos, ou pouco mais adiante, correndo ao Noroeste vai buscar as Cabeceiras do Rio Grande, e logo da parte do Norte se torna a restituir a costa, e a vai acompanhando até S. Paulo, deitando pelas suas fraldas da parte do mar vistosos e aprazíveis Campos em distância de 80 léguas, desde o Rio Grande até a Vila da Lagusa, que cruzam três caudalosos rios, nascidos da mesma Serra. O Primeiro chamado Taramandí na língua do gentio, 30 léguas distante do Rio Grande a que se segue o 2.º, 20 léguas mais adiante chamado Ibopetuba, e logo em distância de 15 léguas se segue o Terceiro a que chamam Araranguá, todos dágua doce e nestes meios abundância de lagoas, e matos com providência de lenhas, e vistosos campos.

E tornando ao Rio Grande não digo é uma das mais vistosas coisas, que criou a natureza, por não parecer encarecido, ou cair na censura de ignorante; mas expondo a sua grandeza, deixarei, o louvor à ponderação de V. Revma. Corre de Oeste a Leste, e na entrada distância pouco menos de 2 léguas, com meia de largo, para a parte do Norte faz uma barra, ou praia de areia com uma enseada em que podem ancorar grande número de Navios, boa tença, seis ou sete braças de fundo, todo limpo, encostado a uma planície, que lhe fica superior, a que alguns que ali têm chegado, puseram o nome de Cidade, e não sem mistério pelo que naquele lugar se pode fazer com um rio de excelente água doce, que permanente por um lado se mete no Rio Grande.

Neste lugar é a única parte em que se pode povoar, e passar, e ainda que tem bastante largura, não é dificultoso o passar nela animais em razão de que com maré vazia tem bancos em que descansam, e tem já passado muitos com felicidade conduzidos pelos mercadores da Laguna, e eu passei alguns em minha companhia.

Pouco mais acima entra neste Rio na parte do Sul uma lagoa de extremada grandeza, a que chamam Braço, na boca estreita, e logo para dentro vai alargando até se perder de vista

MATOSINHOS — (RUGENDAS)

duma a outra parte, e vem entrando a Campanha para o Sudoeste, distância pouco mais ou menos de 30 léguas aonde recebe em si vários rios saidos da Serra, e entre êles o mais principal se chama Sabolhatí.

Da parte do Norte faz um saco a modo de enseada, que arrimada à falda da Serra entra pela Campanha também perto de trinta léguas até o Rio chamado Taramandí; logo para dentro faz um bolso que a vista não alcança, a que chamam Rio Grande de que não posso dar mais notícia, que a que adquirí de algumas pessoas antigas na Vila da Laguna, que me disseram entrava pela terra mais de 60 léguas, e que nas suas cabeceiras entravam vários rios, com muitos matos, e terras muito vistosas onde se podiam fazer muitas Povoações, e rendosas fazendas, e por notícia de algum gentio se afirmava haver nelas abundância de Ouro, e pedras de valor. Bom desejo tive de examinar a sua grandeza mas faltaram-me os meios para o poder fazer, sendo o principal de que se necessita, embarcação capaz, porém qual ela seja, se pode considerar de um Corpo que tem semelhantemente braços.

Da barra também não poderei dizer mais que o que alcancei de alguns homens marítimos, que levados dos seus interesses se animaram.

ÍNDICE